

3

CADERNO DE ATIVIDADES . SABERES E FAZERES

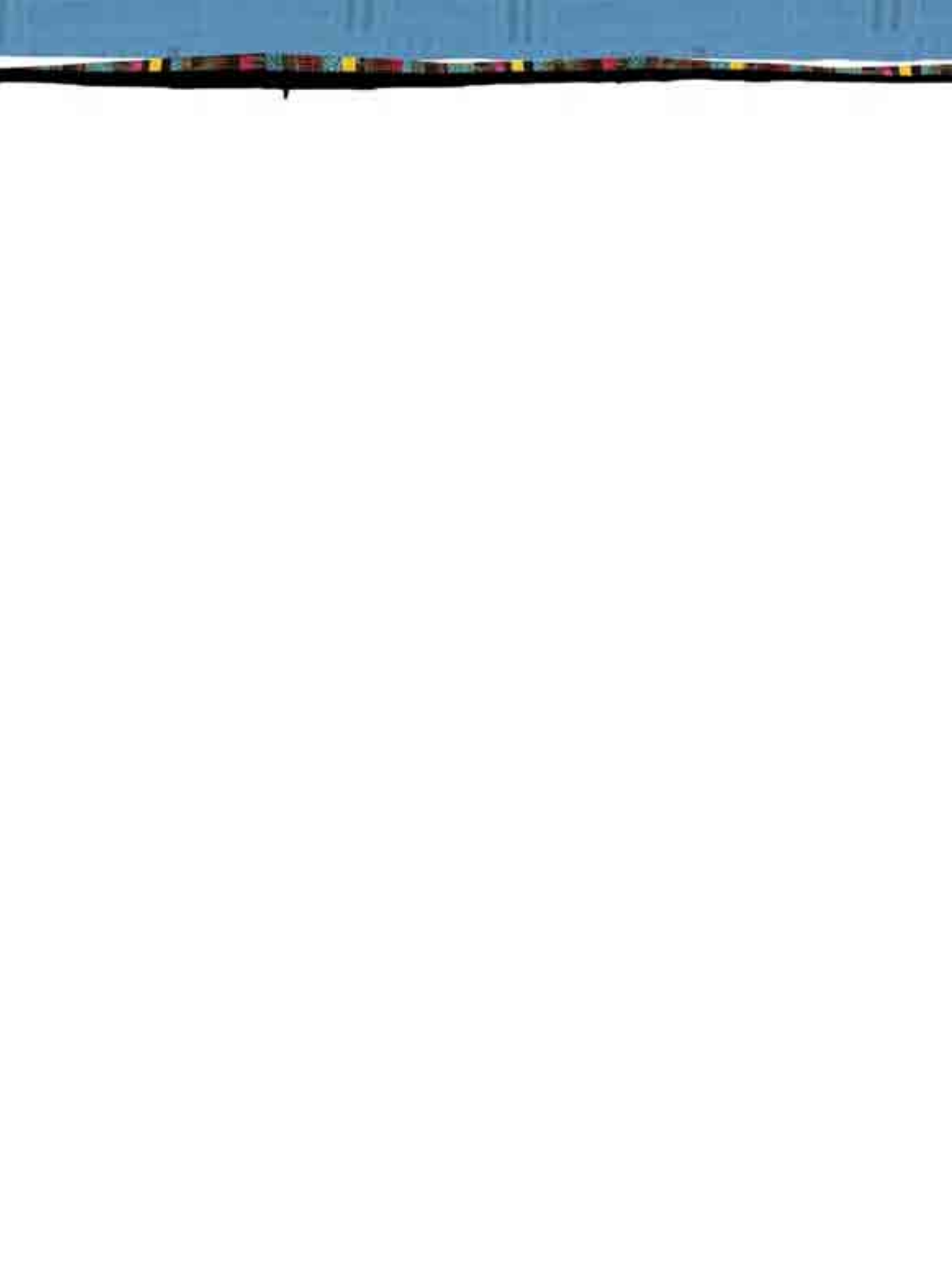
Modos de Interagir



CADERNO DE ATIVIDADES . SABERES E FAZERES

Modos de Interagir







3

CADERNO DE ATIVIDADES . SABERES E FAZERES

Modos de Interagir



Secretaria Especial de
Políticas de Promoção da
Igualdade Racial



APOIO:
Ministério
da Educação

GOVERNO FEDERAL

MEC - Ministério da Educação

SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

PETROBRAS

Presidente da Petrobras • JOSÉ SÉRGIO GABRIELLI DE AZEVEDO

Gerente-Executivo de Comunicação Institucional da Petrobras • WILSON SANTAROSA

CIDAN - Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro

Presidente de Honra • ZEZÉ MOTTA

Presidente • JACQUES D'ADESKY

Diretor • ANTÔNIO POMPÊO

Diretor • CARLOS ALBERTO MEDEIROS

Secretário • SÉRGIO ABREU

REDE GLOBO

Central Globo de Comunicação

Central Globo de Jornalismo

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

Presidente • JOSÉ ROBERTO MARINHO

Secretário-Geral • HUGO BARRETO

Superintendente-Executivo • NELSON SAVIOLI

Gerente-Geral do Canal Futura • LUCIA ARAÚJO

Gerente de Mobilização • MARISA VASSIMON

Gerente de Desenvolvimento Institucional • MÔNICA DIAS PINTO

ISBN - 85-7484-357-1

A Cor da Cultura - **Saberes e Fazeres - Modos de Interagir**

Copyright © Fundação Roberto Marinho

Rio de Janeiro, 2006

Todos os direitos reservados

1ª Edição - 2006

CANAL FUTURA

Coordenação do Projeto • ANA PAULA BRANDÃO

Líder do Projeto • GUSTAVO BALDONI

Assistentes de Núcleo • MARIANA KAPPS E ALEXANDRE CALLADINNI

Coordenação de Conteúdo • DÉBORA GARCIA, LEONARDO MACHADO E LEONARDO MENEZES

Coordenação de Produção • VANESSA JARDIM, JOANA LEVY E JANAÍNA PAIXÃO

Equipe de Mobilização • FLAVIA MOLETTA E PAULO VICENTE CRUZ

EXPEDIENTE

Consultoria Pedagógica • AZOILDA LORETTO DA TRINDADE

Consultoria de Conteúdo • MÔNICA LIMA

Consultoria A Cor da Cultura • WÂNIA SANT'ANNA

Consultoria Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD/MEC • DENISE BOTELHO, EDILEUZA PENHA DE SOUZA, ANDRÉIA LISBOA DE SOUZA e ELIANE CAVALLEIRO

Texto Final • AZOILDA LORETTO DA TRINDADE

Pesquisa de Imagens • DANIELA MARTINEZ

Edição dos Textos • LIANA FORTES

Revisão • SANDRA PAIVA

Projeto Gráfico • INVENTUM DESIGN

Ilustrações • EDNEI MARX

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S119 v.3 Saberes e fazeres, v.3 : modos de interagir / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006 152p. : il. color. - (A cor da cultura) Inclui bibliografia ISBN 85-7484-357-1 1. Cultura - Estudo e ensino. 2. Multiculturalismo. 3. Educação multicultural - Brasil. 4. Negros - Educação - Brasil. I. Brandão, Ana Paula. II. Fundação Roberto Marinho. III. Título: Modos de interagir. IV. Série. 06-0650. CDD 306.607 CDU 316.7
--

21.02.06 24.02.06

013453

Fundação Roberto Marinho

Rua Santa Alexandrina, 336 - Rio Comprido - 20.261-232 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel.: (21) 3232-8800 - Fax: (21) 3232-8031 - e-mail: frm@frm.org.br - www.frm.org.br

Sumário

Introdução	9
Valores e referências afro-brasileiras	17
Memória	18
Ancestralidade	28
Religiosidade	31
Oralidade	34
Musicalidade	41
Cooperação/Comunitarismo	46
Axé, energia vital	54
Corporeidade	61
Ludicidade	67
Circularidade	78
Articulando os valores	81
Conhecendo e reconhecendo a África	91
Da África à diáspora africana	99
Para Concluir	101
A Roda do Tempo	105
Marcos Cronológicos da História Africana e Afro-americana	107
Como trabalhar a Roda do Tempo	147
Referências Bibliográficas	149



Introdução

Seguindo uma tradição, iniciamos este caderno com o fragmento de uma canção:

*Nkosi, sikelel' iAfrika!
Maluphakanyisw' uphonde lwayo,
Yizwa imithandazo yethu!
Nkosi, sikelela..
Nkosi, sikelela..
Nkosi sikelel' iAfrika!
Maluphakanyisw' uphonde lwayo,
Yizwa imithandazo yethu!
Nkosi, sikelela..
Thina lusapho lwayo!*

Senhor, abençoe a África!
Que o espírito dela se erga,
Ouve também nossas preces!
Senhor, abençoa-nos...
Senhor, abençoa-nos...
Senhor, abençoe a África!
Que o espírito dela se erga,
Ouve também nossas preces!
Senhor, abençoa-nos...
A nós, a família africana!

Destacamos esse fragmento, que hoje faz parte do Hino Nacional da África do Sul, mas que originalmente foi um hino religioso que entrou para a História como uma canção de protesto contra o regime de segregação racial (*apartheid*). Trazemos essa canção na esperança de que, como educadores e educadoras, sintamos a responsabilidade histórica e social diante da implementação da Lei nº 10.639/2003. Com este trabalho, nos ligamos a todas as pessoas que, com ações esporádicas ou cotidianas, enfrentam o racismo e todas as formas de injustiça social.



Nkosi, sikelela..
Nkosi, sikelela..

Senhor, abençoa-nos...
Senhor, abençoa-nos...

A missão deste Caderno é apresentar, a partir dos produtos do kit do projeto **A Cor da Cultura**, propostas de atividades pedagógicas numa perspectiva crítica, criativa e cuidadosa, e discutir temas que surgiram a partir dos programas de televisão, do material impresso, do CD e do jogo: as experiências, os heróis, a música, a religiosidade, a literatura....

Desde já, sublinhamos que são propostas, convites, sugestões, oferendas, proposições, indicações, jamais uma receita, uma camisa-de-força, um modelo prescritivo a ser obedecido.

É um convite para que, a partir do projeto e das experiências culturais pessoais, cada um possa incluir, no seu cotidiano pedagógico, atividades que valorizem as culturas afro-brasileira e africana, particularmente a História e a cultura afro-brasileira. Que cada um veja a importância dos/das africanos/as e afro-descendentes na constituição deste país e desta nação.

(...) todos os saberes se equivalem, nenhum tem a primazia sobre os outros: aplica-se a mesma regra aos homens e ao que eles sabem.

Serres, 1994:174

Pensar nessa dimensão de valorização nos coloca diante de um imenso universo a ser descoberto, ressignificado, reapropriado por nós no nosso dia-a-dia, para além da sala de aula. É um convite para que percebamos o quanto somos afro-descendentes, afro-brasileiros, não importando a cor da nossa pele ou a marca fenotípica da nossa ascendência. Temos na nossa constituição a grande presença, a grande permanência da África. Para ilustrar essa rica dimensão, com a qual ora nos deparamos, trazemos o conto *A Função da Arte*, de Eduardo Galeano, que nos permite fazer uma analogia entre o mar do conto e o “mar” das africanidades brasileiras.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Galeano, 1981:15

Diante da imensidão afro-brasileira, estamos tal qual o menino do conto, diante do mar. Tal como o menino, estamos frente à necessidade de aprender a olhar o que está em cada canto, em cada corpo, em cada prédio, em cada lugar: a inscrição afro-brasileira. Só que precisamos, como quem se põe diante da imensidão do mar, aprender a olhar, reeducar o olhar para ver além dos preconceitos e da ignorância. Fazer uma abrangência de conhecimentos, perceber que a vida, o cotidiano, o mundo são um universo de conhecimento a ser descoberto e inventado, que tudo — absolutamente tudo — que acontece pode nos ensinar algo, que o conhecimento não é linear, ele se dá em redes e conexões...

Conhecer e saber, neste contexto, é experimentar, sentir, vivenciar. Não há separação estanque entre vivido e concebido, saber é fazer e fazer é saber.

Luz, 1995:574

Acreditamos que cada professor e cada professora, na sua coletividade, na ação pesquisadora da sua prática, pode estar ressignificando, implementando, enriquecendo, ampliando esse cotidiano com seu próprio repertório ou com o que ele/ela for capaz de articular. Cremos que, com a nossa capacidade de ações pedagógicas críticas, criativas e “cuidantes” ativada, podemos contribuir para

o processo de transformação das escolas ao incorporar fisicamente, e não só conceitualmente/racionalmente, a cultura negra no cotidiano escolar. Podemos mudar os paradigmas elitistas, eurocêntricos e, assim, influir efetivamente na construção de uma educação brasileira multicultural.

Para fazerem sentido neste projeto, as atividades demandam uma relação profunda com a perspectiva da inclusão, do combate ao racismo, da aceitação das diferenças, da alteridade, da valorização e do reconhecimento da nossa brasilidade com todas as matrizes culturais e étnicas das quais somos constituídos, de forma positiva.

A escola precisa se organizar para demonstrar a todos a importância da pluralidade racial na sociedade. Os educadores devem contemplar a discussão da diversidade racial da sociedade; discutir os problemas sociais e as diferentes proporções em que atingem os grupos raciais.

Eliane Cavalleiro – Projeto A Cor da Cultura
– Caderno 1

É importante destacar que sempre procuramos, na estrutura do Caderno 3, apresentar um fragmento de texto, músicas, lendas, danças, histórias, brincadeiras, citações, leituras as mais variadas... algo que dê um suporte, que dialogue com a atividade – não é à toa que o caderno leva o subtítulo *Modos de Interagir*. Tentamos evitar que as atividades fiquem soltas, descontextualizadas. Procuramos sempre correlacioná-las com os diversos produtos do projeto.

Evitamos dividir as atividades por áreas de conhecimento, como matemática, ciências, artes... Temos como pressuposto a transdisciplinaridade.





Não nego que o conhecimento disciplinar, conseqüentemente o multidisciplinar e o interdisciplinar, são úteis e importantes, e continuarão a ser ampliados e cultivados, mas somente poderão conduzir a uma visão plena da realidade se forem subordinados ao conhecimento transdisciplinar.

D'Ambrósio in <http://www.sociologia.org.br/tex/universidades.htm>

As atividades não estão direcionadas a um grupo dividido por faixa etária. Essa adequação caberá ao educador/à educadora. Por exemplo, a série de programas *Livros Animados*, que faz parte do kit **A Cor da Cultura**, embora voltada para crianças, por sua riqueza, pode ser apropriada por qualquer pessoa. Quando levamos estudantes para uma visita a um museu ou comunidade, ela será apropriada por todos que participarem dela. Nossa perspectiva é que a utilização das atividades, a maneira como serão utilizadas, apropriadas e reapropriadas, deverá ser um dos desafios dos educadores e educadoras.


Outro ponto que deve ser colocado é o desafio de trabalhar, na nossa prática, com os referenciais afro-brasileiros. Explicando melhor: o que nos faz brasileiros e brasileiras? Ora, um dos pontos é a nossa diversidade étnico-racial. Podemos ter cara africana, árabe, européia, asiática, de qualquer região do mundo. Esse é um dos desafios de trabalhar com a dimensão afro-brasileira. Nosso país é plural, marcado por uma imensa diversidade, tanto em seus aspectos naturais como humanos.

Alteridade

Característica do que é outro. Opõe-se a identidade. (Lalande, 1999)

Focando nossa matriz africana, nos deparamos com a certeza de que a África também é pluralidade. Essas Áfricas, que de várias maneiras chegaram e chegam ao Brasil, que se misturaram e se misturam a outros grupos, gerando conflitos, encontros e desencontros com grupos que também são plurais, nos confrontam com o desafio da **alteridade**.

Devemos aprender e reaprender no nosso cotidiano com o que nos marca como brasileiros e brasileiras; a nossa diversidade cultural é um desafio, so-



bretudo quando sabemos da imperiosa necessidade anti-racista de não hierarquizarmos essa nossa pluralidade étnica.

A população de ascendência africana no Brasil tem, portanto, suas formas de organização cultural, e através delas mantém viva parte da tradição trazida pelos africanos escravizados, desde os primeiros tempos do sistema colonial escravista, ocorrendo transformações na vida em sociedade.

Essas formas de organização cultural no Brasil foram mantidas através de uma forte ligação com as raízes ancestrais vindas da África, e se manifestam através de traços da civilização africana aqui dinamicamente reelaborados, de uma cultura recriada a partir dessas bases da civilização originária e expressões de mitologia, simbologia e ritualidades expressas nas práticas religiosas (...).

Siqueira in Boaventura & Silva, 2004:68



Valores e referências afro-brasileiras



A cada dia acontece uma lição de vida.
Aprende-se de tudo, a comunicação com os
mais velhos, com os mais novos, o trabalho
em grupo fazendo-se o que gosta ou que não
gosta; e sobretudo aprende-se o gosto pela
vida, numa estreita relação com o Orixá.

Mãe Stella in Boaventura & Silva, 2004:63

Queremos lembrar, evocar e convocar aqueles aspectos que destacamos no Caderno 1, os valores/referências civilizatórios afro-brasileiros.

O diagrama ao lado busca mostrar/ilustrar que tais valores não são lineares, estanques, mas se interpenetram, se hibridizam, obedecem a fluxos e conexões que se dão na cotidianidade e na imersão e absorção dessa dimensão civilizatória.

Todos, absolutamente todos, se relacionam, afinal, temos...

Valores que esperamos introduzir e/ou fortalecer no nosso cotidiano. Sabemos que não só os/as afro-brasileiros/as carregam a alegria no coração como um valor existencial. Contudo, é importante ressaltar esse aspecto, no caso deste projeto, porque, se não tivermos consciência das várias ascendências que coexistem dentro de nós, seremos brasileiros cindidos, com fendas existenciais, com vergonha, de cabeça baixa, sem auto-estima. Estamos nos referindo à auto-estima da nossa brasilidade.

Rompendo com o racismo que marca nossa brasilidade e valorizando a nossa afro-brasilidade, trabalhamos na direção do orgulho, da positividade de ser brasileiro. Ora, todo mundo tem, no Brasil, um pouco de africano dentro de si. Todos temos a África dentro de nós!

Trabalhar com a dimensão afro-brasileira é evocar...

...a Memória

Creemos que, na concepção afro-brasileira de vida, há uma valorização, uma focalização da dimensão cotidiana, do aqui-e-agora, do momento possível. Buscaremos, para fortalecer a idéia de valorizar e visibilizar a nossa afro-brasilidade, uma situação cotidiana para ilustrar como essa matriz étnico-racial encontra-se, ainda, subalternizada em nossa brasilidade:



Esta situação ocorre num apartamento localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro com pouca área externa de serviço, num prédio com piscina, área de lazer, salão de festa, vagas na garagem. Na área externa do apartamento, há uma espécie de bancada de concreto, em cujo interior é permitido guardar objetos. É uma bancada alta que dá para o basculante da cozinha. Sobre esta bancada, a moradora colocou uma caixa de madeira, com duas portinhas. Parece um caixote simples, com uma portinha que vive aberta. Dentro da caixa existem duas **quartinhas** e, sobre a caixa, a imagem de um santo católico que não dá para ver qual é, porque ele está descascado, pois vive ao relento, exposto à chuva e ao sol, ao dia e à noite. Vale dizer que está localizado do lado de fora do apartamento, num local escondido, uma espécie de oratório, de culto a alguma entidade religiosa. Toda manhã,

uma mulher de cabelo castanho, pintado de louro,
faz uma reverência a essa imagem: após tocá-la,
leva os dedos à própria testa, peito e nuca.
Tudo nos leva a crer que se trata de um culto
religioso afro-brasileiro.

Destacamos essa cena cotidiana para, como já sinalizamos, demonstrar a sutil e camuflada tentativa de exclusão e invisibilização da cultura afro-brasileira na nossa sociedade e a importância de valorizarmos essa cultura, presente na vida nacional. É incontestável que a mulher citada no texto é afro-brasileira no sentido cultural do termo – contudo, marginaliza, esconde essa dimensão até no seu espaço privado, na sua moradia. Trata-se, para nós, de uma situação emblemática de como a cultura e a História afro-brasileiras são tratadas, do sentimento de vergonha em relação a elas. Tenta-se esconder essa marca com ações, comportamentos e gestos, no corpo, no pensamento...

Tal situação coloca-nos diante de dois desafios: o enfrentamento do racismo e o reavivamento do orgulho da nossa memória afro-brasileira. Para que possamos ver e sentir essa afro-brasilidade e tenhamos orgulho de exibi-la, é necessário mexermos no eixo do racismo e da memória. O racismo, como algo a ser enfrentado, e a memória, para que essa existência afro-brasileira, essa cultura, essa presença africana que existe em nós possa emergir. É fundamental que trabalhemos a memória, para vermos como ela está nos nossos prédios, na nossa cidade, no nosso corpo, no nosso coração, na nossa história, na nossa existência, em toda sua plenitude, no nosso modo de andar, cantar, sentir, ser gente, querer. Nessa perspectiva, numa imersão, numa espécie de aquecimento, na tentativa de reverter um processo que historicamente vem massacrando especialmente os afro-brasileiros de pele escura, propomos:

a) Alguns fragmentos para reflexão:

Numa sociedade que exclui, oprime, oculta
conflitos e as diferenças sob a ideologia da
igualdade, ainda que seja um fato biológico, ainda

que todos sejamos memoriosos e memorialistas,
a memória é um valor, um direito a conquistar.

Marilena Chauí

O lembrar e compartilhar o passado confirma
quem somos.

Loventhal

As memórias individual e coletiva têm nos
lugares uma referência importante para a sua
construção, ainda que não sejam condições para
sua preservação, do contrário, povos nômades
não teriam memória. As memórias dos grupos se
referenciam, também, nos espaços em que habitam
e nas relações que constroem com estes espaços.
Os lugares são importantes referências na memória
dos indivíduos, donde se segue que as mudanças
empreendidas nesses lugares acarretam mudanças
importantes na vida e na memória dos grupos.

Zilda Kessel, disponível em: www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br

- b) Algumas propostas de ações pedagógicas:
Fortalecimento de memórias individuais, coletivas e inconscientes.



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Discutir o que é memória.
- Solicitar que os/as alunos/as façam um acróstico dizendo o que é memória para eles/as.
- Exemplo — **MEMÓRIA**

M	I	T	O	S															
E	D	U	C	A	Ç	Ã	O												
M	O	B	I	L	I	Z	A	Ç	Ã	O									
O	R	I	G	E	M														
R	E	L	I	G	I	O	S	I	D	A	D	E							
I	D	E	N	T	I	D	A	D	E										
A	F	R	I	C	A														

- Socializar os acrósticos e debatê-los.
- Escrever, ou desenhar, se forem pequenos, sua história/memorial.
- Compartilhar os escritos.
- Uma lembrança boa que você quer lembrar/uma lembrança ruim que você quer esquecer.
- Compartilhar as lembranças.
- Avaliar as atividades.

TEMA: MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA

Dizem que nós, brasileiros (e brasileiras), não temos memória. Será? Claro que temos. Temos várias memórias e uma delas é a memória afro-brasileira.

■ Tarefa para os/as estudantes:

Trazer para a escola um objeto de casa, seja ele qual for, que, direta ou indiretamente, traz à sua memória a presença afro-brasileira.

No dia seguinte, o/a coordenador(a)/professor(a) prepara o ambiente para receber com honrarias esses objetos — é importante que os estudantes percebam a importância que o/a professor/a está dando à atividade.

As carteiras devem ser arrumadas em círculo. O chão da sala, no centro, deve ser forrado com uma esteira, pano grande ou papel, para que ali sejam depositados os objetos.

Ao chegarem à classe, os alunos/as devem ser recebidos por um fundo musical com músicas afro-brasileiras instrumentais.

Todos se sentam em círculo e, um a um, colocam os objetos que trouxeram no centro da roda, explicam do que se trata e por que os trouxeram.

O/A professor/a registra o conjunto dos objetos com uma máquina fotográfica e pede que os/as alunos/as registrem plasticamente seus objetos.

É fundamental que haja um investimento da escola na construção de um acervo pedagógico com material de suporte, incluindo CDs, vídeos, livros, mapas. Se toda comunidade escolar tomar essa questão como parte do seu projeto político-pedagógico de fato, há que fazer um investimento: construção de acervo, centros de estudos, planejamentos cooperativos, diálogo com a comunidade... e a certeza de estar dando uma contribuição à construção de uma escola e de um país mais justos e socialmente igualitários.

■ Tarefa posterior para os estudantes:

Escrever, ao lado do desenho do objeto, por que o trouxe, o que é e qual a história dele.

No outro dia, devem expor em mural os desenhos e histórias e escolher o desenho de um colega para construir uma história a partir dele.

TEMA: A MEMÓRIA DA LÍNGUA

As palavras povoam nosso cotidiano, nossa história, nomeiam, significam a vida. Com o livro *Memória das Palavras*, vamos perceber o quanto falamos línguas africanas e o quanto sabíamos e não sabíamos da existência de palavras de origem africana no nosso cotidiano. Um dos nossos desejos é descobrir o que tem de africano em nós, na nossa família, na nossa história, que marcas afro-brasileiras existem em nós, no nosso entorno.



Vamos à praia de **tanga** ou **sunga**, carregamos a **canga** na mochila, calçamos **tamanco**. Brincamos o carnaval da Bahia com **abadá**, ou dançamos **samba** com muita **ginga**, embalados pela **cuíca**, **agogô** e **ganzá**. Comemos **caruru** e **mocotó**, botamos **dendê** no **acarajé** e no **vatapá**... Fumamos **cachimbo**, bebemos água de **moringa**, damos um **pito**, tomamos um gole de **cachaça**, usamos **carimbo** e não gostamos de **camundongo**.

A Cor da Cultura, Mojobá, Programa 5 – Literatura e Oralidade

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



Atividade Inicial

- Solicitar que os alunos digam:
- Qual a história dos seus nomes?
- Que nomes existem nos seus nomes?
- Se eles têm apelidos, quem os deu? Quais são eles? Por quê?
- Compartilhar as informações.

Discutir

Todas as palavras têm história e também memória, que lhes conferem a possibilidade de serem cultivadas ou não. Tudo tem nome, tem uma palavra para representá-lo. Tudo o que o ser humano pode ver, sentir,

tocar, cheirar, imaginar, representar tem nome. Palavras cultivadas, palavras condenadas, palavras submersas, mas presentes; palavras hierarquizadas, com vários sentidos, de várias origens...

■ No livro, um universo a ser explorado

O livro Memória das Palavras é um convite à nossa memória, à nossa curiosidade, à compreensão da dinâmica da nossa língua, à nossa criatividade e imaginação. Quantas ações pedagógicas podemos produzir, reproduzir, ressignificar, copiar, criar e recriar a partir deste glossário... Vamos a algumas:

A. *Conversar sobre os falares africanos no Brasil, a presença negra nos modos de falar, sentir, se expressar. Em seguida, fazer uma brincadeira com o livro, antes de apresentá-lo. Distribuir palavras do glossário a um grupo de estudantes e distribuir seus significados a outras pessoas da classe. Um a um, os estudantes lerão suas palavras. Quem estiver com o significado delas deverá juntar-se a eles, de modo a formar uma dupla entre a palavra e seu significado. A atividade deve ser feita em círculo. Depois, apresentar o livro, que poderá ser manuseado por todos.*

B. *Selecionar as palavras por repertórios. Classificá-las:*

Alimentos

Vestimentas

Lugares

Instrumentos musicais

Partes do corpo

Situações do cotidiano

Utensílios

Animais

Saudações

Expressões

Divindades religiosas

Danças

- C. *Construir uma espécie de abecedário ilustrado/minidicionário, como complementação ao glossário, com algumas das palavras, ou fazer um com palavras que não constam no livro Memória das Palavras.*
- D. *Organizar um livro de receitas de comidas que constam no livro e ampliá-lo com outras do repertório da sua escola (local, nacional, regional, internacional etc.).
Pode contar a história do alimento, origem, detalhes da região de onde ele vem...*

Alguns vegetais de origem africana: inhame, quiabo, trigo, pimenta-malagueta.

Vatapá

Dorival Caymmi

Quem quiser vatapá, ô
Que procure fazer
Primeiro o fubá
Depois o dendê
(...)

Bota castanha-de-caju
Um bocadinho mais
Pimenta-malagueta
Um bocadinho mais
Amendoim, camarão, rala um coco
Na hora de machucar
Sal com gengibre e cebola, iaiá
Na hora de temperar

(...)

Com qualquer dez mil réis e uma nêga ô
Se faz um vatapá
Se faz um vatapá
Que bom vatapá



Vatapá

É sem dúvida um "prato soma", reunindo ingredientes da terra; dos indígenas; do mundo oriental, como gengibre; bacalhau e pão vindos do reino de Portugal, além do dendê, que vem da Costa da África. Watapá, um prato dos homens e dos deuses. (*A culinária baiana no restaurante do Senac Pelourinho*, 2004)

E. *Organizar um concurso de desenhos de figurinos com as vestimentas que constam no glossário. Pode-se chegar até a confeccionar as roupas e promover um desfile no final, apresentando a coleção criada.*

Como se faz uma marimba

Material

Cinco latas de tamanhos diferentes, sem as tampas
Fita crepe ou esparadrapo
Uma vareta

Modo de fazer

Juntar as latas, duas a duas ou três a três, e passar a fita crepe em torno delas para prendê-las.

Juntar depois os grupos de latas e passar a fita crepe ao redor de todas elas, dando duas ou mais voltas, para que elas fiquem bem firmes.

Vire as latas para usá-las como tambor.

Está pronta sua marimba!

Não se esqueça de decorar o instrumento.

F. *Confeccionar instrumentos musicais que constam no livro, como por exemplo a marimba. Depois, preparar uma apresentação musical.*

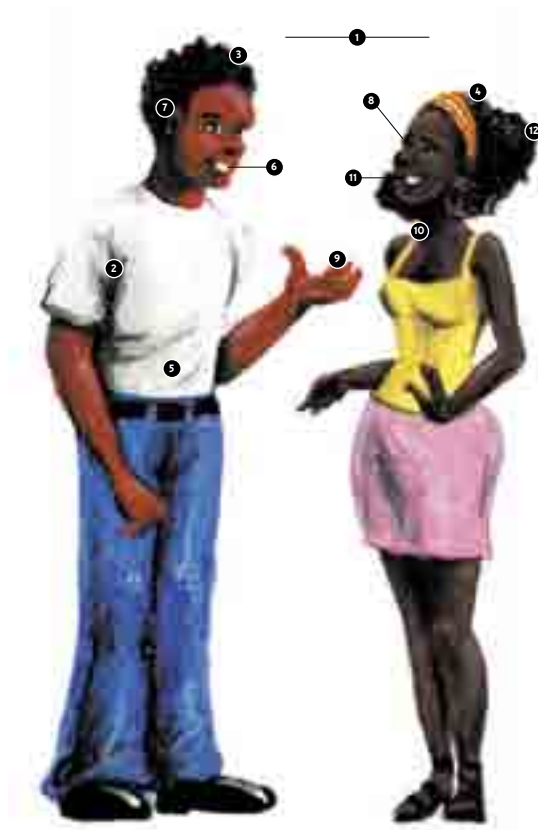


G. *Construir um livro ilustrado de divindades afro-brasileiras. Desenhá-las, pesquisar suas lendas e mitos, suas origens africanas. Pode-se dividir a classe em grupos, ficando cada um responsável por uma divindade. Eles podem aprender suas danças e seus significados, aprender sobre suas comidas mais simples e como prepará-las, e ainda comparar essas divindades aos deuses gregos, greco-romanos, egípcios etc.*

Registrar, sempre, o trabalho desenvolvido. Articular com a série Mojubá.

- H. *Elaborar palavras cruzadas, cruzadinhas, caça-palavras, bingo usando o repertório do glossário Memória das Palavras.*
- I. *Apresentar desenhos de lugares. Solicitar às/aos alunos/as que digam os nomes deles, tendo como referência o glossário. Por exemplo: cafofo, cafua, casebre... Elaborar desenhos para ficarem à disposição no site ou no caderno, para reprodução. O mesmo deve ser feito em relação aos utensílios.*
- J. *Nomear alguns lugares para os/as estudantes, que deverão desenhá-los. Repetir em relação aos utensílios.*
- K - *Desenhar o contorno de dois corpos, um feminino e outro masculino, e nomear as partes deles a partir do glossário e de outras pesquisas dos falares africanos e afro-descendentes no Brasil. Veja exemplos:*

1. **ABADJÁ** – CORPO HUMANO
2. **ABIÁ** – AXILA
3. **CAMUTUÊ** – CABEÇA
4. **ORI** – CABEÇA
5. **DIVUNA** – BARRIGA
6. **EIM/INVICE** – DENTE
7. **MATU** – OUVIDO
8. **MEÇU** – OLHO
9. **MULEMBO** – DEDO
10. **UPUNFO** – PESCOÇO
11. **ANUIM** – BOCA
12. **IRUM** – CABELO



- L. *Brincar de mímica*. Escolhe-se uma palavra do glossário, que deverá ser representada por meio de gestos. O grupo deverá adivinhar que termo está sendo dramatizado.
- M. *Confeccionar caixinha de memória*, uma caixinha-surpresa com as memórias de cada um.
- N. *Descobrir que palavras do repertório afro-brasileiro existem na sua localidade, Estado, cidade, região*.

...a Ancestralidade

Babá Alapalá

Gilberto Gil

(...)

O filho perguntou pro pai:
"Onde é que tá o meu avô
O meu avô, onde é que tá?"

O pai perguntou pro avô:
"Onde é que tá meu bisavô
Meu bisavô, onde é que tá?"

O avô perguntou pro bisavô:
"Onde é que tá meu tataravô
Meu tataravô, onde é que tá?"

Tataravô, bisavô, avô
Pai Xangô, Aganju
Viva egum, babá Alapalá!

(...)

Mães-de-Santo, assim como os mais velhos de um modo geral, ensinam a cada instante, em situações do cotidiano. O aprendizado vai sendo naturalmente assimilado.

(...)

... há detalhes desta aprendizagem que só se aprende fazendo. Não há escola para Mãe-de-Santo. Não há receitas nem métodos em programas. A Mãe-de-Santo aprende lá dentro do quarto de axé. Aliás, se aprende sempre. Eu sempre estou aprendendo. Aprendendo com filho de santo e até com **abiã**. Aprende-se não se sabe como. Esta é a magia do Candomblé. É aí que se dá a transferência do saber de geração a geração.

Mãe Stella in Boaventura & Silva, 2004:61-63

Abiã

É o nome que se dá ao novato, que está se iniciando no culto do candomblé.

Quando se pensa em ancestralidade, faz-se uma imediata relação com a história e com a memória. Convém não esquecer.

A ANCESTRALIDADE TRABALHADA COMO MEMÓRIA

Ver/ouvir pessoas idosas, mais vividas, as memórias da vivência afro-brasileira que elas trazem, carregam e compartilham. É uma atividade de pesquisa, investigação e construção do conhecimento, marcada pela aproximação, pelo contato direto, não só pelo livro, pelo vídeo, pelo mediado, pelo distante. Ir ao encontro. Conversar/entrevistar uma ou duas idosas, uma negra e outra branca ou de outra etnia, e comparar as percepções afro-brasileiras, tirar conclusões a respeito, sempre atento ao próprio preconceito. Pensar e descobrir o que essas pessoas carregam nos seus corpos como memória do ser negro brasileiro.

A memória compõe nossa identidade. É por intermédio da memória que construímos nossa história. Ao construir a memória, construímos a

A tela **A Redenção de Can** (1895), de Modesto Brocos y Gomez, representa a miscigenação entre brancos e negros no Brasil



lembrança, que para existir precisa do outro e necessita ser compartilhada. Assim também é a obra de arte.

Franklin Espath Pedroso. Disponível em: <http://www.mamrio.com.br/>

TEMA: ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA ICONOGRÁFICA

(...) em 1911, o médico e antropólogo físico João Batista de Lacerda, então diretor do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, viajou para Londres como representante do governo brasileiro para apresentar no I Congresso Internacional das Raças um trabalho no qual argumentava que o Brasil mestiço de então estava em processo de branqueamento. Para ilustrar sua proposta, Lacerda lançou mão de uma pintura de Brocos y Gomez (...) que para ele encapsulava a “esperança” de que a população brasileira viria a branquear em poucas gerações. Os elementos constitutivos da obra – incluindo expressão, postura, tonalidade de tez e disposição espacial dos personagens – veiculam uma mensagem inequívoca, qual seja, a de que a miscigenação na direção “correta rapidamente alteraria a constituição racial brasileira”. (Maio & Santos,1995:09)



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- A. O/A professor/a projeta essa imagem, sem o título, e solicita que os/as alunos/as a leiam, silenciosamente.
- B. Solicita que todos descrevam a figura, o que cada personagem está fazendo. Por exemplo, o que fazem a criança, o homem, a senhora idosa, a mulher que está com a criança no colo.
- C. Solicita que cada um escreva o que acha que está acontecendo e resuma a história da imagem em poucas linhas. Pergunta que título daria à imagem.
- D. Socializa as impressões, pequenas histórias e títulos.

- E. O/A professor/a conta a história oficial do quadro e debate com os alunos sobre como uma imagem ganha vida própria a partir das memórias de cada pessoa. Aproveita para discutir um pouco a história do negro no Brasil pós-abolição.
- F. Solicita aos alunos que criem uma imagem na qual o negro é o protagonista. De preferência, que ele seja representado junto da família. Que títulos dariam a ela, e por quê?
- G. Avalia a atividade coletivamente.

...a Religiosidade

Procissão

Gilberto Gil

Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos
Os homens escutando tiram o chapéu
Eles vivem pensando aqui na terra
Esperando o que Jesus prometeu
(...)

Muita gente se arvora a ser Deus
E promete tanta coisa pro sertão
Que vai dar um vestido pra Maria
E promete um roçado pro João
Entra ano, sai ano, e nada vem
Meu sertão continua ao deus-dará
Mas se existe Jesus no firmamento
Cá na terra isto tem que se acabar

Veremos aqui religiosidade não como religião, mas como respeito à vida, ao outro. A vida é um dom divino, da transcendência. Essa perspectiva nos re-

mete ao respeito ao outro, à alteridade, ao louvor, à saudação, ao mimo, ao cuidado com o outro.

A cada dia acontece uma lição de vida.
Aprende-se de tudo, a comunicação com os
mais velhos, com os mais novos, o trabalho em
grupo fazendo-se o que gosta ou que não gosta;
e sobretudo aprende-se o gosto pela vida,
numa estreita relação com o Orixá.

Mãe Stella in Boaventura & Silva, 2004:63

TEMA: A RELIGIOSIDADE COMO MEMÓRIA

Para trabalhar o tema, propomos atividades como:

- Ir a uma comunidade de terreiro, por que não? Terreiro como lugar de memória afro-brasileira. Fazer um passeio, uma visita, com o intuito de conhecer, desmistificar e desconstruir preconceitos em relação a esses espaços.

(...) 'lugares de memória', onde se cruzam as memórias pessoais, familiares e outras, podem ser, (...), lugares materiais ou não-materiais, onde se encarnam e cristalizam as memórias de uma nação: uma bandeira, um monumento, uma igreja, uma imagem, um sabor, reconstrói-se, por essas memórias, a representação que um povo faz de si mesmo. Todos os países vivem sob o reino da memória.(...)

Maria de Lourdes Parreiras Horta e Mary Del Priore.

Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>

- Elaboração e desenvolvimento de um projeto de trabalho relacionado às religiões afro-brasileiras. Pesquisar sobre o assunto e preparar uma exposição a partir do material pesquisado (ver Caderno 2).

Semba dos Ancestrais

Martinho da Vila e Rosinha de Valença

Se teu corpo se arrepiar
Se sentires também o sangue ferver
Se a cabeça viajar
E mesmo assim estiveres num grande astral

Se ao pisar o solo teu coração disparar
Se entrares em transe em ser da religião
Se comeres fungi, quisaca e mufete de cara-pau
Se Luanda te encher de emoção

Se o povo te impressionar demais
É porque são de lá os teus ancestrais
Pode crer no axé dos teus ancestrais (...)

■ Entrevistar:

Líderes religiosos afro-brasileiros — padres e freiras, pastores/as, ialorixás, babalorixás. Perguntar-lhes sobre a África, religião, conversão, fé... Apresentar as sínteses das entrevistas em mural, se possível com fotos.

Uma ialorixá / um babalorixá: sua história de vida (infância, escolaridade, vida cotidiana...)

O que é história de vida?

História de vida é a narrativa que cada pessoa faz de si mesma. É a visão de mundo que cada um transmite aos outros. Nesse sentido, nossa história de vida não diz respeito apenas ao passado. Ela garante a direção e a coesão necessárias para cada um agir no presente e pensar o futuro. Dessa forma, nossa história de vida é a explicação e a narrativa que montamos a partir de marcos que guardamos seletivamente em nossa memória. Essa explicação é o que nos dá identidade, nos faz reconhecer a nós próprios. Da mesma forma, a história de um

grupo é a organização do que foi seletivamente demarcado como significativo na memória social. É o que dá coesão a um grupo e estabelece sua identidade.

Disponível em: http://www.museudapessoa.com.br/escolas/oq_eh_memoria.htm

... a Oralidade

À Volta da Fogueira

Rui Mingas, Manoel Rui Monteiro e Martinho da Vila

Os meninos à volta da fogueira
Vão aprender coisas de sonho e de verdade
Vão perceber como se ganha uma bandeira
E vão saber o que custou a liberdade

Palavras são palavras, não são trovas
Palavras deste tempo sempre novo
Lá os meninos aprenderam coisas novas
E até já dizem que as estrelas são do povo


Aqui os homens permanecem lá no alto
Com suas contas engraçadas de somar
Não se aproximam das favelas nem dos campos
E têm medo de tudo que é popular

Mas os meninos deste continente novo
Hão de saber fazer história e ensinar

(...)

Oralidade que corresponde à natureza de memória, “depósito” de gerações sucessivas, com a mesma força vital em forma de relato, canto, dança, poesia, ritmo e emoção, elaborando a história e a vida cotidiana.

Vanda Machado in Boaventura & Silva, 2004:110



A educação formal valoriza apenas, como os bicheiros, o que está escrito. Eu queria sublinhar que não vale apenas o que está escrito, em matéria de sabedoria. A diferença entre o cientista e o sábio é que o cientista é aquele que prova o que diz e tenta fazer dessa prova algo universal. Um sábio não se submete necessariamente à prova universal, mas à prova da experiência. Sábio é aquele que inventa, que cria a partir da carência, a partir da escassez de alimentos, da escassez de conhecimentos. (...) E nós aprendemos com essa cultura tecnocêntrica a valorizar apenas a palavra escrita e a palavra da prova universal.

Quando eu digo que é preciso valorizar também outras fontes de sabedoria, eu me refiro à esfera oral, à dimensão oral das pessoas que são lideranças de comunidades, de mais velhos, de mães-de-santo, de gente antiga mas que tem sabedoria. Não tem ciência mas tem sabedoria. Por que a sabedoria é importante? Porque a sabedoria vem do território, vem da maneira de lidar com o território. Ela é extraída dos recursos de sobrevivência dentro de um território.
(...)

O território não é apenas o espaço, o lugar físico, abstrato, o território é o espaço marcado pelo humano. O corpo é território, a casa é território, são lugares simbólicos do espaço ocupado pelo humano.

Muniz Sodré in Trindade & Santos, 2002:22-27

A expressão oral em todas as suas possibilidades é uma força a ser potencializada, vivenciada num projeto que propõe valorizar a cultura africana e afro-brasileira. O oral não como negação da escrita, mas como afirmação de independência, de autonomia relacional, de comunicação, de contato.

A oralidade nos associa ao nosso corpo: nossa voz, nosso som faz parte do nosso repertório de expressão corporal; nossa memória registra e recria nosso repertório corporal-cultural; nossa musicalidade confere ritmo próprio, singularidade à nossa corporeidade, está marcada pelo nosso pertencimento a um grupo, a uma ou várias comunidades, na medida em que, para nos comunicar com o outro, precisamos ser reconhecidos por ele, estar em interação, em diálogo com ele.

A oralidade, para nós, está associada à relação constante do falar-ouvir/ouvir-falar. A oralidade que se manifesta no cantar e no falar.

Griot e griota constituem-se em contadores e contadoras de histórias que são fundamentais para a permanência da humanidade: são como um acervo vivo de um povo. Carregam nos seus corpos histórias, lendas, feitos, canções, lições de vida de toda uma população, envoltos numa magia própria, específica dos que encantam com o corpo e com sua oralidade.

O canto, a poesia, o conto, o mito, as lendas, as narrativas, o teatro... podem, neste projeto, se configurar como ações pedagógicas que fortaleçam, incentivem e vivifiquem a oralidade, a expressão. A palavra do outro pode ser vista como elemento de construção de uma educação centrada no diálogo entre as pessoas e no infinito de possibilidades que esse diálogo pode vir a propiciar em trocas, criações, conspirações, alegrias, compartilhamentos.

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformamos, acrescentamos parte de nossa “herança” e vamos construindo nosso jeito de nos olhar e de olhar o mundo. Produzindo saber, saberes, comprometidos com nossa época e lugar.

(...)

Não só falando ou contando histórias, mas ouvindo o outro contar também outras histórias, ouvindo a voz do outro, o homem partilha suas impressões sobre a vida e discute as questões que ocorrem a sua volta.

Gregório Filho, 2002

A leitura da poesia exercita a troca de idéias e emoções. Os versos de Solano Trindade, abaixo, são um bom exemplo de como essa experiência pode ser enriquecedora.

Tem Gente com Fome

Solano Trindade

Trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

Piiiiiii

(...)

Vigário Geral

Lucas

Cordovil

Brás de Pina

Penha Circular

Estação da Penha

Olaria

Ramos

Bonsucesso

Carlos Chagas

Triagem, Mauá

Solano Trindade (1908-1974)

Foi, para vários críticos, o criador da poesia "assumidamente negra" no Brasil. Além de sua relevância artística, Solano contribuiu ativamente com o movimento negro, tendo sido idealizador do I Congresso Afro-Brasileiro. Seu lema, "pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte", foi seguido à risca, em seus 66 anos de vida.

A **Cor da Cultura**, *Mojubá*, Programa 5 – *Literatura e Oralidade*

trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

Tantas caras tristes
querendo chegar
em algum destino
em algum lugar

(...)

Só nas estações
quando vai parando
lentamente começa a dizer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer

Mas o freio de ar
todo autoritário
manda o trem calar
Psiuuuuuuuuuu



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Ler o poema.
- Brincar com ele: dramatizá-lo, fazer um jogral com o grupo.
- Recriá-lo plasticamente (com sucatas, desenho, quadrinhos...).
- Reescrita em prosa do poema.
- Discuti-lo: o que aborda, qual a sua temática, de que lugares ele fala, de quais cidades?

Proponha um debate: a partir da história do poeta, por que, na opinião de cada um, ele escreveu esse poema?

Se você quisesse discutir esse tema, como você o faria? Então, na medida do possível, faça-o.

Destaque 10 causas para o fato de que há gente com fome e discuta coletivamente que soluções você e seu grupo dariam para esse problema.

Reescreva o poema, substituindo a palavra fome e recriando os demais versos. **No Brasil, tem gente com...**

A partir da leitura do poema, promover debates e reflexões compartilhadas sobre ele, o que anuncia e o que denuncia.

Pesquisar outros tipos de poesia voltados para problemas sociais.

Criação de um concurso de poesias, de música, de rap...

(atividades muito apreciadas por adolescentes e jovens).

Convidar pessoas para contar histórias locais, africanas, afro-brasileiras, lendas religiosas...

Promover, cotidianamente, atividades de expressão oral significativa, rodas de conversas, debates temáticos relacionados ao projeto ou não, ou simplesmente a hora da novidade, a rodinha, recitais de poesias, leitura e debate de pequenos textos etc. Inúmeras vezes, atividades simples, mas carregadas de sentido, podem operar *milagres* no cotidiano das escolas.

Objetivo: Perceber que, com poesia, pode-se discutir e produzir ações sociais comprometidas com a qualidade de vida das pessoas, bem como ações de enfrentamento de problemas sociais.

■ Sugestões de atividades com os *Livros Animados*:

O programa Livros Animados já traz ações pedagógicas (brincadeiras, aproveitamentos, exercícios) a serem reproduzidas, recriadas, reinventadas. Contudo, é bom lembrar que são apenas pistas, idéias, propostas, já que a apropriação e a utilização dependem da sua capacidade de crítica, criação e cuidado com você e com seus/suas alunos/as, marcada pelo que há de positivo e negativo no cotidiano da sua vida docente.

- Sugestões:

- Preparar sempre um ambiente acolhedor para ouvir e contar histórias.
- Promover brincadeiras a partir dos materiais.
- Discutir temas relacionados ao material: questões de gênero, escravidão, religião, racismo, machismo, amizade, injustiça, igualdade e diferença.
- Sair da sala de aula – contar histórias em outros ambientes; fazer visitas e passeios.
- Criar plasticamente com materiais diversos. Por exemplo: fazer teatro; contar história sem palavras (fazer livros sem palavras); fazer fantoches; teatro de sombras etc.
- Articular os livros com outros projetos e possibilidades de trabalho. Os livros podem agir como geradores de projetos ligados à temática do projeto *A Cor da Cultura*, como jongo, maracatu, capoeira... Por exemplo, depois da exibição do programa *Livros Animados, Episódio 3*, que apresenta o livro *Maracatu*, pode-se desenvolver um projeto ligado ao maracatu. Os livros podem ser pontos de partida e de chegada, exemplos, citações... O importante é apropriar-se deles, desfrutá-los.
- Pedir aos alunos que tragam seus sonhos, histórias das suas famílias e do cotidiano, que eles podem anotar num pedaço de papel e levar para a escola, ou contá-las de memória.
- Construir histórias coletivamente; construir um livrão.
- Brincar com água, terra, argila, areia, tintas, alimentos.
- Observem que, após cada vídeo dos *Livros Animados*, as atividades nos convidam a mexer com o corpo todo.

...a Musicalidade

Se eu tiver de escolher entre a família e a música, fico com a música. Se eu tiver de escolher entre um marido e a música, fico com a música. Se eu tiver de escolher entre aceitação social e a música, fico com a música. Se eu tiver de escolher entre qualquer coisa e a música, não haverá nem um segundo de hesitação, fico, sempre, com a música.

Heróis de Todo Mundo, programa sobre Chiquinha Gonzaga

Já faz parte do senso comum a marca que a música imprime em nossa brasilidade, o quanto somos musicais, o quanto nossa música se destaca. Contudo, é preciso também que valorizemos a música brasileira, fazendo frente a processos de massificação, alienação e despotencialização desse nosso patrimônio cultural.

(...) voltando há milhões de anos, um cuidadoso olhar na História do homem, ao longo de sua existência, nos revela como a música desempenhou um papel único na formação e desenvolvimento da espécie humana, cuja importância é superior à descoberta do fogo, ou à invenção da roda, ou da imprensa. Sim, estamos falando de música e, mais especificamente, de sua matéria-prima: o som. Aqui identificado na sua forma básica de ruído (som sem altura definida), e que contempla sons como urros, grunhidos, palmas, percussão em partes do corpo, entre outros. O som é o ponto de partida dos primeiros habitantes do globo terrestre rumo à formação dos primeiros agrupamentos humanos que, no curso da evolução, irão constituir a nossa civilização. Para isso, foi necessário que os nossos antepassados organizassem esses ruídos, dando-lhes significado. O desafio era complexo, pois primeiro tinham que

ser capazes de produzi-los e, depois, de repeti-los. Para isso, tiveram que desenvolver sua memória, para saber que som significava o quê. Esse fato em si já é um registro da memória dos hominídeos, um marco no desenvolvimento da inteligência dos nossos ancestrais e alicerce para o estabelecimento dos primeiros grupos étnicos, cada qual com sua língua e seus costumes, e que, através de inúmeros processos migratórios ao longo do tempo – nos quais a música é parte integrante das cerimônias religiosas, dos ritos de passagem e das atividades de trabalho – definem posteriormente as bases para a construção dos Estados nacionais modernos.

Charles Murray, disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>

A musicalidade, a dimensão do corpo que dança, que vibra, que responde aos sons; as vibrações do corpo que se movimenta, que celebra, que tem ritmo. A consciência de que nosso corpo produz som, melodias, potencializa a musicalidade como um valor.

TEMA: MEMÓRIA COMO MUSICALIDADE

Qual a palavra cantada do/a outro/a? Que canções ele/a sabe ou ouviu do repertório afro-brasileiro que faz parte de nós?

Várias possibilidades, vários momentos, várias histórias podem ser ditas/contadas/cantadas através do eixo da memória musical.

- Pesquisar, em casa, com familiares, que músicas eles lembram que os reportam à população negra/afro-brasileira. (Levar para a escola o acervo que for possível.)
- Fazer um levantamento na escola, com os profissionais de educação, das músicas que podem compor o repertório musical afro-brasileiro.



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Propor atividades ligadas à musicalidade que nos levem de imediato a pensar nos sons que nosso corpo produz.
- Preparar a sala para que fique bem aconchegante.
- Pedir que todos façam silêncio e que, de olhos fechados, percebam a sua respiração. Às vezes, os grupos têm dificuldade com essa atividade.
- Propor que os estudantes prestem atenção aos sons do corpo, ao engolir, ao respirar, que sintam o ritmo do coração, apoiando as mãos sobre o tórax, que experimentem colocar as mãos em forma de concha sobre os ouvidos... o barulho da respiração... O importante é que percebam que o corpo produz sons.
- Coral com sons inventados: cada aluno inventa um novo nome, só que com um som do corpo. Não pode ser uma palavra. Depois, a professora divide as pessoas em grupos, que montam uma melodia com os sons dos integrantes dos minigrupos e os apresentam à classe.
- Após a audição do CD Gonguê, que apresenta os instrumentos de vime, couro, madeira e metal, brincar de adivinhar os sons. De que materiais eles são feitos?
- Preparar materiais diversos para a construção de instrumentos musicais – vime, couro, metal, madeira, sementes, barbante, cola, canudos, canos, conchas, copinhos de plástico... Propor a montagem dos instrumentos e depois a produção de sons deles.

CAXIXI, DA ÁFRICA PARA O MUNDO



Utilizado como instrumento de percussão em diversos gêneros musicais no Brasil e no mundo, o **caxixi** é originário do continente africano. Foi usado no candomblé e serve de acompanhamento ao berimbau na roda de capoeira. Conforme o tamanho, seu som é grave, médio ou agudo.

Como se trata de um instrumento que garante a pulsação rítmica, é encontrado com frequência na música brasileira e também na música pop internacional.

Caxixi quer dizer palma da mão, no idioma quimbundo. É um instrumento na forma de uma cesta de vime, com sementes ou pedrinhas no seu interior, e tendo como base um pedaço de cabaça.

■ Como fazer um caxixi



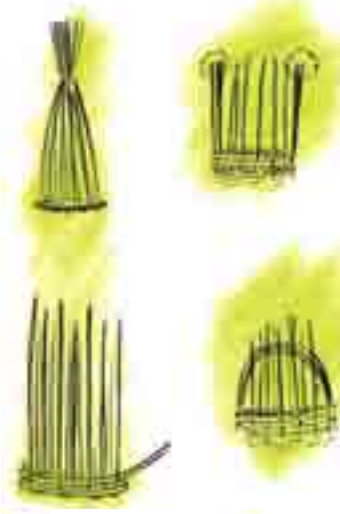
Para construir a base:

1. O material tem de ser duro e de espessura fina. Pode ser um pedaço de cabaça, eucatex ou compensado. Se for só para praticar, um papelão consistente serve.
2. Riscar dois círculos: o primeiro, com 6cm de raio, e o segundo, com 5cm de raio.
3. Recortar o círculo maior (6cm).
4. No menor, fazer pequenos orifícios com uma distância de 2 a 3 cm um do outro.

Obs.: Para alunos avançados, o professor pode dar noção de raio, diâmetro, retificação de circunferência e poliedros, de modo a obter furos em distâncias exatamente iguais.

Para construir o corpo:

1. Material: Tiras de vime ou similar. Se for só para praticar, tirinhas de garrafa pet ou de papel resistente servem.
2. Passar a mesma tira de vime, de 25cm, por dois buracos e puxar para cima, repetindo a operação a cada dois buracos.
3. Amarrar provisoriamente as tiras, passando um barbante em torno delas na altura entre 10 e 15cm.
4. Com uma tira grande, começar a tecer da base para cima, passando, horizontalmente, por cima e por baixo das tiras verticais, até que elas fiquem provisoriamente amarradas.
5. Deixar três tiras verticais de cada lado e, com as outras, começar a fechar a cesta, tecendo as tiras de cima para baixo.
6. Antes de fechar tudo, colocar as pedrinhas ou sementes (lágrimas-de-Nossa Senhora, compradas em casas de umbanda).
7. Deixando espaço para a mão, as tiras que sobraram também serão tecidas na cesta.
8. Para reforço, tecemos, em um lado da cesta, duas tiras que envolvem a alça. O que sobra também será tecido no outro lado.





ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Palavra musical. Alguém, anteriormente escolhido pelo grupo, diz uma palavra. Os demais presentes devem cantar uma música que contenha aquela palavra. Quem acertar propõe outra palavra.
- Após ouvirem o CD que explica como é o instrumento, peça aos alunos para desenharem como imaginam que ele seja. Depois, eles devem comparar os desenhos que fizeram com uma foto do instrumento.
- Peça aos alunos que escrevam, em papéis separados, os nomes dos instrumentos que fazem parte de determinada música. Exemplo: caxixi, pandeiro, reco-reco e ganzá. Peça a eles que levantem uma folha de papel com o nome de cada instrumento, à medida que eles aparecerem na música.

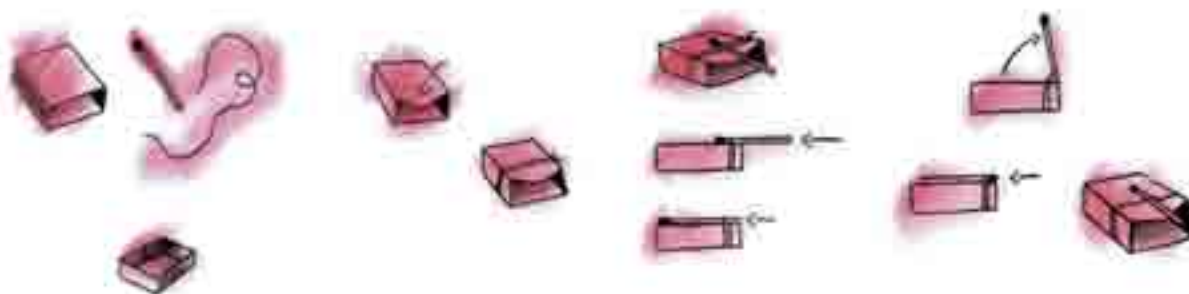
■ Como fazer um tamborzinho de caixa

Este tamborzinho eu aprendi em Minas Novas, Minas Gerais, com um menino de 11 anos. É muito legal.

1. *Arranje uma caixa de fósforos vazia, um palito de fósforo e um pedaço de linha.*
2. *Amasse a caixa de um lado e amarre a linha, dando pelo menos duas voltas na caixa.*
3. *Passe o palito entre as duas linhas. Empurre e vire a linha várias vezes, até que fique bem torcida.*
4. *Aperte a ponta do palito e solte-a. Veja o barulhinho que faz.*

Chegue o palito para a frente e para trás, toque e perceba os diferentes sons. Toque rápido, com vários dedos. Tente cantar acompanhando os seus movimentos. Experimente construir o tamborzinho com outras caixinhas ou materiais diferentes.

Adelsin, 1997: 82-83



...Cooperação/comunitarismo



Francisco José do Nascimento,
O Dragão do Mar

Nós, os jangadeiros, dissemos não, senhor.
No porto do Ceará não se embarcam
mais escravos!

Liderei o bloqueio do porto com as nossas
jangadas. Resistimos a todas as ameaças das
autoridades e libertamos os escravos que,
amontoados, aguardavam em terra.

Éramos dragões do mar, soltando fogo pelas
ventas contra qualquer um que tentasse
embarcar negros.


Os senhores de escravos não tiveram outra
alternativa. Concordaram com a liberdade.
Cidade após cidade, foi sendo decretado o fim
da escravidão. Em 1884, quatro anos antes do
resto do Brasil, a abolição tornou-se uma
realidade no Ceará.

Heróis de Todo Mundo, programa sobre
Francisco José do Nascimento, *O Dragão do Mar*

Acreditamos que não existe cultura negra sem coletivo. Pensar em africanidades é pensar em coletivo, em pessoas, em diversidade, em cooperação e comunidade. Imaginem o que teria sido dessa população se não tivesse como princípio a parceria, o diálogo e a cooperação, num sistema escravista. E hoje, numa sociedade racista excludente?

(...) O desafio para um escravo no Rio era criar uma vida com sentido em meio a indivíduos díspares que compartilhavam poucos valores, criar um grupo a partir do caos de muitos.

(...) Durante séculos os povos da África Central tinham lidado com a diversidade étnica, desenvolvido tradições religiosas comuns e compartilhado formas culturais; essas habilidades,



eles as transmitiram para o Brasil, onde utilizaram indiscutivelmente técnicas similares para lidar com a diversidade cultural.

Karasch, 2000:77

O projeto **A Cor da Cultura** reconhece a importância e o valor da História e da cultura negra ou africana e afro-brasileira, o que implica saber dividir, ser companheiro (malungo), dividir/compartilhar o espaço, o poder.

Iemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo

Olodumare-Olofin vivia só no Infinito, cercado apenas de fogo, chamas e vapores, onde quase nem podia caminhar. Cansado desse seu universo tenebroso, cansado de não ter com quem falar, cansado de não ter com quem brigar, decidiu pôr fim àquela situação. Libertou as suas forças e a violência delas fez jorrar uma tormenta de águas.

As águas debateram-se com rochas que nasciam e abriram, no chão, profundas e grandes cavidades.

A água enche as fendas ocas, fazendo-se os mares e oceanos, em cujas profundezas Olofin foi habitar. Do que sobrou da inundação se fez a terra. Na superfície do mar, junto à terra, ali tomou seu reino Iemanjá, com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas. Ali nasceu Iemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumaré.

Olodumare e Iemanjá, a mãe dos orixás, dominaram o fogo no fundo da Terra e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões, por onde ainda respira o fogo aprisionado.

O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram e, com suas cinzas, Orixá Oco fertilizou os campos, propiciando o nascimento das

ervas, frutos, árvores, bosques, florestas, que foram dados aos cuidados de Ossaim.

Nos lugares onde as cinzas foram escassas, nasceram os pântanos, e nos pântanos, a peste, que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu.

Iemanjá encantou-se com a Terra e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas. Assim surgiu Oxum, dona das águas doces. Quando tudo estava feito e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de Iemanjá, Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum, criou o ser humano. E o ser humano povoou a Terra. E os orixás pelos humanos foram celebrados.

Prandi, 2001:380-381



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Sugerimos que sejam feitas atividades que promovam a vivência da cooperação:

Texto ou desenho coletivo. Após dividir a turma em grupos, distribuir uma folha de papel ofício para cada pessoa. Os minigrupos devem estar em círculos. Após o sinal, a professora dá um tempo, combinado previamente, para os alunos fazerem um desenho ou escreverem algo relacionado ao projeto. Ao sinal, todos passam seu trabalho para o/a colega da direita, que dará continuidade a ele. A atividade segue até que todos possam dar sua contribuição em cada uma das produções e a folha chegue ao primeiro autor, para que ele dê o arremate final. Finda essa etapa, todos devem conversar sobre os sentimentos que a tarefa despertou neles.

- Indicamos a obra *A Semente que Veio da África*, de Heloisa Pires. O livro aborda a questão do jogo, dando o exemplo de um que tem como foco a cooperação.
- No jogo *Heróis de Todo Mundo*, que faz parte do kit **A Cor da Cultura**, também há a possibilidade de jogar num modo cooperativo, no qual os participantes não competem entre si, mas, juntos, buscam o conhecimento, que é a verdadeira vitória. Experimente jogar com seus alunos. Eles podem fazê-lo individualmente ou se dividir em até seis grupos.

- As crianças podem criar um livro em conjunto sobre liberdade/ racismo, África/afro-brasileiros, um tema relacionado ao projeto. Elas mesmas, o professor ou a professora, escrevem frases ou fazem desenhos sobre o que é liberdade. No final, fazem uma encadernação improvisada com uma fita, como se fosse uma costura.
- Seria interessante fazer um mapa do Brasil com recortes de revista e texturas que as crianças acharem que estão relacionados com o Brasil. Exemplo: animais, pessoas variadas, cores, areia, e tudo que elas acharem que lembra o Brasil. O mapa vai ser um mosaico.
- O mesmo poderia ser feito com os países da África que falam a língua portuguesa. Primeiro, faz-se uma pesquisa e, depois, uma produção criativa.
- Caça ao tesouro. As crianças devem procurar objetos escondidos e descobrir seus pares. Cada uma encontra um objeto e tem de descobrir quem achou o objeto que forma o par. Exemplo: escova de dente e pasta, caderno e lápis, sapato e meia, foto e porta-retrato etc.
- Centros de Estudos. Cremos ser fundamental que a escola se organize para fortalecer centros de estudos, o sentido de coletividade, sobretudo na construção coletiva do projeto **A Cor da Cultura**. Tornar esses encontros verdadeiramente profícuos é responsabilidade de todos os envolvidos.

Obs.: Nas reuniões pedagógicas e reuniões com a comunidade e responsáveis, assistir ao programa **Nota 10** e promover debates. A partir dos debates, pensar ações para serem desenvolvidas entre a escola e a comunidade e projetos mais coletivos da instituição.

■ Sugestões para trabalhar os vídeos

*Assistir aos vídeos coletivamente
(consultar o Caderno 2 sobre essa metodologia).*

Dividir os presentes em grupos de trabalho para realizar pesquisas de aprofundamento ou buscar sugestões de atividades fundamentadas.

Para ficar mais interessante, embora uma pessoa seja a referência da instituição, todas as atividades relativas ao trabalho podem ser compartilhadas.

Após a exibição dos vídeos, por exemplo, um/uma profissional pode ser responsável por dinamizar os debates, enquanto outros pensarão no lanche e no material de leitura e apoio.

- Como preparar as reuniões com os responsáveis pelas atividades

Elas devem ser organizadas com cuidado. As perspectivas da acolhida e da parceria precisam ser as tônicas. É importante que a pessoa que estiver coordenando a atividade a vivencie junto com o grupo.

Trechos de textos do Caderno 1 para serem trabalhados nos centros de estudos e nas reuniões de responsáveis:

Os legados cumulativos da discriminação, privilégios para uns, déficits para outros, bem como as desigualdades raciais que saltam aos olhos, são explicados e, o que é pior, freqüentemente “aceitos”, através de chavões que nenhuma lógica sustentaria, mas que possibilitam o não-enfrentamento dos conflitos e a manutenção do sistema de privilégios.

(...)

Enfim, há muitos desafios a serem enfrentados quando se discutem relações raciais, mas a experiência tem revelado que, de fato, este tema, em processos de formação, é um potente mobilizador de forças de emancipação e libertação. E neste sentido, parte significativa dos pressupostos de Paulo Freire vem enriquecendo nossa abordagem, dentre eles:

- a visão do educador enquanto alguém que respeita, valoriza, incorpora e problematiza a experiência dos participantes dos cursos;
- o processo educativo visto como facilitador do desenvolvimento da consciência crítica dos participantes e difusor de valores, tais como participação, democracia, igualdade e diferença;

- o processo de elaboração do curso procura contemplar aspectos da realidade local dos participantes;
- a realização dos cursos é matizada pela vivência;

(...)

(...) o racismo é um problema para negros e brancos;

(...)

O fato de que não se pode responsabilizar as pessoas pelo que aprendem sobre racismo e preconceito na família, na escola, nos meios de comunicações. No entanto, ao adquirir uma maior compreensão sobre esse processo, as pessoas têm a responsabilidade de tentar identificar, interromper este ciclo de opressão e alterar seu comportamento.

Cida Bento — Projeto A Cor da Cultura — Caderno 1

■ Sugestão de Atividade

Fazer um levantamento sobre o que é ser uma pessoa negra e uma pessoa branca:

Ser negro é...

Ser branco é...

Debater os resultados.

O preconceito racial e o racismo no Brasil se manifestam no cotidiano das relações pessoais, na mídia, nas empresas (quando dos processos de contratação, políticas de promoção e na tomada de decisão sobre as demissões), nas escolas e universidades (no cotidiano escolar, no racismo em sala de aula, nos livros didáticos, nas estruturas

curriculares, nas bolsas de pesquisas concedidas para pessoas negras e temas reportados às relações raciais), nas lojas, nas livrarias e bibliotecas, nos hospitais, clínicas médicas e postos de saúde, nos tribunais, nas delegacias, nos processos eleitorais, e mesmo, infelizmente, no interior das famílias nas quais, por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, sabe-se que existem não poucos casos em que as crianças negras, no caso de terem irmãos ou irmãs de pele mais clara, tendem a ser proporcionalmente mais discriminadas, inclusive, pelos próprios pais.

Igualmente importante é salientar a existência, em nosso país, do racismo institucional, isto é, formas de discriminação perpetradas pelo Estado nos seus processos de seleção e promoção de funcionários públicos (mormente para os postos mais graduados e bem pagos), escolhas de áreas prioritárias para investimentos públicos, na publicidade das ações do governo, no modo de funcionamento da rede pública de educação e saúde, e nas ações do aparato policial.

Marcelo Paixão — Projeto A Cor da Cultura — Caderno 1

■ **Sugestão de Atividade**

Promover internamente, entre os profissionais de educação, um estudo mais aprofundado sobre:

A discriminação agravada sobre as mulheres negras.

Cenário de genocídio sobre os jovens negros.

Após esse estudo interno, pode-se pensar em atividades com os jovens e para os jovens.



Diante das situações de preconceito e discriminação no espaço escolar, os profissionais da escola devem:

- valorizar cada reclamação de ocorrência de discriminação e preconceito no espaço escolar;
- não culpar as vítimas dessas situações por tal acontecimento;
- levar quem ofendeu, humilhou ou ironizou o outro indivíduo, pautado no seu pertencimento racial, a entender a sua atitude como negativa;
- receber com afeto a criança que traz a reclamação, quando ofendida pelas atitudes de amigos e/ou professores, e dar-lhe a certeza de que poderá contar com o respeito de todos.

Eliane Cavalleiro — Projeto A Cor da Cultura — Caderno 1

EM CADA RETALHO, UMA HISTÓRIA

As colchas de retalhos são uma atividade interessante para ser feita em grupo porque permitem que se trabalhe vários aspectos de uma só vez como a memória, a cooperação e a união.

Muitas pessoas ainda gostam de fazer suas colchas. Elas podem contar histórias, registrar memórias, ser feitas com remendos de pano (quadrados), triângulos equiláteros....

Muito mais do que uma possibilidade de expressão artística, esse trabalho pode significar liberdade! Você sabia que, no passado, muitas afro-americanas do Norte compravam suas cartas de alforria com a renda obtida na venda dessas colchas de retalhos?

Vale o investimento de tempo, recursos e desejos! Vale arriscar!

Para saber como fazer uma colcha, consulte: *Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro*, de Claudia Zaslavsky, páginas 139 a 141.

■ Sugestão de atividade

Assistir ao filme Colcha de Retalhos

Ficha Técnica

Título original: How to Make an American Quilt

Gênero: Drama

Tempo de duração: 116 minutos

Ano de lançamento (EUA): 1995

Estúdio: Amblin Entertainment / Universal Pictures

Distribuição: Universal Pictures / UIP

Direção: Jocelyn Moorhouse

Sinopse

Enquanto elabora sua tese e se prepara para casar, Finn Dodd (Wynona Ryder), uma jovem mulher, vai morar na casa da sua avó (Ellen Burstyn). Lá estão várias amigas da família, que preparam uma elaborada colcha de retalhos como presente de casamento. Enquanto o trabalho é feito, ela ouve o relato de paixões e envolvimento, nem sempre moralmente aprováveis, mas repletos de sentimentos, que essas mulheres tiveram. Nesse meio tempo, ela se sente atraída por um desconhecido, criando dúvidas no seu coração que precisam ser esclarecidas.

...Princípio do Axé, da Energia Vital

Andar com Fé

Gilberto Gil

Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
Que a fé tá na mulher



A fé tá na cobra-coral

Ô-ô

(...)

A fé tá na manhã

A fé tá no anoitecer

Ô-ô

No calor do verão

A fé tá viva e sã

A fé também tá pra morrer

Ô-ô

Triste na solidão

(...)

Certo ou errado até

A fé vai onde quer que eu vá

Ô-ô

A pé ou de avião

Mesmo a quem não tem fé

A fé costuma acompanhar

Ô-ô

Pelo sim, pelo não

A educação que tem o princípio do axé como um valor está alicerçada no cotidiano, no fluxo e no imponderável da vida, na capacidade de criar, arriscar, inventar, de amar como afirmação de existências. Não é uma educação engessada em normas, burocracias, métodos rígidos e imutáveis, mas no desejo, na alegria.

É pensar no axé, na força vital, como vontade de viver, de aprender. Viver com vigor, com alegria, com o brilho no olho, acreditando que a vida é um/ o presente, o dia-a-dia.

Nasci filho de padre como tantos outros mestiços brasileiros. Vim de Campos para o Rio. Trabalhei de pedreiro na Santa Casa para pagar meus estudos de Farmácia.

Mas nunca fui tão bom misturando substâncias quanto misturando letras. Era no jornalismo que estava minha verdadeira vocação. Fui dono de dois jornais, entre eles a *Gazeta da Tarde*, e usei meu dom com as palavras para, com papel e tinta, trabalhar pela abolição da escravidão.

Heróis de Todo Mundo, programa sobre José do Patrocínio

Perdi os dedos, mas não a força e a vontade de esculpir. Aprendi a usar os joelhos como quem usa os pés. Amarrei os instrumentos às mãos para continuar a trabalhar. Afinal, a criação nasce na cabeça, não da ponta dos dedos.

Heróis de Todo Mundo, programa sobre Aleijadinho

HERÓIS DE TODO MUNDO

Devemos trabalhar com o programa *Heróis de Todo Mundo* numa perspectiva positiva, ou seja, rompendo com o hábito de pensar o/a afro-brasileiro/a como sinônimo de escravo.

Ora, ninguém nasce escravo. Os negros foram feitos escravos. (Ver Caderno 2, uma discussão conceitual sobre a categoria escravo.)

Estes indivíduos, feitos cativos, poderiam ser identificados e tratados como mercadorias. Mas nunca se transformavam em mercadorias. Eram e sempre seriam pessoas, seres humanos, com sua força vital – seu axé. Com capacidade de resistir,

de buscar maneiras de sobreviver, como também de procurar força interna para seguir em frente, para, na dura realidade, forjar um outro destino. Foram feitos escravos, sim, no sentido histórico e conceitual do termo escravo. Mas suas mentes, os saberes que possuíam, sua memória, não caíram no cativeiro.

Precisamos, e a série *Heróis de Todo Mundo* cumpre essa função, contar outras histórias dos negros, afro-descendentes e africanos, para além do sofrimento e da dor. Precisamos contar as histórias dos heróis de todo o mundo, dos heróis e heroínas de todos os dias.

Perguntas de um operário que lê.

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China
para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu?
Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?

Frederico II ganhou a Guerra dos Sete Anos
Quem mais a ganhou?
Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias
Quantas perguntas

Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/brechtantologia>



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Jogo da memória.

A partir dos vídeos, selecionar os personagens e suas profissões e registrar esses dados em cartelas distintas.

Os Heróis:

1. Aleijadinho (artista plástico) – Interpretado por Emanuel Araújo (artista plástico)
2. João Cândido – Almirante Negro (marinheiro, líder contra castigos corporais) – Interpretado por Jorge Coutinho (ator e diretor)
3. Pixinguinha (músico) – Interpretado por Toni Garrido (cantor e compositor)
4. Milton Santos (geógrafo) – Interpretado por Kabengele Munanga
5. Luiz Gama (advogado) – Interpretado por Joaquim Barbosa
6. Lélia Gonzalez (antropóloga) – Interpretada por Sueli Carneiro
7. Francisco José Nascimento (jangadeiro – liderança histórica) – Interpretado por Milton Gonçalves
8. André Rebouças (engenheiro) – Interpretado por Alexandre Moreno
9. Cruz e Souza (escritor) – Interpretado por Maurício Gonçalves
10. Adhemar Ferreira da Silva (atleta) – Interpretado por Robson Caetano
11. Antonieta de Barros (professora) – Interpretada por Maria Helena
12. Tia Ciata (dona-de-casa) – Interpretada por Leci Brandão
13. Teodoro Sampaio (urbanista) – Interpretado por Muniz Sodré

14. Leônidas (jogador de futebol) – Interpretado por Antônio Carlos
15. Benjamin de Oliveira (ator /palhaço) – Interpretado por Maurício Tizumba
16. José do Patrocínio (abolicionista) – Interpretado por Nei Lopes
17. Lima Barreto (escritor) – Interpretado por Joel Rufino
18. Mário de Andrade (escritor) – Interpretado por Jards Macalé
19. Carolina M. Jesus (escritora) – Interpretada por Ruth de Souza
20. Chiquinha Gonzaga (compositora) – Interpretada por Ilea Ferraz
21. Juliano Moreira (médico) – Interpretado por dr. Deusdeth Nascimento
22. Mãe Menininha (ialorixá) – Interpretada por Mãe Carmem
23. Mãe Aninha (ialorixá) – Interpretado por Chica Xavier
24. Elizeth Cardoso (cantora) – Interpretada por Zezé Motta
25. Machado de Assis (escritor) – Interpretado por Paulo Lins
26. José Correia Leite (jornalista) – Interpretado por Haroldo Costa
27. Jackson do Pandeiro (músico) – Interpretado por Flávio Bauraquí
28. Auta de Souza (escritora) – Interpretada por Taís Araújo
29. Paulo da Portela (compositor) – Interpretado por Neguinho da Beija-Flor
30. Zumbi (liderança histórica) – Interpretado por Martinho da Vila

Dar início ao jogo da memória.

Para descobrir estas Áfricas, também há que se despertar a curiosidade, aguçar o interesse, estimular a admiração. Portanto, é preciso trazer estas Áfricas para dentro de espaços culturais e educativos. Ler sim, mas também escutar, ver, assistir, participar e perceber o quanto as trazemos dentro de nós. E assim despertarmos o orgulho da nossa africanidade. E revermos nossos heróis famosos e desconhecidos – tudo isto por Zumbi de Palmares, e por muitos mais Antônio Minas e Joaquina Angolas, por Manoel Congo, e por tantas Marias Cabindas e Joana Crioulas, por Luiza Mahin,

por Antônio Rebouças e por João Cândido. E tantos outros, muitos. Devemos celebrá-los, sim. Não como um retorno a uma história de nomes e datas, mas para criar referências.

Mônica Lima — Projeto A Cor da Cultura — Caderno 1

TEMA: HERÓIS E HEROÍNAS DE TODO O DIA



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Fazer um levantamento de personalidades negras falecidas na sua localidade e montar a sua biografia.
- Pesquisar se na sua cidade há ruas, monumentos, escolas, bibliotecas etc. com nomes de personalidades negras.
- Fazer um levantamento de personalidades negras na sua cidade e entrevistá-las com o objetivo de montar sua biografia. Pode-se fazer o levantamento e depois dividir a turma em grupos para as entrevistas. No final, pode-se convidar o entrevistado para conversar com a turma toda.
- Pesquisar quem são as pessoas que representam os heróis no programa *Heróis de Todo Mundo*: suas profissões, trajetórias de vida, realizações.
- Pesquisar de quais regiões e cidades brasileiras são os protagonistas da série *Heróis de Todo Mundo*.
- Fazer um levantamento e entrevistar pessoas negras que trabalham, estudam, lutam honestamente para viver com dignidade. Buscar saber como vivem, como são suas famílias, quais seus sonhos e ideais de vida, como têm superado as dificuldades do dia-a-dia. Perguntar o que acham do racismo e do preconceito racial, o que elas lembram dos seus antepassados.
- A estratégia pode ser a mesma utilizada para as personalidades famosas da cidade. No final, pode-se fazer uma homenagem aos heróis e heroínas de todo o dia.

...Corporeidade

A corporeidade como um valor nos remete ao respeito ao corpo inteiro, corpo presente em ação, em diálogo e interação com outros corpos. Descarta a dimensão racional como imperativa, em detrimento da dimensão corporal. Como nos explica Edgard Morin, estamos diante do *homo complexus*:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida, sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real; que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas idéias, mas que duvida dos deuses e critica idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras. E quando, na ruptura de controles racionais, culturais, materiais, há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, quando há hegemonia de ilusões, excesso desencadeado, então o *homo demens* submete o *homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço dos seus monstros.

Morin, 2000:59-60

TEMA: MEMÓRIA COMO CORPOREIDADE

Outro eixo é a questão da corporeidade: o corpo atua, registra nele próprio a memória de vários modos, cantando, dançando, brincando, desenhando, escrevendo, falando. Das músicas às danças. O que elas expressam, anun-



ciam, denunciam. Os corpos dançantes revelam histórias, memórias coletivas.

(...) aprendemos que as danças circulam e que o corpo informa sobre a vida de cada dançarino.

Antonio Nóbrega, Programa Danças Brasileiras — Canal Futura



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Ouvindo as músicas, **todos juntos**, vamos dançá-las, senti-las e deixar o corpo se expressar ao seu comando.

- O/A professor/a pode promover simplesmente momentos de danças e expressão corporal a partir da audição coletiva de repertórios musicais afro-brasileiros.
- Organizar rodas/círculos de danças, nos quais se solicita que os participantes dancem, inventem movimentos e que, em alguns momentos, os movimentos de um sejam reproduzidos por todos.
- Coordenar a pesquisa de danças afro-brasileiras locais: história, localidade, quem são e quem foram os mestres. Aprender as danças.
- Observar se existe alguém na escola que pratique algumas dessas danças. Em caso positivo, a pesquisa e/ou projeto de trabalho deve partir desse momento.

Samba

Vem da palavra semba, que quer dizer umbigada em quimbundo, a língua dos escravos angolanos. Umbigada é um movimento que remete às festas dedicadas à fertilidade. Em muitas regiões do Brasil, o termo samba tem um sentido bastante abrangente de dança, diversão e festa. Para cada modalidade de samba existem danças bastante distintas.

Antonio Nóbrega,
Programa Danças Brasileiras
— Canal Futura

No samba, a força de um povo

O “encontrão”, dado geralmente com o umbigo (semba, em dialeto angolano) mas também com a perna, serviria para caracterizar esse rito de dança e batuque, e mais tarde dar-lhe um nome genérico: samba. Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravista) de

redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano.

(...)

A informação transmitida pelo ritmo não é algo separado do processo vivo dos sujeitos da transmissão-recepção. Transmissor e receptor convergem na própria informação advinda do som. O som, cujo tempo se ordena no ritmo, é elemento fundamental nas culturas africanas. Isto se evidencia, por exemplo, no sistema gegê-nagô ou iorubá, onde o som é condutor de axé, ou seja, o poder ou força de realização, que possibilita o dinamismo da existência.(...) O som resulta de um processo onde um corpo se faz presente, dinamicamente, em busca de contato com outro corpo, para acionar axé.

Sodré, 1979:18-22

O **samba de parelha** é um samba que hoje é dançado só por mulheres que usam o tamanco para marcação do ritmo. (...) é dançado e cantado há gerações no ex-quilombo de Mussuca (Sergipe).

Samba de roda é uma das manifestações populares que têm sua origem nas primitivas rodas de batuque dos escravos africanos. Presente nos cantos de trabalho, o samba de roda esteve sempre relacionado à diversão.

Antonio Nóbrega, Programa Danças Brasileiras — Canal Futura

A palavra samba tem outras possibilidades etimológicas. Segundo Nei Lopes, pode significar, além de tipo de dança e música, uma espécie de saquinho de pano ou cestinho de bambu; ou mesmo o nome banto de filha-de-santo, aiô. Lopes indica mais de 20 definições para a palavra. (Lopes, 2003:197-199)

Heitor dos Prazeres
Obra: Samba de Roda



■ Outras possibilidades de trabalhar o corpo

Com relação às atividades de expressão corporal, propomos a seguinte brincadeira:

- *Uma pessoa é escolhida e terá os olhos vendados. Depois, deverá adivinhar, pelo toque ou pelo som, quem é a pessoa à sua frente. Essa atividade permite que se reconheçam sem usar o sentido da visão.*
- *As crianças podem fazer mímicas de bichos ou personagens para que outras crianças adivinhem. Também pode ser uma adivinhação por intermédio do som do bicho.*
- *Podemos brincar por brincar, como podemos pedir que as crianças escolham um animal brasileiro ou africano e estudem sobre ele.*
- *Brinque com os animais em extinção investigando suas vidas, as lendas existentes sobre eles, ou mesmo criando histórias relacionadas a eles...*

CABELOS, TAMBÉM UMA FORMA DE EXPRESSÃO

Respeitem meus cabelos, brancos

Chico César

Respeitem meus cabelos, brancos
chegou a hora de falar
vamos ser francos


(...)

cabelo veio da África
junto com meus santos

benguelas, zulus, gegês
rebolos, bundos, bantos
batuques, toques, mandingas
danças, tranças, cantos
respeitem meus cabelos, brancos

se eu quero pixaim, deixa
se eu quero enrolar, deixa
se eu quero colorir, deixa

(...)



O cabelo tem sido uma questão na nossa sociedade. Brancos e negros estão assim afetos aos imperativos ideológicos dos cabelos, além deles demandarem cuidados e mimos. Portanto, antes de propormos atividades para as crianças e jovens, convém que educadores e educadoras façam uma imersão nesse tema, pensem como lidam individualmente com o próprio cabelo, nos padrões de cabelos belos e desejáveis, como vemos ou sentimos os cabelos dos afro-brasileiros e africanos. Estudar sobre o assunto.

O cabelo “fala” por você

A natureza criou os fios da cabeça para ajudar você a sobreviver. Por isso, não são um simples enfeite. Todavia, as diversas culturas os transformaram em sinal de beleza e meio de expressão.

Quando o ser humano ainda vivia em cavernas, os cabelos tinham uma função vital: proteger o cérebro do calor do sol. Nas regiões quentes e secas do planeta, eles tendiam a ser mais crespos e mais armados, formando uma cobertura protetora. Nas áreas frias e úmidas, os cabelos lisos ajudavam a escorrer a água das chuvas. O tipo do cabelo (crespo, liso ou ondulado) depende do formato do folículo onde nasce o cabelo.

Temos cerca de 100.000 fios que cobrem a cabeça e 5 milhões de pêlos espalhados pelo corpo. São uma herança de nossos antepassados, que precisavam deles para aquecer a pele e se protegerem da chuva. Os pêlos nascem como célula viva, mas quando chegam à flor da pele já estão mortos. Por isso, você não sente dor na hora de cortá-los.

A cor dos cabelos depende da quantidade de melanina produzida. Os cabelos pretos contêm muita melanina, e os louros, pouca. Os cabelos ruivos têm essa cor em consequência de um gene especial, responsável pela produção de um pigmento avermelhado.



Gravura de W.H., 1875
Acervo: New York Public Library

A civilização, com seus chapéus e guarda-chuvas, aposentou as funções originais do cabelo, que viraram, então, símbolo de beleza, marca de identidade grupal e meio de expressão artística. Do corte rente dos militares às trancinhas africanas, pode-se manifestar muita coisa, devido ao estilo do cabelo. O cabelo “fala” por você!

Fonte e referência para outras atividades: **Almanaque Pedagógico Afro-Brasileiro**, de Rosa Margarida de Carvalho Rocha, Nzinga — Mazza Edições.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Sugerimos um debate entre profissionais da educação e estudantes, a partir de frases escritas em tiras de papel, retiradas do livro *Cabelos de Axé: Identidade e Resistência*, de Raul Lody:

Território livre, ancestral e contemporâneo, dinâmico e tradicional é a cabeça. P.59
Lugar que revela o homem, seu grupo social, sua história, a cabeça define a identidade e traduz o sentimento de pertencimento a um grupo. P.59
Pentear e mostrar os cabelos é comunicar, receber reconhecimento da cultura, manifestar beleza e padrão estético. P.59
O corpo é um dos mais notáveis espaços de representação e expressão de uma cultura.
Para os afro-descendentes do Brasil, os cabelos são

memoráveis distintivos de identidade étnica, de inclusão social e, especialmente, de revelação da luta pela liberdade, pelos direitos de igualdade e cidadania. P.85

Cuidar dos cabelos é antes de tudo cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico.

É, por extensão, cuidar da pessoa. P. 100.

Pentear os cabelos (...) é vivenciar o que cada penteado comunica em relação ao reconhecimento social, à identificação de uma festa, de um ritual religioso, da condição social, econômica e também sexual. P.100.

O cabelo é um marcante indício de procedência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção da pessoa da cultura. P.125

- Uma oficina na qual as professoras vivenciem cuidar de cabelos das crianças afro-brasileiras: tocar, pentear, arrumar....
- Convidar duas trançadeiras, ou mães de crianças, para fazerem trancinhas nas crianças que desejarem.
- Sugerimos uma brincadeira de salão de beleza. As crianças lavam o cabelo, fazem penteados com piranhas, presilhas, elásticos, fitas, e os meninos pintam com um spray colorido ou fazem brincadeiras com gel.

...Ludicidade

Entre suas várias funções sociais, os jogos sempre foram instrumentos de ensino e aprendizado e, também, uma forma de linguagem usada para a transmissão das conquistas da sociedade em vários campos do conhecimento. Ao ensinarem um jogo, os membros mais velhos de um grupo transmitiam

— e ainda transmitem — aos jovens e às crianças uma série de conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural do grupo. Ou seja: ao ensinarem um jogo, estão ensinando a própria vida.

Os Melhores Jogos do Mundo, 1978:120

TEMA: MEMÓRIA E LUDICIDADE

O lúdico, o prazer, a alegria, a brincadeira podem entrar nesse cenário, a partir das músicas e das danças. Aprender como se dança, aprender as canções, aprender a fazer as indumentárias, os adereços. Aprender com amorosidade, com alegria e desejo, pode ser o caminho da ludicidade.

No tabuleiro, séculos de tradição

Mancalas é uma família de jogos que, nas suas variadas formas — e são numerosas —, ficou conhecida como “jogo nacional da África”.

A forma pela qual se realiza a distribuição das peças está intimamente associada à semeadura. Esse fato, aliado ao local de origem, leva alguns a crer que os jogos da família mancala são talvez os mais antigos do mundo.

A sua origem mais provável é o Egito. A partir do Vale do Nilo, eles teriam se expandido progressivamente para o restante do continente africano e para o Oriente.

(...) Com a expansão do islamismo, a partir do século VII, houve também uma paralela expansão dos mancalas no mundo árabe. Posteriormente, numa terceira fase, os mancalas teriam sido trazidos para as Américas pelos escravos africanos. Seria, então, mais uma contribuição cultural dos negros ao novo continente.

Os mancalas são atualmente jogados em toda a África, ao Sul da Ásia, América e na maior parte da Oceania.

(...)

Antigamente, o jogo era associado a ritos mágicos e sagrados. Dependendo do lugar, era reservado apenas para os homens, ou para os homens mais velhos, ou, ainda, era exclusivo dos sacerdotes.

(...) O movimento das peças também revela sua origem antiqüíssima. Em várias regiões, está associado ao movimento celeste das estrelas. Em certas mitologias tribais, o tabuleiro simboliza o Arco Sagrado.

(...) No Brasil, o adi foi muito popular. Segundo consta, posteriormente teria sido desbancado pelo dominó, mas o jogo de búzios, que deriva dos mancalas e que no candomblé está associado a um forte sentido mágico e religioso, é uma mostra concludente da força dos mancalas também na cultura afro-brasileira.

Os Melhores Jogos do Mundo, 122-125



Mancala

A palavra origina-se do árabe *naqaala*, que significa "mover". Com o tempo, esse termo passou a ser usado pelos antropólogos para designar uma série de jogos disputados num tabuleiro com várias concavidades e com o mesmo princípio geral na distribuição das peças.

■ Aprenda a jogar

Mancala é um jogo para 2 jogadores. A cavidade maior, uma em cada extremidade, é designada por mancala e a de cada jogador será aquela que lhe ficar à direita. No início do jogo cada buraco deverá ter 3 peças, e as mancalas deverão estar vazias.

Objetivo:

O propósito do jogo é conseguir o maior número de peças na respectiva mancala.

Na sua vez, cada jogador escolherá um dos seus 6 buracos e retirará deles todas as peças que lá se encontrarem. Depois, no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio, colocará uma conta em cada buraco que percorrer, até não ter mais contas na mão. Exemplo: se tiver (tal como no início do jogo) 3 peças no buraco, isso significa que o jogador colocará uma peça em cada um dos três buracos à direita daquele que escolheu. Dependendo do buraco que escolher, e do número de peças nele contido, poderá facilmente acontecer que passe a sua mancala e acabe ao lado do seu adversário. Se passar pela sua mancala, deposite lá uma conta, mas não o faça se for a mancala do seu adversário (passe essa casa à frente).

Se a última peça que deve colocar for parar na sua mancala, o jogador tem direito a iniciar uma nova jogada. Se a última peça for colocada num dos seus buracos e este se encontrar vazio, ele deve ir ao buraco em frente (do seu adversário) e retirar todas as peças que lá se encontrarem, colocando-as na sua mancala (juntamente com a última conta que havia depositado no seu buraco vazio). Isto terminará a sua jogada. Não lhe será possível “capturar” peças se estiver ao lado do seu adversário.

O jogo acaba quando todos os buracos de um dos lados do tabuleiro estiverem vazios. O jogador que ainda tiver peças nos seus buracos deve recolhê-las, colocando-as na sua mancala.

O vencedor será quem tiver mais contas na sua mancala.

Para saber mais sobre o jogo, acesse <http://www.ncc.up.pt/~rslopes/aulas/0506/IP/trab.html>

- Sugestões de livros que trazem jogos:

A Semente que Veio da África, de Heloisa Pires Lima, Georges Gneka e Mario Lemos. Editora Salamandra.

Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro, de Claudia Zaslavsky. Editora Artes Médicas Sul.

ADINKRA, UM TECIDO REPLETO DE SIMBOLOGIAS

Adinkra é um pano cheio de desenhos, sendo que cada um deles representa um símbolo. Antigamente, esse tecido era usado por líderes espirituais e sacerdotes, em rituais secretos e cerimônias, como, por exemplo, nos funerais. Nos dias atuais, contudo, é encontrado em várias atividades sociais: casamentos, festas, festivais, cerimônias e rituais de iniciação, além do uso tradicional.

Sua origem é associada aos povos de Asante (Ashanti) de Gana e aos povos da Costa do Marfim. Em épocas modernas, entretanto, os panos do adinkra são usados para uma escala larga de atividades sociais. Além dos tecidos, seus desenhistas criam acessórios para roupas, decoração de interiores, papéis diversos, capas de livros.

Cada um dos símbolos tem um significado e um nome, formando um corpus de provérbios, eventos históricos, atitude humana, comportamento animal, vida de planta... Em sua totalidade, o simbolismo do adinkra é uma representação visual do pensamento social que relaciona a História, a filosofia e a opinião religiosa.

ENTENDA OS SÍMBOLOS

A seguir, alguns dos símbolos mais usados, seus nomes, e seus significados simbólicos. (Disponível em <http://www.ghana.gov.gh/visiting/culture/adinkra.php>)



AKOBEN (chifre da guerra – símbolo da vigilância e da cautela)
Akoben é um chifre usado para soar um grito da batalha.



TAMFOA BEBRE (o inimigo é cozido em seu próprio suco) Símbolo da importância da aprendizagem do passado.



SESA WORUBAN (eu mudo ou transformo minha vida) Esse símbolo combina dois símbolos separados do adinkra, “a estrela da manhã”, que pode significar um novo começo para o dia e que, colocada dentro da roda, representa rotação ou movimento independente.



SANKOFA (o retorno e o recomeço) Símbolo da importância da aprendizagem do passado.



OWO FORO ADOBE (serpente que escala a árvore do raffia) Por causa de seus espinhos, a árvore do raffia é um desafio muito perigoso para a serpente. Sua habilidade ao escalá-la é um modelo da persistência e da prudência.



ODO NNYEW FIE KWAN (o amor nunca perde o caminho de casa) Símbolo do poder do amor.



NYAME NNWU NA MAWU (Deus nunca morre, logo eu não posso morrer) Significa a imortalidade da alma do homem, por ser uma parte do deus. A alma descansa com o deus após a morte, por isso não pode morrer.



NSOROMMA (criança do firmamento) Um lembrete de que deus é o pai e olha por todos nós.



NKYINKYIM (twistings) Símbolo da iniciativa, do dinamismo e da versatilidade.



NKONSONKONSON (ligações chain) Lembra que todos devem contribuir com a comunidade, já que a unidade fortalece.



MATE MASIE (o que eu ouço, eu me mantenho) O significado do símbolo é “eu compreendo”. Compreender significa a sabedoria e o conhecimento, mas representa também a prudência de analisar o que uma outra pessoa fez.



HWE MU DUA (vara de medição) Esse símbolo lembra a necessidade de lutar para uma melhor qualidade, seja na produção dos bens ou em esforços humanos.



FUNTUNFUNEFU DENKYEMFUNEFU (crocodilos siameses) Os crocodilos siameses compartilham um estômago, contudo lutam pelo alimento excedente. Esse símbolo popular lembra que as brigas, as disputas corpo-a-corpo são prejudiciais a todos os envolvidos.



FIHANKRA (casa-composto) Típico da arquitetura de Asante, o composto comunitário da carcaça tem somente uma entrada e saída.



DENKYEM (crocodilo) O crocodilo vive na água, contudo respira o ar, demonstrando habilidade de adaptar-se às circunstâncias.



DAME-DAME-DAME (nome de um jogo da placa) Símbolo da inteligência e da ingenuidade.



AKOMA NTOSO (corações cobertos) Símbolo da compreensão e do acordo.



AKOMA (o coração) Paciência e tolerância. De acordo com Agbo, diz-se que uma pessoa que tem o coração em seu estômago é muito tolerante.



ADINKRAHENE (chefe de símbolos do adinkra) Esse símbolo desempenha um papel inspirador de outros símbolos. Significa a importância do papel da liderança.



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Muitas atividades podem ser desenvolvidas, sendo que consideramos fundamental, antes e depois de cada uma delas, consultar no mapa o país que está sendo estudado, saber dos seus povos...

- Jogo de memória dos símbolos.
- Confecção de quebra-cabeça com motivos africanos.

- Confeção de acessórios estéticos: brincos, cordões, colares etc.
- Confeção de cartões de mensagens tendo como base os símbolos, tipo postais.
- Confeção de marcadores de livros.

■ Confeção do tecido

Materiais

Espanjas ou batatas cortadas ao meio

Faca

Tinta lavável ou tintura (preto ou outra cor)

Panela rasa

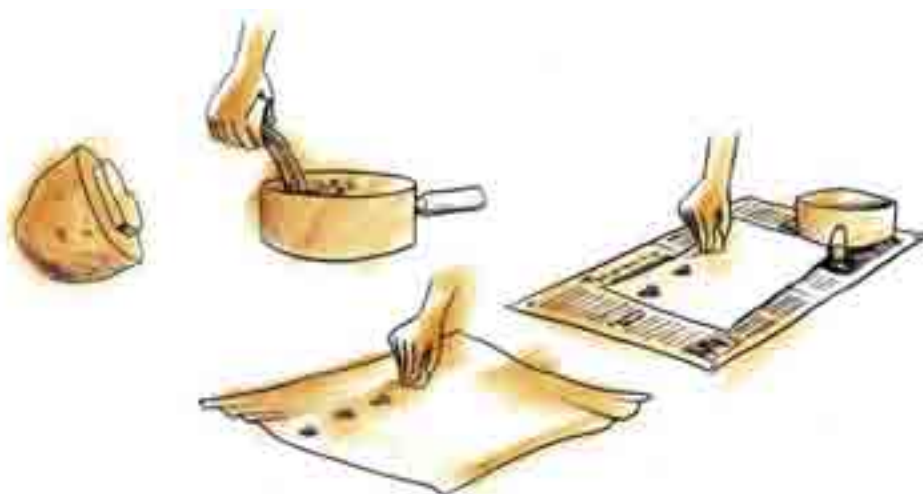
Várias folhas de papel

Jornais velhos

Um pedaço de pano branco

Como fazer um pano adinkra:

1. Comece com um símbolo fácil, como o coração. Peça a um adulto para ajudá-lo a esculpir o desenho na esponja ou na metade da batata.
2. Derrame tinta ou tintura na panela.
3. Coloque jornais embaixo de uma folha de papel. Estampe os desenhos em várias linhas retas na folha de papel. Se for difícil colocar os símbolos em linha reta, trace linhas fracas a lápis no papel, antes de começar.
4. Escolha outro símbolo e siga as instruções de 1 a 3.
5. Depois de praticar com símbolos em papel, tente trabalhar com tecido.
(Zaslavsky, 2000:142)



Um brinquedo adquirido no comércio provavelmente nunca será tão “pessoal” quanto aquele confeccionado pela própria criança, que sai personalizado de suas mãos, utilizando o material disponível no meio ambiente, seguindo os padrões consolidados no grupo social.

Garcia, 1989:55

Bonecas de barro, de pano...

Muito tempo atrás, lá no Egito, já faziam bonecas de barro. Antigamente, se faziam bonecas de pano, de madeira e até de sabugo de milho. A Emília e o Visconde de Sabugosa, das histórias de Monteiro Lobato, são bonecos feitos em casa, de pano e de sabugo de milho. Nos últimos anos começaram a aparecer bonecos para os meninos brincarem. Eles são geralmente super-heróis. Para as meninas, surgiram as “bonecas mocinhas”, com vestidos para trocar, com casinhas e automóveis para brincar de gente grande.

Rocha, 2004:57

■ Para fazer uma boneca de jornal

Essa é uma boneca feita com palha de milho em todo o interior do Brasil. O uso do jornal é uma adaptação para quem vive nas cidades. A primeira vez que fizemos uma assim foi com um grupo de crianças em Capelinha, Minas Gerais, no janeiro de 1991.

1. Pegue uma folha de jornal. Divida-a em duas.
Pegue um pedaço e divida em dois.
2. Enrole os pedaços pequenos para fazer dois canudinhos.
3. Faça uma trouxinha para a cabeça.
4. Trance os canudos.

5. Junte a cabeça ao corpo e amarre bem.
6. Invente a roupa (saia, vestido, sapato...) e cabelos de cordão ou de tirinhas de papel.
7. Pinte dois olhinhos e amarre uma linha nas mãos ou no pescoço da boneca.
8. Brinque com a boneca dependurada no cordão ou no colo.

Você pode fazer bonecos, bonecas, bichos e brincar de teatro. E pode, também, usar pano no lugar de jornal. A boneca fica mais maciazinha.

Adelsin, 1997:28-29



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Criar bonecos grandes, pequenos, de diversos tamanhos e cores
Dividir a turma em grupos. Cada grupo criará seu boneco ou boneca. Para cada boneco/boneca, o grupo responsável deverá construir uma história e uma memória: família, infância, trabalho, origem étnica...
- Os bonecos começam a interagir, a contar suas histórias para os outros bonecos.
- Após a interação, a turma construirá uma peça teatral na qual os bonecos serão os personagens.
- Não deixar de fazer o registro da atividade e sua avaliação.

Desafio: usar o acervo das palavras do livro Memória das Palavras e outras referências afro-brasileiras.

BRINCAR FAZ A VIDA MAIS ALEGRE

Um povo que celebra a vida não poderia jamais sobreviver às atrocidades da escravidão se não fosse capaz de cantar, dançar, brincar, sorrir. Vejam algumas brincadeiras afro-brasileiras ou nomeadas dentro desse repertório:

Gangorra: Prancha de madeira apoiada sobre uma base. Duas crianças se sentam sobre as extremidades e, com o seu peso, movimentam o brinquedo para cima e para baixo.



Bacondê: esconde-esconde.

Macaco: jogo da amarelinha.



Para fazer um barangandão:

Barangandão Arco-Íris

Este brinquedo nasceu em Salvador, na Bahia, numa atividade com crianças que misturavam papel crepom com o brinquedo barangandão que conheciam.

O barangandão é um objeto (pedra, caroço de manga, pau...) amarrado numa linha, com que os meninos brincam de muitas maneiras.

Em Minas, é conhecido como berimbau.

O barangandão Arco-Íris é ainda mais colorido e legal. Quando gira, faz barulho, e quando voa, colore o céu.

Dobre um jornal até ficar pequeno.

Corte tiras de papel crepom de cores diferentes e faça um "sanduíche" com o jornal.

Amarre bem amarrado numa das pontas do cordão.

Agora é só girar, girar e jogar para cima.

Experimente fazer o barangandão com outros papéis e materiais diferentes.

Invente formas novas de brincar, rodar, pular com seu barangandão.

Adelsin, 1997:52-53

...Circularidade

É de fundamental importância entendermos como, de maneira rica de ensinamentos e esperanças, o ato inicial de barbárie foi fundador de civilização. Em sua acepção primeira, o tráfico foi um movimento — uma forma de deportação — de homens e mulheres portadores de idéias, de valores, de saberes, de religiões e de tradições. Foi precisamente esta cultura em movimento que manteve a força da sobrevivência, da resistência, da adaptação e, enfim, do renascimento de indivíduos arrancados à terra dos seus ancestrais. Por sua exclusiva vontade de viver e criar, a violência absoluta que sofreram acabou por produzir reencontros, fecundações e mestiçagens, que, na misteriosa alquimia da constituição de identidades, deram à luz novas e plurais formas de culturas e de identidades.

Priore & Venâncio, 2004



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Sempre que possível, organizar uma roda e trabalhar em círculos. Observar que o conhecimento se tece também em diálogos, em redes, sensações, observações, sentimentos.

Qualquer motivação para encontro, festa ou celebração provoca uma roda.

Antonio Nóbrega, Programa Danças Brasileiras — Canal Futura

TEMA: CIRCULARIDADE/MEMÓRIA.

■ Sugestão de atividade:

Todos estão sentados em roda. Alguém diz uma palavra – como, por exemplo, negro. A pessoa do lado diz o que essa palavra a faz lembrar. Por exemplo, branco. Em seguida, a associação de idéias é com a palavra branco. Depois de algumas rodadas, o jogo volta. Exemplo: alguém diz: “Eu falei talco porque a Rita citou branco”, enquanto Rita retruca: “Eu falei branco porque a Vanessa disse negro”. E, assim, até chegar à primeira pessoa participante, quando a brincadeira chega ao fim.



Estudar foi uma lenha. Coisa da pobreza. Nos mudamos pro Rio de Janeiro nos anos quarenta. Tive de dar muito duro para poder estudar, mas consegui. Graduei-me em História e Filosofia, fiz mestrado em Comunicação e doutorado em Antropologia. Nada mal para uma ex-babá.

Heróis de Todo Mundo, programa sobre Lélia Gonzalez





Articulando os valores



Oralidade, musicalidade, corporeidade e ludicidade

É importante sublinhar que um tema-destaque em qualquer abordagem musical é o da tradição oral. A oralidade é uma característica inerente ao ato musical, seja no aspecto da criação, da execução ou da preservação dos seus códigos.

Charles Murray, em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>


Parlendas - gênero literário cujo foco é eminentemente a repetição e a recorrência, como, por exemplo:

Hoje é Domingo (autor desconhecido)

Hoje é domingo/pede cachimbo
Cachimbo é de ouro/bate no touro
O touro é valente/bate na gente
A gente é fraco/cai no buraco
O buraco é fundo/acabou-se o mundo.

Histórias cantadas, adivinhas, charadas, trava-línguas, o samba, o afoxé, a congada (dança afro-brasileira, um auto em forma de cortejo), **o jongo**:

O jongo, dança de roda e da mesma família do batuque, que plantou suas sementes nas fazendas de café e cana-de-açúcar em várias regiões dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais, é outro valioso instrumento no diagnóstico da sociedade negro-brasileira, principalmente da sua parcela que se manteve à margem dos benefícios do desenvolvimento econômico do país. Como explicar que essa manifestação artística que chegou em nossas terras no início do processo de colonização (provavelmente nas primeiras levas do século XVI), manteve-se culturalmente ativa por séculos, com suas tradições passando de geração para geração, só foi encontrar eco no Brasil oficial a partir da última década do século passado? Não é por acaso que nas comunidades remanescentes de quilombos identificadas até hoje no país, a exemplo dos Calungas de Goiás, o predomínio dos dialetos da família Níger-Congo é praticamente total. E onde o jongo se preservou? No Brasil rural, nas comunidades quilombolas. No Brasil urbano, nas comunidades de baixa renda — caso do Jongo da Serrinha no Rio de Janeiro, já na quinta geração de jongueiros da própria comunidade sob a liderança da veneranda Tia Maria do Jongo. Mas ele também potencializa outras leituras. A louvação que marca o início do jongo é um retrato do sagrado no coletivo banto. Outro traço marcante é o prazer de fazer música, de socializar, dançar e brincar — bem ao jeito do brasileiro. A característica da improvisação, com o solista fundamentando os pontos que são respondidos em coro pelos participantes, numa espécie de adivinhação, onde o verso cantado não expressa de forma clara seu conteúdo, sendo preciso decifrá-lo para saber



de que trata a música, é bem semelhante ao que se observa com os versadores no pagode de raiz. A métrica do verso do jongueiro, dando às palavras uma semântica toda particular, também foi um sofisticado sistema de comunicação, cujos códigos eram imperceptíveis aos senhores durante a escravidão. E tudo isso regido pelo toque dos tambores característicos, com suas técnicas próprias de produção envolvendo sua feitura, formato e afinação.

Charles Murray, em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>

ENTRE NO RITMO

Aqui se faz importante ouvir o CD *Gonguê* e dançar as músicas apresentadas: *Tambor de Crioula*, *Boi do Maranhão*, *Maracatu*, *Afoxé*, *Samba de Roda*, *Congada*, *Jongo*, *Catumbi*, *Samba de Escola*, *Hip Hop*. Como uma imersão auditiva. Ouvir, dançar, dançar, ouvir.

COCO

Algumas teorias tentam desvendar a origem da dança do coco. A maioria dos pesquisadores concorda em que ela teria nascido espontaneamente dos negros dos Palmares. Reza a tradição que os negros, à procura dos cocos, sentavam-se ao chão e, para quebrar a dura casca do fruto, colocavam-no sobre uma pedra e nele batiam com outra, até que o coco rachasse. Como eram muitos ao mesmo tempo, o barulho das pedras batendo nos cocos e as conversas sempre animadas do grupo provocavam uma barulheira enorme. Em meio à zoeira que se formava, sempre quem se levantasse e começasse a dançar, num vibrante sapateado, ao qual todos, alegremente,

procuravam unir as batidas ritmadas nos cocos e alegres cantorias, transformando tudo numa animada festa.

Fonte Filho, 1999:119

MARACATU

O maracatu é uma manifestação da cultura popular pernambucana que tem suas origens no séc. XVII. Neste momento foi criada a Instituição Mestra através da qual a Coroa Portuguesa “autorizava” os negros, escravos ou libertos, a elegerem seus reis e rainhas. A cerimônia de coroação acontecia no dia de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em frente às igrejas, sendo presidida por um pároco indicado pela Coroa. O maracatu era então designado como Nação, isso porque a escolha dos reis era feita de acordo com as diferentes etnias africanas trazidas ao Brasil.

(...) é um universo extremamente rico em termos estéticos, rítmicos, históricos e comunitários. Envolve dança, música, canto, alegria, ritual, e principalmente um enorme envolvimento emocional-comunitário.

Aline Valentim, em <http://www.riomaracatu.com/maracatus.html>



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Após a audição do CD, e dependendo da turma, algumas possibilidades de ações pedagógicas são:

Proposta 1 – Dividir a turma em grupos e sortear os ritmos entre eles, que deverão pesquisar as manifestações culturais e aprender tudo sobre elas, de corpo inteiro. Ao final, a turma deverá fazer uma apresentação conjunta.

Proposta 2 – Fazer uma eleição do ritmo de maior aceitação grupal e convidar toda a classe a desenvolver uma pesquisa sobre o ritmo e a

manifestação cultural correspondente. Buscar conhecer a origem, os mestres, os passos, os enredos, a história desse ritmo e, no final do processo, apresentar para toda a escola o resultado.

Proposta 3 – Se toda a escola estiver envolvida, cada classe ou série pode se responsabilizar pelo estudo de uma manifestação.

Em todos os casos, deverá haver uma produção final, tanto artística como em forma de registro escrito, fotográfico etc.

Imitar sons, formas e gestos de animais. Brincar de adivinhação. O aluno faz o som e os colegas dizem a que animal ele se refere. O mesmo pode ser feito em relação a gestos, mímicas, movimentos... São atividades que podem ser potencializadoras do corpo, da memória, da musicalidade...

Religiosidade/coletividade – Como trabalhar esses temas com o programa *Mojubá* e o livro *Memória das Palavras*

Atividade em grupo: Fazer um quadro ou ficha individual sobre os orixás.

- Nome
- Desenho
- Símbolos
- Cores
- Alimentação
- Perfil comportamental
- Orixá ligado a qual elemento da natureza?
- Uma lenda – ilustrar a lenda
- Relacionar a mitologia afro-brasileira às mitologias grega e romana, ou a outras, no sentido de perceber as cosmovisões de grupos e culturas humanas

A partir do quadro, propor que alunos (a idade e o nível obedecerão ao bom senso e conhecimento da realidade do professor) debatam os preconceitos em relação às culturas afro-descendentes.

Cosmovisão africana

Concepção ou visão do mundo que privilegia a participação, obedecendo aos princípios de inclusão, complementaridade, integração, respeito à diversidade e às diferenças.

Fonte: Oliveira, 2003.

TEMA: COMUNITARISMO/ORALIDADE

A Casa de Ariwo

Na casa de Ariwo as pessoas não sabiam conversar. Qualquer assunto era transformado numa grande discussão. Ninguém ouvia ninguém. Também ninguém pedia licença nem se cumprimentava. Agradecer, pedir desculpas ou despedir-se, nem pensar.

Era como se cada um falasse para si próprio. Sempre discutiam. Discutiam tanto que a briga começava no fundo da casa e terminava na porta da rua. Cada um terminava mais exausto e confuso. A vizinhança ficava preocupada com tanta barulheira. Sempre que havia aquela confusão os vizinhos saíam de suas casas e perguntavam à família: O que está acontecendo? Ninguém sabia responder. Cada um contava a sua história. Cada história era mais descontraída. A confusão continuava.

Por sorte, ali por perto vivia um velho sábio.

O nome do sábio era Afaradá. Ele era uma espécie de juiz da aldeia. Ele resolvia qualquer problema com os seus ensinamentos.

A vizinhança reunida foi procurar o velho Afaradá. O velho recebeu o grupo com generosidade.

Ouviu atentamente as queixas e orientou para uma eventual briga da família, o que não tardou em acontecer.

Quando a briga começou segundo a orientação do sábio, um menino chegou gritando com todo fôlego na porta de Ariwo: Lá vai a onça aí, gente! Só que ninguém lá dentro se incomodou com o grito do menino. Naquele dia a discussão ainda foi maior. Aí não teve jeito. Afaradá mandou fazer diferente. Ele mandou que quando começasse a briga levassem uma onça de verdade. Isso foi dito e feito.

Quando começou a briga, foi jogada dentro da

casa uma onça viva. Todos ficaram apreensivos pensando no horror que poderia acontecer. Assim que a onça entrou na casa, assustada toda a família parou de brigar e se organizou para enfrentar o bicho que estava a ponto de destruir a todos. Fez-se um enorme silêncio na casa. De repente foram saindo da casa um por um, apoiando-se mutuamente, enquanto a onça ficou lá dentro amarrada pelo trabalho e solidariedade de todos.

Petrovich & Machado, 2004:61



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Construir um acervo de mitos e lendas afro-brasileiras e formar fichas de leituras com eles.
- Ilustrá-los. Pode-se fazer um concurso entre as lendas e mitos e suas ilustrações.
- Pesquisar e ilustrar provérbios afro-brasileiros ou africanos como:

Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçada continuarão glorificando o caçador.

Nada saber é mau; nada aprender é pior.

A união do rebanho obriga o leão a ir dormir com fome.

Discutir o que são provérbios, sua finalidade e importância.

TEMA: SÍMBOLOS

A expressão simbólica traduz o esforço do homem para decifrar e subjugar um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam. O símbolo separa e une, comporta as duas idéias



Alguns desses amuletos e talismãs são usados, ainda hoje, com sentido estético e/ou religioso.

(Ver outra vez o Adinkra.)

Fonte: EBANK, Thomas. *Life in Brazil; or a Journal of a Visit to the Land of the Cocoa and the Palm*. 1856. Reimpressão, Detroit, 1971.

de separação e de reunião; evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar. (...) todo objeto pode revestir-se de valor simbólico, seja ele natural (pedras, metais, árvores, flores, frutos, animais, fontes, rios e oceanos, montes e vales, planetas, fogo, raio etc.) ou abstrato (forma geométrica, número, ritmo, idéia etc)

Dicionário dos Símbolos, 2003

lansã é a orixá das cores vermelha e branca, que rege o vento e os temporais.


Uma antiga lenda africana conta que, certa vez, Xangô, o marido de lansã, a enviou para uma aventura na terra dos baribas, onde a deusa deveria buscar para ele um preparado que dava o poder de cuspir fogo. A deusa, ousada que era, bebeu o preparado e adquiriu o poder.

Mais tarde, os africanos faziam cerimônias com o fogo para saudar divindades como lansã.

E, para isso, usavam o àkàrà, um algodão embebido em azeite de dendê, num ritual que lembra muito o preparo de uma comida que nos é bastante conhecida: o acarajé.

O acarajé nosso de cada dia é, na verdade, o alimento sagrado de lansã, também conhecida como Oyá.

A receita chegou ao Brasil junto com os escravos. Muitas africanas vendiam acarajé nas ruas no período colonial e algumas delas chegaram a comprar sua própria liberdade com o dinheiro das vendas. A iguaria ainda não tinha o nome de acarajé. O nome surgiu do chamado para atrair a freguesia, gritado pelas vendedoras do século XIX, algo como “o acará jé ecó olailai ô”.



O acarajé tornou-se símbolo da culinária brasileira e do nosso patrimônio cultural.

E assim como ele, diversos elementos da tradição africana povoam o cotidiano brasileiro com sons, movimentos, cores... Formas de arte que têm na religião seu sentido, sua essência, sua identidade.

A Cor da Cultura, **Mojubá**, Programa 4 – Influências



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Elencar e descrever símbolos afro-brasileiros, classificando-os: religioso, estético, culinário, lúdico etc.
- Fazer álbuns com esses símbolos.



Conhecendo e reconhecendo a África

Os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização feita pelos europeus, eram bambambãs em várias áreas: eles dominavam técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia; usavam sistemas matemáticos elaboradíssimos para não bagunçar a contabilidade do comércio de mercadorias; e tinham conhecimentos de astronomia e de medicina que serviram de base para a ciência moderna. A biblioteca de Tumbuctu, em Mali, reunia mais de 20 mil livros, que ainda hoje deixariam encabulados muitos pesquisadores de beca que se dedicam aos estudos da cultura negra.

Revista Nova Escola — África de Todos Nós, edição 187

Não há receitas prontas, não existe um “como fazer”, e por isso a necessidade de muitos espaços de discussão e troca intelectual — e não apenas entre os reconhecidos como “intelectuais” mas com os movimentos sociais. Não podemos, a despeito da exigência da Lei, sair repassando nas nossas salas de aula informações equivocadas, ou tratar o tema de uma maneira folclorizada e idealizada. Este é um grande temor: repetir modelos para fazer com que estes conteúdos curriculares fiquem parecidos com os que já trabalhávamos ao tratarmos da História e das contribuições culturais comumente estudadas

é um caminho fácil e perigosíssimo. São temas diferentes e sua abordagem necessariamente deve ser diferenciada.

Mônica Lima — Projeto A Cor da Cultura — Caderno 1



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Mapa

Fazer o mapa da África em emborrachado e transformá-lo num quebra-cabeça.

Distribuir as partes/peças do mapa ao grupo de alunos que deverá montá-lo.

O mesmo pode ser feito com o mapa do Brasil.

- Bandeiras

Conhecer as bandeiras de alguns países da África: os que falam a língua portuguesa, a Nigéria, a África do Sul...

O critério deverá ser do grupo, a partir do contato com os nomes dos países da África: Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, Tunísia, Mauritânia, Cabo Verde, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Burkina Fasso, Gana, Togo, Benin, São Tomé e Príncipe, Nigéria, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, República Centro-Africana, Congo, República Democrática do Congo, Angola, Zâmbia, Malavi, Tanzânia, Burundi, Ruanda, Quênia, Uganda, Somália, Djibuti, Etiópia, Eritreia, Sudão, Chade, Níger, Mali, Namíbia, África do Sul, Lesoto, Suazilândia, Moçambique, Zimbábue, Botsuana, Madagáscar, Ilhas Maurício, Ilhas Comores e Seychelles.



Brincar com os nomes em grupo. O/A professor/a dá um minuto para que os estudantes listem o maior número possível de países africanos. A partir das bandeiras, fazer fichas e cartazes sobre as capitais, os idiomas, os recursos naturais... Fazer uma espécie de viagem virtual a esses países.

Preparar exposição para a escola relatando a “viagem”.

TEMA: CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Como já sabemos, por causa do racismo e da escravidão, muito da cultura africana e afro-brasileira foi subalternizado, excluído da nossa memória individual e coletiva. Contudo... [Vejam alguns impérios, reinos e Estados de onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil e as tecnologias que trouxeram:](#)

Império de Gana

Entre os séculos IV e XI, era conhecido como o Império do Ouro. Seu povo dominava técnicas de mineração e usava instrumentos como a bateia, importante para o avanço do ciclo do ouro no Brasil. O clima úmido da região favorecia o desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

Império de Mali

Expandiu-se por volta do século XII. As cidades de Tumbuctu, Gao e Djene eram importantes centros universitários e culturais. O povo Dogon, que habitava a região, registrou em monumentos as luas de Júpiter, os anéis de Saturno e a estrutura espiral da Via-Láctea, observações feitas a partir do século XVII, na Europa.

Bateia

Recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são revolvidos, em busca de pedras e metais preciosos.
Fonte: Dicionário Houaiss

Império de Songai

Nos séculos XIV e XV, se sobrepôs ao Império de Mali. Técnicas de plantio e de irrigação por canais foram aperfeiçoadas e vieram para o Brasil juntamente com os negros escravizados. Esses saberes favoreceram a expansão da agricultura, principalmente durante os ciclos da cultura de cana-de-açúcar e do café.

Civilização Iorubá

Desenvolveu-se a partir do século XI. Os povos dominavam técnicas de olaria, tecelagem, serralheria e metalurgia do bronze, utilizando a técnica da cera perdida (molde de argila que serve de receptáculo para o metal incandescente). A capital, Oyo Benin, era dividida em quarteirões especializados (curtume, fundição etc.).

Reino do Congo

Já no final do século XVI, os habitantes dessa região eram especialistas em forjar ferro e cobre para produção de ferramentas. Introduziram na nossa lavoura a enxada, uma espécie de arado e diversos tipos de machados, que serviam tanto para cortar madeira como para uso em guerras.

SEGREDOS DAS ERVAS E FOLHAS

Existe em nós um conhecimento ancestral e popular sobre as ervas e as folhas, para além do conhecimento científico. Vamos pesquisar esse assunto?

Registros antigos, como pinturas rupestres, escritos e símbolos, revelam uma ligação muito íntima da humanidade com a natureza, principalmente com as plantas. Em diversas culturas, as ervas representavam a cura para os males do corpo e do espírito. Foi assim na China Antiga, na Grécia, entre os celtas, os hebreus, hindus, árabes, ameríndios e africanos.

(...) durante muito tempo, estes conhecimentos foram relegados a segundo plano e tratados como credence popular. A ciência vem comprovando o que diversos líderes espirituais antigos já sabiam: que nas folhas pode estar a resposta para muitas doenças que afligem a humanidade.

A Cor da Cultura, **Mojubá**, Programa 3 — Saúde e Meio Ambiente



■ Como desenvolver o tema

1. *Fazer um levantamento sobre os vendedores de ervas da cidade. Em muitas feiras livres há sempre um tabuleiro de ervas para banhos e outros fins. Em todas as cidades brasileiras existe uma rezadeira, alguém que cultiva folhas para chás... Vamos conversar com essas pessoas, para tentar conhecê-las, saber como aprenderam sobre as ervas, qual o significado desse trabalho para suas vidas etc.*
2. *Entrevistar também um biólogo/a, botânico/a ou fitoterapeuta e fazer as mesmas perguntas.*
3. *Elaborar um quadro comparativo com as conclusões dos pesquisadores.*
4. *A partir das entrevistas, fazer um catálogo das folhas/ervas e suas propriedades fitoterapêuticas.*
5. *Cultivar algumas folhas/ervas num canteiro da escola, registrando o processo, o cuidado com a plantação.*

O desenvolvimento do ser humano prossegue pela contínua transformação, resultante de sua interação com o meio. Sendo dotado de um sistema nervoso de grande plasticidade, o ser humano tem potencialmente uma multiplicidade de caminhos de desenvolvimento. A direção que tomará seu desenvolvimento é função do meio em que ele nasce, das práticas culturais, das instituições de que participa e das possibilidades de acesso a informações existentes em seu contexto.

(...) A escola é, por sua vez, uma das possibilidades de desenvolvimento para o ser humano.

Como ela se diferencia das oportunidades de desenvolvimento encontradas na vida cotidiana, se o indivíduo não for escolarizado, deixará de construir determinadas práticas e conceitos, mas não deixará de se desenvolver.

LIMA, 1997

■ Para conhecer as técnicas de construção

1. *Pedir a algum marceneiro/carpinteiro para dar uma oficina sobre como se faz, por exemplo, uma casinha de madeira. Pensar sobre as técnicas, os processos, o planejamento da obra.*
2. *Convidar um arquiteto para fazer o mesmo.*
3. *Comparar os processos.*
4. *Entrevistar os dois sobre suas formações, como foi a trajetória até eles se tornarem os profissionais que são.*



Da África à diáspora africana



Milhões de africanos foram forçados a cruzar o oceano e partir para uma nova vida no chamado novo mundo. Vinham nos chamados navios negreiros...

O tráfico de escravos distribuiu africanos dos mais diferentes grupos étnicos para diversos países das Américas, inclusive o Brasil. Línguas, culturas, crenças espalhadas pela Terra, num fenômeno que passou a ser conhecido como a diáspora africana... A escravidão atlântica fez surgir a diáspora africana e espalhou pelo mundo mitos, crenças e costumes milenares. Em seus novos destinos, estas tradições se compuseram, se interligaram e criaram uma nova cultura que, no Brasil, se dispersou pela dinâmica das migrações. Hoje, no terceiro milênio, o conceito da diáspora foi atualizado pela força da globalização.

A Cor da Cultura, **Mojubá**, Programa 1 – Origens



ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

- Vamos começar com o mapa da diáspora africana (colocar o mapa ou sua referência nos cadernos).
- Vamos começar com a música:
Propor a pesquisa e audição de produções da cultura hip hop, gênero musical que é produto da fusão de ritmos (porto-riquenho, jamaicano e afro-americano) e danças (capoeira e rumba) de

descendentes de africanos de várias regiões da diáspora. Pesquisar também outro produto dessa nova diáspora, que é a *axé music*, que influencia outros ritmos do mundo todo.

PROJETO COLETIVO DA ESCOLA

Mais uma sugestão: a elaboração de um projeto coletivo da escola sobre a temática, sobre o kit **A Cor da Cultura** (ver Caderno 2).

Sugerimos que o projeto tenha:

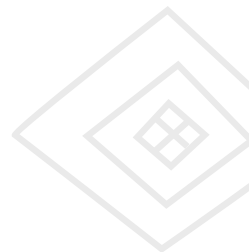
Capacitação/uma socialização/compartilhamento dos conhecimentos por todos da escola, uma sensibilização e imersão temática.

Planejamento participativo, de modo que o projeto esteja em interação e sintonia com o projeto político-pedagógico da escola, que faça sentido para toda a comunidade escolar.

Realização do que foi planejado/execução/desenvolvimento do planejamento.

Compartilhar o vivido (apresentações artísticas e vivências a partir da audição, paladar, tato, olfato e visão; momentos de “contação” de histórias, degustação de pratos típicos, exposição de trabalhos dos/das estudantes, projeções de filmes africanos, reportagens e documentários africanos, exposição de trabalhos de artistas contemporâneos plásticos, performáticos, recitais...).

Para concluir...



Queremos registrar que este Caderno não tem fim, não está completo. Essa temática tem uma riqueza de possibilidades, de caminhos, que torna impossível abarcar o seu universo num caderno de atividades. Isso mostra como o conhecimento é ilimitado. As atividades não se esgotam, não se acabam. Procuramos, contudo, articulá-las com outros saberes, outros conhecimentos.

Quanto mais nos aproximamos do tema, mais nos deparamos com outras possibilidades. Contudo, esperamos que professores e professoras compartilhem suas descobertas, suas atividades, e assim possamos continuar construindo este Caderno com um acervo de atividades socialmente e coletivamente elaboradas, sobre a inclusão das culturas africana e afro-brasileira, e suas respectivas Histórias, nos currículos e cotidianos escolares das escolas brasileiras. Como? Lendo o mundo, escrevendo este mundo, neste mundo, e contando e compartilhando essa prática na direção do enriquecimento do repertório de todas e de todos; na direção dos nossos mais caros sonhos de educação, que é uma educação com dignidade, orgulho e possibilidades para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Culinária Baiana no restaurante do Senac Pelourinho. São Paulo: Senac, 2004.

ADELSIN. **Barangandão Arco-Íris: 36 Brinquedos Inventados por Meninos.** Belo Horizonte: Adelsin, 1997.

BOAVENTURA, Edivaldo M. & SILVA, Ana Célia da. (Org.) **A Força que Anima.** Salvador: s.e., 2004.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Universidades, Transdisciplinaridade e Experiência Humana**. Disponível em: <http://www.sociologia.org.br/tex/universidades.htm>

DEL PRIORE, Mary e VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma Introdução à História da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

EWBANK, Thomas. **Life in Brazil**. Reimpressão, Detroit, 1971.

FONTE FILHO, Carlos da. **Espetáculos Populares de Pernambuco**. Recife: Bagaço, 1999.

Fundação Roberto Marinho. **Cadernos de Atividades Identidade Brasil**. Rio de Janeiro: FRM, 2002.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Tradução: Eric Nepomuceno. Porto Alegre: LP&M, 1981.

GARCIA, Rose Marie Reis & MARQUES, Lílian A. **Jogos e Passeios Infantis**. Porto Alegre: Kuarup, 1989.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras e DEL PRIORE, Mary. **O Baú de Ossos: História Como Parte da Memória & Memória Como Objeto da História**. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto

KARASCH, Mary C. **A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. SP: Cia. das Letras, 2000.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 3ª ed. SP: Martins Fontes, 1999.

LIMA, Elvira Souza. **Desenvolvimento e Aprendizagem na Escola: Aspectos Culturais, Neurológicos e Psicológicos**. São Paulo: Grupo de Estudos do Desenvolvimento Humano, 1997.

LIMA, Heloisa Pires, GNEKA, Georges & LEMOS, Mario. **A Semente que Veio da África**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2005.

LODY, Raul. **Cabelos de Axé: Identidade e Resistência**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá - Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira**. Salvador: UFBA/Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 1995.

MAIO, Marcos C. e SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Condição Humana**. In: Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.

MURRAY, Charles. **Boletim: Memória, Patrimônio e Identidade – 2005**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/>

MUSEU DA PESSOA. Disponível em: http://www.museudapessoa.com.br/escolas/oq_eh_memoria.htm

OLIVEIRA, David E. de. **Cosmovisão Africana no Brasil – Elementos para uma Filosofia Afro-Descendente**. Fortaleza: LCR, 2003

OS MELHORES JOGOS DO MUNDO. São Paulo: abril, 1978.

PEDROSO, Franklin Espath. **Jogo da Memória**. Disponível em: <http://www.mamrio.com.br>

PETROVICH, Carlos & MACHADO, Vanda. **Ire Ayó – Mitos Afro-Brasileiros**. Salvador: Edufba, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REVISTA NOVA ESCOLA. Edição 187 - África de Todos Nós.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque Pedagógico Afro-Brasileiro**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2000.

ROCHA, Ruth. **Almanaque Ruth Rocha**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SERRES, Michael. **Atlas – Coleção Epistemologia e Sociedade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SIQUEIRA, M. L. **O Terreiro, a Quadra e a Roda: Formas Alternativas de Educação da Criança Negra em Salvador**. In BOAVENTURA, Edivaldo M. & SILVA, Ana Célia da. (Org.) A Força que Anima. Salvador: s.e., 2004.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o Dono do Corpo**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

ZASLAVSKY, Claudia. **Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 2000.



A Roda do Tempo



Oração ao Tempo

Caetano Veloso

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo tempo tempo tempo

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo

(...)

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo tempo tempo tempo

Não serei nem terás sido
Tempo tempo tempo tempo
Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos

Tempo tempo tempo tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo tempo tempo tempo

(...)

O tempo carrega consigo complexidades. Cada um o percebe de modo muito próprio, cada cultura o vivencia de uma forma, ele regula o mundo a partir de um referencial, marcado pelo sabor do poder... Observe o meridiano 0°, de Greenwich. Será que todos os povos do planeta comungam com essa divisão do tempo, livremente? Pensar o tempo é pensar em relatividade, em dominação, em modos de senti-lo, de vivê-lo: tempo de brincar, tempo de estudar, tempo de lazer, tempo de trabalhar, tempo de aula, tempo de sol, tempo de chuva, tempo de cozimento, *tempo, tempo, tempo, tempo...*

Dentro da concepção de tempo circular e não-linear, tempo que acolhe a simultaneidade, apresentamos a Roda do Tempo.

COMO TRABALHAR O TEMA DO TEMPO

- Refletir sobre o que é o tempo. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tempo>; <http://pt.wikipedia.org/wiki/Calend%1rio>
- Pesquisar mitos e lendas sobre o tempo nas culturas ameríndias, africanas, européias, do Oriente Médio...
- Entrevistar um astrônomo, um físico e sacerdotes sobre o que é o tempo e sua importância para a vida na Terra. Dividir a turma em grupos. Cada um procura um entrevistado diferente. As entrevistas serão apresentadas depois. Se possível, promover um debate com a classe sobre as descobertas feitas.
- Construir calendários e relógios.
- Fazer uma linha do tempo do dia vivido na escola, com ilustrações e legendas. Comparar as linhas. Pode ser uma tarefa em grupo.
- Fazer um painel com imagens dos acontecimentos marcantes da escola e, a partir delas, pedir que cada um escreva sobre o acontecimento vivido. Comparar os textos para ver a subjetividade dos relatos e das experiências/vivências de um mesmo acontecimento.
- Fazer uma linha do tempo da rua, do bairro, da cidade... e analisá-la para perceber como alguns acontecimentos pertencem a todos, e outros, embora no mesmo período, são muito próprios daquele lugar.

Roda-viva

Chico Buarque de Hollanda

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mais eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
No volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir

Marcos cronológicos da História africana e afro-americana

Por **Patricia Santos Schermann** ¹

A África sempre despertou o interesse dos viajantes, cronistas, comerciantes, traficantes de escravos e cientistas, que buscaram retratar, por desenhos e narrativas, um continente tão plural e diverso e, por conta disso, provocador das reações de estranheza, aproximação, admiração e repulsa.



¹ Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Professora de História da África na PUC-Rio e na Fundação Educacional de Duque de Caxias (Feuduc)

No século XIX, somou-se a essas visões do continente a perspectiva de que a África não possuía História, porque o “relógio do tempo havia parado”, fazendo com que os povos africanos estivessem ainda na “primavera da humanidade”, não possibilitando que ela desenvolvesse instituições, documentações escritas e a espiritualidade judaico-cristã, características que se acreditava serem dos povos “civilizados”. A consagração dessa visão da África e dos povos africanos viria com a obra *Lições da Filosofia da História*.

No entanto, se, no século XIX, negaram a História ao continente, ele não deixou de ser alvo de grandes disputas intelectuais, que buscavam atribuir-lhe uma historicidade a partir dos projetos coloniais das potências europeias, dos missionários e do pan-africanismo, através de Edward Blyden e Alexander Crummell. Eles viam o continente como local de “retorno” para os afro-americanos, uma vez que a exclusão social e racial os colocava numa posição marginal no processo de construção da “nação livre norte-americana”.

Se tal perspectiva da *África sem história* chegou ao século XX, em contrapartida, os diversos agentes que atuaram no continente, na primeira metade desse século, passaram por conflitos, resistências e acomodações na relação com as populações locais. Por sua vez, elas mostraram ao meio acadêmico os limites dos pressupostos “racializantes” a respeito dos africanos e a necessidade do registro da diversidade e das singularidades encontradas no continente, nos relatos etnográficos e no gênero que se desenvolveu também nos primeiros 50 anos do século XX, denominado *História Colonial*. Contudo, apesar das pesquisas, via-se a História da África e o tempo histórico começando a partir da presença colonial europeia no continente.

Foi na segunda metade do século XX, no contexto do processo de descolonização dos países africanos, que historiadores das novas nações do continente abraçaram o grande projeto de se pensar na História da África para além do referencial colonial. Diante disso — e com o apoio da Unesco —, desenvolveu-se o esforço, coordenado pelo historiador de Burkina Fasso, Joseph Ki-Zerbo, de se organizar uma *História Geral da África*. Através de novas perspectivas teóricas e metodológicas, a obra atribuía a categoria de fonte/documento à tradição oral, à produção artística e aos resultados de pesquisas arqueológicas. Além disso, os colaboradores de Ki-Zerbo busca-

ram valorizar os saberes e outras visões da construção do tempo que não fossem aqueles lineares e evolucionistas pensados, a partir do fim do século XIX, para a produção do pensamento histórico.

Em função disso, dos anos 70 aos anos 90 do século XX, enfatizou-se o estudo também da afro-América e passou-se a perceber a dimensão atlântica da África. A partir desse viés, desenvolveu-se o estudo da escravidão na perspectiva da história social e se valorizou, a partir de então, o cotidiano construído pelos escravos nas Américas, suas instituições religiosas e contribuições políticas e sociais, inserindo os africanos, e seus descendentes, no processo de estruturação das sociedades americanas.

Torna-se imperioso, assim, analisar as histórias africana e afro-americana numa outra visão do tempo, percebendo como suas dinâmicas se influenciam mutuamente e que o processo histórico não é linear, mas constituído por uma convergência de diversas experiências sociais, culturais e políticas transcontinentais, marcadas por rupturas, avanços, retrocessos e elaborações que, de fato, marcam as trajetórias históricas africana e afro-americana.

A partir desse posicionamento, apresentamos os marcos cronológicos e a “roda do tempo”, que é dinâmica e plural, assim como são os povos africanos e afro-americanos.

Esperamos contribuir, com este material, para uma outra visão da História brasileira, a partir da valorização da relação com a História da África e da afro-América.

SÉCULOS XVI-XVII

MUNDO

■ FATOS

África

- Tráfico de escravos para as Américas, envolvendo a África Ocidental, particularmente a região do Congo-Angola e do Golfo do Benin.
- Holandeses ocupam São Jorge da Mina (1637) e Luanda (1641).

Expedição de colonos, liderada por Salvador de Sá (1648), parte do Brasil para combater os holandeses nesses postos, conseguindo reconquistar Luanda.

Europa

- União Ibérica (1580-1640): Com a morte do rei português, D. Sebastião, tem início a União Ibérica, que fará com que o Brasil e demais colônias portuguesas estejam sob o controle maior do rei de Espanha.

■ PERSONAGENS

- **Rainha Nzinga Mbandi**, (dona Ana): Rainha do reino Ndongo, nascida no início do século XVI, desempenhou um papel importante de resistência às incursões portuguesas em suas terras. Impôs-se como mediadora respeitada nas relações entre os portugueses e os comerciantes da região do Congo-Angola.
- **Dona Beatriz Kimpa Vita**: Diante da situação de subordinação do antigo Reino do Congo ao domínio português, na segunda metade do século XVII, surgiram vários profetas messiânicos, dentre os quais se destaca a figura de dona Beatriz Kimpa Vita, que se colocava como porta-voz de Santo Antônio de Pádua. Beatriz fez seu proselitismo em São Salvador (antiga Mbanza Congo). Em sua pregação, dizia que era vontade de Deus a restauração da antiga glória congoleza, sendo Mbanza a verdadeira Belém, e Jesus, Maria e seus discípulos, de origem congoleza. Em virtude de suas pregações e incentivos à luta contra os portugueses, eles a condenaram à morte por bruxaria, quando tinha apenas 24 anos de idade.

BRASIL

■ FATOS

- Desenvolvimento da colonização com utilização da mão-de-obra escrava indígena e africana. Integração do Brasil ao circuito escravista do Atlântico Sul.
- Quilombo dos Palmares: No final do século XVI, instala-se na Ser-

ra da Barriga (região situada no atual Estado de Alagoas) o Quilombo dos Palmares, célebre pela sua capacidade de subsistência e por ter resistido às incursões portuguesas. Dentre suas lideranças, destaca-se a figura emblemática de Zumbi dos Palmares.

- Invasão Holandesa, na primeira metade do século XVII: A reação portuguesa contra os holandeses foi feita com os recursos da própria colônia. No Recife, destacou-se a organização militar conhecida por “terços”, que correspondia a um terço de brancos, comandado por André Vidal de Negreiros, outro terço de indígenas, comandado pelo índio Filipe Camarão, e o último terço de africanos e seus descendentes, comandados por **Henrique Dias**, que era negro. Este último terço destacou-se pela luta contra os holandeses no Brasil e em Angola, ficando conhecido como **os Henriques**.

■ PERSONAGENS

- **Zumbi dos Palmares** (1655?-1695): Nascido em Palmares, por volta de 1655, foi tomado de seus pais pela expedição de Brás Rocha Cardoso e levado para Porto Calvo. Aos 15 anos, foge para Palmares, sendo adotado por Ganga Zumba. Conhecido pela sua capacidade de liderança e por suas vitórias contra os portugueses, Zumbi se tornou figura lendária da luta contra a escravidão. Sua morte, em 1695, o consagrou como um símbolo da resistência contra a escravização. Em homenagem a Zumbi, o dia de sua morte, 20 de novembro, foi consagrado como o Dia da Consciência Negra.
- **Henrique Dias**: Filho de africanos, nasceu em Pernambuco, no início do século XVII. Durante as invasões holandesas, comandou um grupo de negros que participou de várias batalhas em Pernambuco, Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte. Por sua atuação nos combates, recebeu a patente de governador das companhias de crioulos, negros e mulatos da guerra de Pernambuco. Apesar do destaque de sua milícia, não recebeu o soldo devido, tendo viajado a Portugal para reivindicá-lo.

SÉCULO XVIII

MUNDO

■ FATOS

Europa

- Revolução Francesa (1789-1815): O movimento abala o Antigo Regime na Europa, ao derrubar o rei e lutar pelo fim dos direitos senhoriais, em nome dos princípios iluministas da liberdade, igualdade e fraternidade. A propagação desses ideais inspirou diversos movimentos contestatórios e de transformação social, dos quais pode-se destacar a Revolução do Haiti (1791-1803), em que os escravos de São Domingos, liderados por **Touissant l'Overture**, venceram as tropas francesas e inglesas e, em 1803, fizeram do Haiti a primeira colônia independente da América Central.

África

- Moçambique entra na rota de tráfico de escravos: Começam a chegar ao Brasil escravos dessa região.
- Movimentos de emancipação na Senegâmbia: No final do século XVIII, surgiram diversos movimentos contra a escravidão na região da antiga Senegâmbia, questionando o aumento das *razzias* e de populações atingidas pelo tráfico, que, nesse momento, enviava uma quantidade significativa de escravos para a região do Caribe.
- No final do século XVII, segue-se uma série de *jihads* promovidas em Sokoto (importante cidade, situada na atual Nigéria), lideradas por Uthman Fodio, que, após a vitória, dinamiza o tráfico de escravos da região para as Américas. Foi nesse contexto que muitos escravos importantes na **Revolta dos Malês** (1835) chegaram ao Brasil.

■ PERSONAGENS

- **Touissant l'Overture**: Engajou-se na luta do Haiti com 45 anos de idade. Destacava-se por ser alfabetizado e pelo conhecimento das técnicas militares, que lhe garantiram a liderança da revolução. Suas vitórias o tornaram uma figura emblemática em sua época na luta contra a escravidão e também contra o domínio colonial.

- **Solitude:** Conhecida como “mulata Solitude”. Nasceu escrava por volta do ano de 1722, numa fazenda no arquipélago de Guadalupe, no mar do Caribe, colônia da França à época. Em 1802, foi condenada ao cadafalso, por ordem do governo francês, pelo fato de ter sido uma das líderes da luta pela não-revogação da abolição da escravidão e pela independência de Guadalupe. As revoltas, com participação de escravos e negros libertos em Guadalupe, se deram em contexto semelhante ao do Haiti. Até hoje, o arquipélago de Guadalupe não é independente: trata-se de um departamento francês no ultramar.
- **Agotime, rainha/Maria Mineira Naê:** Rainha do reino de Abomey, foi vendida como escrava para o Brasil, após a morte do rei Agongo (1789-1797). Seu filho Ghezo (1818-1858) tornou-se rei, apesar da desventura que se abatera sobre sua mãe. No Brasil, Agotime foi fundadora da Casa das Minas, desempenhando um papel vital de resistência cultural e religiosa.

BRASIL

■ FATOS

- A prosperidade da exploração do ouro nas Minas Gerais favoreceu o desenvolvimento do Barroco. Destaca-se nesse contexto a figura de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.
- Revolta de Vila Rica (1720): Causada pelo aumento da exploração e da cobrança de impostos sobre o ouro extraído das Minas Gerais. Contida pelos portugueses, custou a vida de Felipe dos Santos, executado após julgamento sumário.
- Inconfidência Mineira (1789): A conjuntura econômica de aumento da exploração do ouro e o afastamento com relação à estrutura de poder metropolitano, juntamente com os ideais propagados pela Revolução Americana e pela Revolução Francesa, suscitaram o surgimento do movimento de luta pelo fim do controle lusitano, que foi duramente reprimido, custando a vida do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, cujo julgamen-

to e execução foram usados como modelo para impedir o surgimento de outros levantes na colônia.

- **Inconfidência Baiana (1798):** Influenciados pela Revolução Francesa e pelos ideais iluministas, colonos, escravos e libertos fizeram o levante buscando o fim do domínio luso e a libertação dos escravos. Dentre eles, destaca-se o soldado **Luís Gonzaga das Virgens**, mestiço que, juntamente com outros soldados e alfaiates — dos quais a maioria era liberta —, foi julgado e executado pelos portugueses. Essa revolta ficou conhecida como a Revolta dos Alfaiates.

■ PERSONAGENS

- **Chica da Silva:** Francisca da Silva nasceu em 1735, em Vila do Príncipe, Minas Gerais, filha da escrava Maria da Costa com o português Antonio Caetano de Sá. Morreu em 1796, no Arraial do Tejuco, em Minas. A ascensão social de Chica, através da união com o contratador de diamantes João Fernandes, garantiu *status* para si e para seus filhos e levou-a a integrar diversas irmandades negras, ajudando a construir igrejas importantes para as festas e a constituir identidades coletivas negras.
- **José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita:** Nasceu em Vila do Príncipe, em 1746, e morreu no Rio de Janeiro, em 1805. Filho do português José Lobo de Mesquita e da escrava Joaquina Emerenciana, ficou conhecido como grande organista e compositor. No conjunto rico de suas obras, destacam-se *Dominica in Palmis* (1782) e *Antífona de Nossa Senhora* (1787).
- **Aleijadinho:** Antonio Francisco Lisboa (1780-1814) era filho da escrava Isabel com seu senhor, o mestre-de-obras português Manoel Francisco Lisboa. Antonio cresceu aprendendo o ofício do pai e se immortalizou pelo seu talento. Adulto, adoeceu de hanseníase, mas, apesar das dificuldades, produziu obras admiráveis, dentre as quais se destacam *Os Doze Apóstolos*, em pedra-sabão, e as 66 figuras em cedro dos passos da Paixão de Cristo, que estão em Congonhas do Campo, Minas Gerais.

- **Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz:** De acordo com Luiz Mott, que estudou a trajetória de Rosa, ela foi a primeira africana no Brasil a escrever um livro. Sabe-se que, nos primeiros 20 anos de vida, morou no Rio de Janeiro, até ser vendida para Minas Gerais, onde permaneceu por 18 anos. Depois desse período, Rosa retornou ao Rio de Janeiro em 1751, onde morou até 1763, quando foi enviada para a Inquisição em Lisboa. Apesar da condenação da Igreja, foi considerada santa por brancos, escravos e libertos, pela família de seu antigo senhor, e até por alguns padres.

SÉCULO XIX

MUNDO

■ FATOS

- Bloqueio Continental Napoleônico (1807) e vinda da família real para o Brasil (1808).
- Ao longo de todo o século XIX, movimento de retorno à África (Benin e Angola) de ex-escravos no Brasil.
- Inicia-se a série de independências das colônias espanholas nas Américas.
- Abolições da escravatura nas colônias inglesas e francesas nas Américas.
- Fim do tráfico de escravos (1810).
- Revolução Liberal do Porto (1820), exigência do retorno da família real para o Brasil.
- Revoluções de 1830 e 1848 na Europa.
- Nos Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XIX, os pastores episcopais negros **Edward Blyden** e **Alexander Crummel** organizam o movimento de retorno à África em direção à Libéria, dentro do contexto do movimento pan-africanista.
- Repressão britânica ao tráfico ilegal de escravos (1850).
- Guerra Civil Americana (1865): Com a derrota dos estados con-

federados, a partir de 1865, o Brasil tornou-se o único país escravocrata das Américas.

- Conferência de Berlim (1885): Desenvolvimento das investidas imperiais e coloniais européias para a conquista da África. Destacam-se, nesse processo, as resistências dos diferentes povos africanos e de suas lideranças, dentre elas as figuras de **Samouri Touré, Muhammad Ahmad e Ahmad Bamba**.
- Para reconhecer a independência do Brasil, a Inglaterra exige o acatamento da decisão do fim do tráfico de escravos (1822).

■ PERSONAGENS

- **Alexander Pushkin:** Nasceu em 1799, em Moscou, na Rússia, e morreu em 1837, em São Petersburgo, no mesmo país. Grande poeta, romancista e contista, Pushkin foi considerado o fundador da literatura russa moderna. Sua mãe era neta de Abram Hannibal, que em vida se autoproclamava príncipe africano. Resgatado da escravidão, Hannibal tornou-se engenheiro e militar, conseguindo o apreço do czar Pedro I, da Rússia.
- **Alexandre Dumas (pai):** Nasceu em 1809, em Villers-Cotterêts, na França, e morreu em 1870, em Puys, também na França. Foi grande e reconhecido romancista e dramaturgo de origem afro-descendente, que veio a se tornar uma das figuras mais importantes do romantismo francês no século XIX. Seu pai, Thomas Alexandre Dumas Davy de la Palleterie, era filho de um marquês com uma escrava negra, Marie Cessete, que recebera o sobrenome Dumas do pai de seu filho. Das obras de Alexandre Dumas, destaca-se a saga dos *Três Mosqueteiros*, conhecida mundialmente.
- **Frederick Douglas:** Nascido por volta de 1818, em Talbot County, Md., Estados Unidos, morreu em 1895, em Washington, EUA. Foi um dos principais afro-americanos a se destacar na luta abolicionista, através de relato autobiográfico e de adesão política ao movimento abolicionista. Além da sua participação na luta contra a escravidão, destacou-se pela defesa do direito das mulheres e pelo sufrágio eleitoral extensivo aos negros.
- **Harriet Tubman:** Conhecida como a “musa do povo negro nor-

te-americano”. Nascida escrava, entre 1819 e 1823, numa plantação de algodão em Maryland (EUA). Em 1849, fugiu para a Pensilvânia (Estado americano não-escravista). De lá, passou a organizar e a guiar escravos que fugiam do Sul em direção ao Norte, numa rota que chegava ao Canadá. A trilha que criou em direção à liberdade e a rede de auxílio para os escravos em fuga que idealizou ficaram conhecidas como “ferrovia subterrânea” e possibilitaram que mais de 100 mil cativos escapassem do Sul escravista.

Participou da Guerra da Secessão, na qual liderou tropas negras na libertação de escravos que iriam lutar ao lado das forças do Norte. Na tradição oral da guerra civil, ficou conhecida como “general Tubman”. Terminada a guerra, engajou-se na luta pelos direitos civis dos negros nos EUA. O governo norte-americano custou a reconhecer seu heroísmo e só muito recentemente criou um dia em sua homenagem. No Canadá, um dos mais importantes centros de pesquisa sobre a diáspora africana nas Américas leva o seu nome e fica na Universidade de York, em Toronto.

- **Samouri Touré:** Líder da luta contra a dominação francesa na Guiné, de 1849 a 1898, quando foi capturado. A resistência no Fouta Djalon foi fortíssima, mas, gradualmente, perdeu força no século XX, em função da vitória francesa. Nesse mesmo século, um dos descendentes da linhagem dos Tourés, Ahmed Sékou Touré, tornou-se o mais famoso dos guineanos. Foi um dos mais importantes líderes da união comercial na África colonial francesa. Em 1956, desafiou as relações comerciais com a França, criando uma federação africana de comércio.
- **Muhammad Ahmad** (1831?-1885): Nascido no norte da atual República do Sudão, Muhammad Ahmad Ibn Allah, o *Mahdi*, liderou um grande movimento de resistência contra os ingleses, a partir do ano de 1881. Esse movimento culminou na criação de um Estado Islâmico que sobreviveu à sua morte, em 1885, e resistiu às incursões inglesas e francesas até 1898, quando os mahdistas perderam a Batalha de Karari.
- **Ahmad Bamba:** Em 1890, no atual Senegal, surgiu a figura de Ahmad Bamba e de sua confraria sufi Mouridiyya, criada por ele, que conseguiu congregar camponeses e escravos com o intuito de

fundar uma nova comunidade muçulmana no contexto da expansão colonial francesa. Considerado uma ameaça para os franceses, Ahmad Bamba foi perseguido, mas, em contrapartida, sua fama aumentou. Contemporaneamente, ele é reverenciado e reconhecido como um grande líder da resistência colonial por muçulmanos e não-muçulmanos.

BRASIL

■ FATOS

- Vinda da família real (1808): A fim de sediar a monarquia, a cidade do Rio de Janeiro sofreu uma série de transformações urbanas e culturais. Por conta da presença da realeza, o Brasil foi elevado à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves, em 1815.
- Revolução de 1817: eclodiu na cidade de Recife, no ano de 1817, uma grande revolta que se alastrou para o interior, atingindo as capitanias de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, seguida de proclamação da República. O movimento contou com a adesão de brancos, negros, mestiços livres e escravos, que se rebelaram contra a elevação dos impostos, causada pela instalação da Corte no Brasil. Além de causar ressentimento, a maior presença portuguesa na colônia levou a uma crise na produção de gêneros de primeira necessidade.
- Retorno da família real para Portugal e independência do Brasil, em 1822.
- A guerra da independência na Bahia: No ano de 1822, diversos incidentes ocorreram envolvendo portugueses e brasileiros em Salvador, por causa da independência. A repressão portuguesa se intensificou, atingindo, em especial, os setores populares, que viam no monopólio do comércio exercido pelos portugueses uma das causas principais da sua penúria. No interior, o “partido brasileiro”, sob controle dos grandes proprietários rurais, organizava milícias, compostas majoritariamente de negros e mestiços. Contudo, havia o medo de que, em função do conflito, surgisse um “partido negro” favorável a causas como o fim da escravidão. O conflito se

estabelece no seio do “partido brasileiro”, no qual se destacou a figura do médico mestiço **Francisco Sabino**, que acabou preso. Em função dessa situação, em 1823 o governo provisório tomou medidas para reconduzir a população escrava à “ordem”.

- Constituição outorgada em 1824.
- Confederação do Equador: Em 1824, eclodiu a Confederação do Equador, a partir da cidade de Recife. Seu objetivo era a constituição de uma república independente, formada pelas províncias do Nordeste. O movimento recebeu apoio das províncias do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Destacou-se, dentre os participantes, a figura de Frei Caneca, que terminou por ser executado junto com outras lideranças, por tropas leais ao imperador. Os objetivos eram lutar pelo federalismo e pelo fim do tráfico internacional para Recife.
- Abdicação de d. Pedro I e início do período regencial (1831).
- Lei de 1831, que garante aos escravos resgatados em embarcações que transportavam cativos (uma vez que o tráfico não era mais legal) o direito à liberdade.
- Cabanagem: Movimento que eclodiu na antiga província do Grão-Pará, entre 1835 e 1840, influenciado pela tensão entre portugueses e brasileiros, em função das lutas pela independência. Sob a liderança do cônego Batista Campos, índios, negros libertos e escravos que viviam em penúria depuseram uma série de governantes nomeados pela província. Os revoltosos eram chamados cabanos. Para retomar o controle da ordem, o governo da Regência reprimiu com energia os revoltosos e aniquilou o movimento. Estima-se que mais ou menos 30 mil habitantes de um total de 100 mil tenham morrido.
- Balaiada: Série de movimentos contestatórios ocorridos entre 1838 e 1841, no Maranhão e também no Piauí. Entre os líderes, Manuel Francisco dos Anjos, apelidado de **Balaio** porque fabricava e vendia esse produto, e **Raimundo Gomes**, vaqueiro, mestiço, que se revoltou contra o recrutamento obrigatório de negros e brancos pobres às tropas das províncias. Além disso, Raimundo desejava libertar seu irmão, que estava preso, acusado de assassinato.

Em sua trajetória, a Balaiada incorporou a participação de negros escravos, que formavam quilombos, dos quais se destacou o do **Negro Cosme**. Diante da dimensão do movimento, o governo provincial recebeu tropas do Rio de Janeiro, comandadas pelo coronel Luís Alves de Lima e Silva, que veio a ser o Barão de Caxias. Nomeado presidente da província, ele debelou a Balaiada em combates e por meio da exploração das rivalidades entre os balaios.

- Farroupilha: A revolta, que durou de 1835 a 1845, começou na província do Rio Grande do Sul e se espalhou pela província de Santa Catarina. Foi a mais longa de todas as revoltas do período regencial. No ano de 1838, foi proclamada a República Paratini ou Rio-Grandense. Em 1839, em Santa Catarina, foi fundada a República Juliana. Os farroupilhas queriam o federalismo, que garantiria seus interesses econômicos, mas não a separação política. Para reprimir a Farroupilha, Caxias foi designado presidente da província do Rio Grande do Sul. Como já fizera na Balaiada, explorou a rivalidade entre os revoltosos, vencidos também nos campos de combate.
- Sabinada: Liderada pelo médico mestiço **Francisco Sabino**, o movimento começou em 1837, na Bahia, e questionava a legalidade da Regência. Por isso, os líderes proclamaram uma república que duraria até a maioria de Pedro de Alcântara. No entanto, foram derrotados pelas tropas legalistas em 1838.
- Praieira: A Revolução Praieira foi uma revolução popular, ocorrida em Pernambuco, em 1848, cujo inimigo era o partido conservador da província. Dentre suas lideranças, destaca-se a figura de **Antonio Pedro de Figueiredo**, que era mestiço e jornalista, conhecido como **Cousin Fusco**, por ser um não-branco que havia traduzido a obra do filósofo francês Victor Cousin, *História da Filosofia*.
- Revolta de Carrancas (1833): Escravos das fazendas Campo Belo e Bela Cruz, cujas terras atualmente fazem parte do município de Cruzília, em Minas Gerais, revoltaram-se contra os seus senhores, matando-os e ameaçando a ordem política local. A repressão foi muito dura, e 16 escravos foram punidos sumariamente com a morte.

- **Revolta dos Malês:** Movimento que ocorreu na cidade de Salvador, na Bahia, liderado por escravos muçulmanos de origem haussá e nagô. Eles impressionaram as autoridades pelo planejamento e pelo uso da leitura e da escrita em árabe para a organização da revolta. A conspiração teve início em 1835, liderada por **Manuel Calafate, Aprígio e Pai Inácio**, que foram descobertos e vencidos. Contudo, conseguiram atacar o quartel que controlava a cidade. Mas, devido à inferioridade numérica e de armamentos, acabaram massacrados pelas tropas da Guarda Nacional, pela polícia e por civis armados, apavorados ante a possibilidade do sucesso da rebelião negra.
- **Lei contra revolta de escravos:** Pena de morte para revoltos, sem apelação (10 de junho de 1835).
- **Início do Segundo Reinado (1840).**
- **Abolição integral do tráfico de escravos (1850).**
- **Guerra do Paraguai:** Conflito ocorrido entre 1864 e 1870. De um lado, Brasil, Argentina e Uruguai, formando a Tríplice Aliança; de outro, o Paraguai.

O conflito teve início quando as relações entre o Brasil e o Uruguai chegaram a um ponto crítico, em virtude de constantes choques fronteiriços entre estancieiros uruguaios e rio-grandenses.

Em 1865, os aliados conseguiram a vitória naval na Batalha do Riachuelo e a rendição dos paraguaios, que haviam chegado a Uruguiana, no Rio Grande do Sul. Tomando a ofensiva, sob o comando de Bartolomeu Mitre, presidente argentino, os aliados venceram as Batalhas de Passo da Pátria e Tuiuti (1866). Quando o então marquês de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva, assumiu o comando, a fortaleza de Humaitá foi conquistada, em 1867. López retirou-se para mais perto de Assunção, onde acabou derrotado nas batalhas da “dezembrada” (1868). A guerra acarretou dificuldades para os contendores, particularmente o Paraguai, que teve grandes perdas em vidas e recursos.

- **Crise do Segundo Reinado (por volta de 1870 – fim da Guerra do Paraguai – até 1889).**

- **Lei do Ventre Livre (1871):** O projeto da Lei do Ventre Livre foi proposto pelo gabinete conservador, presidido pelo visconde do Rio Branco, em 27 de maio de 1871. Por vários meses, deputados dos Partidos Conservador e Liberal discutiram a proposta. Em 28 de setembro de 1871, a Lei nº 2.040, após ter sido aprovada pela Câmara, foi também aprovada pelo Senado. Embora tenha sido objeto de grandes controvérsias no Parlamento, a lei representou, na prática, um passo tímido na direção do fim da escravatura.
- **Lei dos Sexagenários:** Mesmo sendo uma lei de pouco efeito prático, já que libertava escravos que, por sua idade, constituíam uma força de trabalho pouco valiosa, a Lei dos Sexagenários provocou grande resistência dos senhores de escravos e de seus representantes na Assembléia Nacional. A Lei, de nº 3.270, foi aprovada em 1885, e ficou conhecida como a Lei Saraiva-Cotegipe, ou Lei dos Sexagenários.
- **Abolição da Escravatura:** No dia 13 de maio de 1888, a princesa regente, dona Isabel, assinou a Lei nº 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, libertando os escravos.
- **Proclamação da República (1889).**

■ PERSONAGENS

- **Padre José Maurício Nunes Garcia:** Nasceu em 1767, no Rio de Janeiro, e morreu em 1830, na mesma cidade. Mestiço, neto de escravos e músico autodidata, Padre José Maurício criou mais de 600 composições. Destacou-se nos cargos de mestre de capela da catedral e, posteriormente, de organista da capela real no Rio de Janeiro.
- **Manuel Congo e a rainha Maria ou Mariana Crioula:** Líderes da grande revolta de Vassouras, no Rio de Janeiro, em 1835. Estima-se que tenham participado cerca de 500 escravos. Iniciada após as revoltas das Carrancas e dos Malês, trouxe o medo da “rebelião negra” à tona. O governo imperial enviou Luís Alves de Lima e Silva para reprimi-la, como fizera em outras revoltas.
- **Voluntários da Pátria:** D. Pedro II, através de decreto, criou os corpos de Voluntários da Pátria. Os recrutas eram provenientes de alis-

tamento voluntário, da Polícia e da Guarda Nacional. Negros e mestiços libertos e escravos também integravam as tropas. Sem preparo e condições adequadas de alimentação, vestuário e assistência médica, muitos morreram antes mesmo de chegar ao Paraguai.

- **Luiz Gama** (1830-1882): Filho de português com **Luiza Mahin**, negra acusada de se envolver com a Revolta dos Malês, na Bahia, em 1835. Vendido como escravo pelo pai, aos 18 anos, sabendo ler e escrever, conseguiu provas irrefutáveis da ilegalidade de sua condição, uma vez que sua mãe era livre. Foi um dos abolicionistas mais atuantes de São Paulo e obteve nos tribunais a libertação de centenas de escravos mantidos injustamente em cativeiro ou acusados de crimes contra os seus senhores.
- **André Rebouças** (1838-1898): Nasceu na Bahia, filho do advogado Antonio Rebouças, que fora deputado e conselheiro de D. Pedro I. Formado em Engenharia em 1880, tornou-se uma das maiores autoridades brasileiras em engenharia ferroviária e hidráulica. Serviu como engenheiro na Guerra do Paraguai. Destacou-se também como grande e aguerrido abolicionista, sendo um dos fundadores da Sociedade Brasileira contra a Escravidão.
- **Cruz e Souza** (1861-1898): Nasceu na antiga Desterro (atual Florianópolis, em Santa Catarina), filho de um casal de forros (libertos). Sua educação foi custeada pelo patrão de seus pais, de quem adotou o sobrenome. Foi grande poeta e defensor da abolição da escravatura. Em 1890, veio para o Rio de Janeiro, tendo sido nomeado funcionário da Estrada de Ferro da Central do Brasil. Em 1893, lançou os livros *Missal* e *Broqueis*. Ao longo da vida, publicou importantes obras poéticas, que o consagraram como expoente do simbolismo brasileiro.
- **Auta de Souza** (1876-1901): Nasceu no Rio Grande do Norte, em 1876, e foi criada pelos avós maternos. Educada em colégio católico, aprendeu francês, literatura, música e desenho. Devido à tuberculose, aos 14 anos deixou o colégio, tornou-se autodidata e, mais tarde, uma grande e importante poeta. Anos após a sua morte, em 1936, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras criou a Poltrona nº XX, dedicada a Auta de Souza, em reconhecimento à sua obra poética.

- **Dom Obá II d'África:** Nasceu em Vale dos Lençóis, sertão da Bahia, por volta de 1845. Foi batizado com o nome de Cândido da Fonseca Galvão. Dizia-se neto do poderoso rei Alafin Abiodun, unificador do império iorubá. Seu carisma levou-o a conhecer o imperador d. Pedro II.
- **Machado de Assis** (1839-1908): Nasceu no Rio de Janeiro, filho de um pintor mestiço com uma lavadeira portuguesa. Com a morte da mãe, foi criado por uma madrasta, a quem ajudava na venda de doces. Autodidata, foi cronista, dramaturgo, poeta, novelista, crítico e ensaísta. Escreveu dezenas de obras, que o tornaram célebre. Machado foi um grande intelectual brasileiro, sendo um dos fundadores – e primeiro presidente – da Academia Brasileira de Letras.
- **José do Patrocínio** (1853-1905): Nasceu em Campos, no Rio de Janeiro, filho natural do padre João Carlos Monteiro e da escrava Justina Maria do Espírito Santo. Conhecido como **Patrono da Abolição**, José do Patrocínio foi orador, poeta e romancista, considerado o maior de todos os jornalistas da Abolição. Elegeu-se para a Câmara Municipal em 1886 e 1887. Com a República, tornou-se um dos opositores a Floriano Peixoto e, por causa disso, foi deportado para Cacuí, no Amazonas. Destacou-se por ter sido também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

SÉCULOS XX E XXI

MUNDO

■ FATOS

- Fundação do Congresso Nacional Africano (1912): Através do CNA, importantes lideranças negras da África do Sul lutaram contra as leis segregacionistas do período colonial. Sua atuação foi importante, principalmente, depois de 1948, quando terminou o mandato britânico e as lideranças da minoria branca, que receberam o poder dos britânicos, promulgaram o *apartheid*, pa-

lavra africâner que significa separação. Nessa segunda fase, destacam-se as figuras de Oliver Tambo e **Nelson Mandela**.

- Primeira Guerra Mundial (1914-1918): Conflito entre as potências da Europa Ocidental, fomentado pelas disputas coloniais, por mercados consumidores e pela corrida armamentista, ganha pela primeira vez dimensões mundiais. Entre as conseqüências da guerra, destacam-se o elevado número de mortos, o início da crise do liberalismo e as crises econômica e social, particularmente agravadas pela **crise de 1929**, decorrente da quebra da Bolsa de Valores de Nova York. O resultado dessa crise foi o questionamento da existência da sociedade liberal que, somado ao medo da possibilidade de eclosão de revoluções socialistas na Europa (em função do êxito da **Revolução Russa**, em 1917), deu margem à criação de regimes políticos totalitários a partir das décadas de 1930 e 1940.
- Rastafári: Movimento estabelecido na Jamaica por volta da década de 1930, combina elementos de uma religiosidade profética com a idéia de um deus negro e de um messias. Nesse aspecto, a história do cristianismo da Etiópia e da figura do monarca, denominado *Negus* (o rei dos reis), tem um papel importante para a estruturação do pensamento rastafári, além da filosofia pan-africanista e das idéias do Movimento Black Power, de Walter Rodney.
- Segunda Guerra Mundial (1939-1945): Esse segundo conflito foi marcado pelo confronto dos Aliados (Europa Ocidental e Estados Unidos) contra o Eixo (Roma-Berlim) e contou em suas fileiras com destacamentos de soldados provenientes das colônias européias na África e na Ásia. Além do número elevado de mortos e dos horrores que se seguiram à descoberta dos campos de concentração nazistas, onde judeus e inimigos políticos eram condenados ao trabalho escravo, torturas e morte, destacam-se como importantes conseqüências do conflito o fim da hegemonia britânica, a ascensão dos EUA como grande potência e o início dos conflitos de libertação dos povos africanos e asiáticos.
- Criação do Fundo Monetário Internacional (FMI), em 1945.
- Criação da ONU (1945) para substituir a antiga e falida Liga das Nações, que tinha como objetivo garantir a soberania das nações, a paz e a autodeterminação dos povos.

- Promulgação do *apartheid* na África do Sul (1948): Com o fim da administração colonial britânica e a passagem do poder para a minoria africâner, promulga-se o *apartheid*, em substituição às leis segregacionistas do período colonial.
- Criação do Estado de Israel pela ONU (1948) e conflitos árabe-israelenses: Em 1947, a ONU dividiu o território da Palestina em dois Estados: um judeu e outro árabe. Em 1948, os judeus proclamaram o Estado de Israel, levando os países árabes a uma guerra que terminou em 1949, com a vitória de Israel e a tomada de 75% do território palestino.

Em 1956, os israelenses ocupam a região durante a crise do Canal de Suez. Em 1967, após a saída do canal, Israel toma a Faixa de Gaza. A série de conflitos entre palestinos e israelenses conheceu momentos de trégua, que se seguiram aos acordos de Camp David (1978-1979), de Gaza-Jericó ou de Oslo (1993) e de Taba ou Oslo II (1995). Com o assassinato de Yitzak Rabin pelo extremista israelense Yigal Amir, os dois últimos acordos fracassaram.

Em 1997, ocorreu uma grave crise quando o primeiro-ministro Benjamim Netanyahu aprovou a construção de 6.500 moradias para judeus na área árabe de Jerusalém. Em 1998, com a interferência dos EUA, foram reiniciadas as negociações de paz, interrompidas pela recusa de Netanyahu em fazer a desocupação.

Em 2000, retomam-se as negociações sobre o estatuto dos territórios palestinos, sem solução. Nova série de conflitos foi deflagrada pelas ações do primeiro-ministro Ariel Sharon, seguida por dificuldades da Autoridade Nacional Palestina de conter as milícias, como o Hamas, por exemplo, que se confrontavam com as tropas israelenses. Atualmente, segue-se uma série de intervenções e conflitos entre as duas partes, com momentos importantes, como a morte de Yasser Arafat, em 2004, e a retirada dos colonos judeus da Faixa de Gaza, em 2005.

- Descolonização dos países afro-asiáticos: A partir dos anos 1950, desenvolve-se a luta de libertação de diversos povos africanos e asiáticos. Novas nações se constituíram durante a **Guerra Fria**, iniciada no pós-guerra, quando Estados Unidos e União Soviética

tica disputavam áreas de influência na África e na Ásia. A rivalidade entre as duas potências se fez sentir em conflitos importantes como a Guerra da Coréia (1950-1953), a Revolução Cubana (1959) e a Guerra do Vietnã (1961-1975), que custaram milhares de mortos e representaram grandes transformações políticas na ordem mundial, influenciando o surgimento de diversos movimentos de contestação política com dimensões planetárias.

- Fundação da República Popular da China (1949).
- Revolução Cultural Chinesa (1966-1976).
- Guerra da Argélia: Luta pela libertação da Argélia do mandato colonial francês, conduzida pela Frente de Libertação Nacional (FLN), sob a liderança de Ahmed Ben Bella. O governo francês iniciou a repressão contra os nacionalistas argelinos: foram enviados mais de 500 mil soldados para a Argélia, a fim de lutar contra a FLN. Apesar da dura repressão, os argelinos prosseguiram nos combates. Destaca-se o engajamento de **Franz Fanon**, médico da Martinica, na luta ao lado dos argelinos. Em 1962, com o Armistício de Evian, a independência da Argélia foi estabelecida e Ben Khedda se tornou o primeiro presidente do país.
- Luta pelos direitos civis: Ao longo da década de 1960, o movimento pelos direitos civis da população negra norte-americana repercutiu em todo o mundo, conseguindo o fim das leis segregacionistas que marcavam as relações raciais nos EUA. Dentre as lideranças, destacam-se o reverendo Martin Luther King e Malcolm X. Os dois líderes, por caminhos distintos, realizaram grandes mobilizações populares e políticas e conquistaram o direito de cidadania para a população negra do país, influenciando outros movimentos anti-racismo em todo o mundo.
- Conferência de Monróvia: Em maio de 1961, na capital da Libéria, 19 Estados africanos debateram a política de não-violência entre Estados, o respeito à integridade territorial e a igualdade de todos na cooperação internacional.
- A Guerra de Biafra (1967-1970): Em função da disputa pela riqueza petrolífera na região de Ibos, na Nigéria, formaram-se dois campos de força opostos, que provocaram o conflito: de um lado,

França, Portugal, África do Sul e Rodésia, que apoiavam a República de Biafra; de outro, Inglaterra e Estados Unidos, que apoiaram a federação nigeriana. As conseqüências da guerra foram milhares de mortos e a aprovação, pela maioria dos Estados africanos, da necessidade de se manter as fronteiras existentes.

- Na África do Sul, destaca-se a prisão de Nelson Mandela, em 1964, e a continuidade das lutas contra o *apartheid* que, a partir de 1970, vão mobilizar ainda mais a opinião pública mundial. Outro destaque é a luta empreendida por Steve Biko, que, através do princípio da “Consciência Negra”, ensinava combater os efeitos psicológicos, sociais e políticos causados por anos de segregação. Em 1990, Mandela foi solto, devido ao aumento da militância dos movimentos contra o *apartheid* dentro da África do Sul e à solidariedade internacional, que começaram a se fortalecer na década de 1980, somados aos embargos econômicos. Em 1994, ele foi eleito presidente da República Sul-Africana.
- Revolução Iraniana (1979).
- Fim da União Soviética e Queda do Muro de Berlim (1989): Esses acontecimentos transformaram a ordem política mundial. Emergem novas nações, que faziam parte do antigo bloco socialista. A transformação geopolítica, ocasionada pelo fim da URSS, fez eclodir diversos conflitos, como a Guerra da Bósnia e a Guerra de Kosovo.
- Guerra Civil em Angola: Em 11 de novembro de 1975, Portugal saiu formalmente de Angola, encerrando o colonialismo luso na região. O líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Agostinho Neto, assumiu o governo em 1976. No entanto, o processo de construção da nação foi marcado por conflitos com a Unita, liderada por Jonas Savimbi até o ano de 2000, quando as forças que o apoiavam se enfraqueceram, dentre elas a ditadura de Mobuto, no Zaire, que chegou ao fim em 1997. A guerra civil acaba em Angola no ano de 2002.
- Guerra Civil em Moçambique: Em 1975, Moçambique tornou-se independente, e Samora Machel, da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), foi o primeiro presidente do país. No entanto, a trajetória de construção do Estado foi marcada pelo conflito

com a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), que, por sua vez, não podia contar mais com o apoio da África do Sul, que vivia o fim do apartheid. Dessa forma, o acordo de paz em Moçambique foi assinado com mediação da ONU, em 1992. Em 2000, houve eleições sob a supervisão da ONU. Joaquim Alberto Chissano, que governa Moçambique desde 1986, foi reeleito presidente.

- Guerra Irã-Iraque (1980-1988).
- Massacre de Ruanda: Lideranças que se autoproclamavam representantes do “poder hutu” iniciaram o genocídio da população de origem tutsi em Ruanda, no ano de 1994. Destaca-se a intervenção tardia dos organismos internacionais, em especial da ONU, para a solução do conflito.
- Guerra Civil no Sudão: Em 1989, a Frente Nacional Islâmica (NIF) deu um golpe de Estado que acentuou o conflito entre as regiões Norte (de maioria islâmica) e Sul (populações não-muçulmanas) do país. Até 2006, já havia custado milhares de vidas.
- Guerra Civil na Argélia: O país entrou em guerra civil no ano de 1992 por causa do golpe de Estado contra a Frente Islâmica de Salvação (FIS). Partidários do governo e da oposição entraram numa luta fratricida, que provocou mais de 100 mil mortes, entre 1992 e 2000.
- Guerra do Golfo (1990-1991).
- 11 de Setembro de 2001: Ataque às torres do World Trade Center, em Nova York. Em resposta à agressão, o governo norte-americano iniciou uma guerra contra o governo dos talibãs no Afeganistão. Em 2002, os Estados Unidos invadiram o Iraque, comandado pelo ditador Saddam Hussein. Em 2006, o conflito permanece, com grande número de mortos e feridos.

■ PERSONAGENS

- **William du Bois:** Nasceu em 1868, em Great Barrington, Massachusetts, e morreu em 1963, em Accra, Gana. Foi escritor, cientista social, co-fundador da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (NAACP) e dos Congressos Pan-Africanos. Foi editor da revista *The Crisis*, da NAACP. Além da luta e da pro-

dução intelectual contra o racismo, du Bois destacou-se pela postura contrária ao imperialismo e expressou simpatia pelo socialismo, em função da visita que fez à URSS em 1926. Nos anos 1950, engajou-se na luta internacional pela paz. Por sua militância, foi premiado em Moscou, em 1959. Du Bois foi um amigo importante e colaborador de Nkrumah durante o processo de independência de Gana. Nos anos 1960, iniciou o projeto da *Enciclopédia Africana*, mas não conseguiu completá-la antes de sua morte, em 1963.

- **Marcus Garvey:** Nasceu em 1887, em Saint Ann's Bay, Jamaica, e morreu em 1940, em Londres, Inglaterra. Foi fundador e líder da Universal Negro Improvement Association (Unia), Associação para a Promoção Universal do Negro, que se preocupava em desenvolver uma economia negra auto-suficiente e o orgulho de ser negro. Na adolescência, participou do movimento anticolonialista na Jamaica. Ao longo da vida, dedicou-se à Unia e à luta pelo resgate da auto-estima das populações negras e da auto-suficiência econômica. Por seu trabalho, Garvey tornou-se uma referência para o movimento rastafári jamaicano e para os integrantes da Nação do Islã, nos Estados Unidos.
- **Jomo Kenyatta:** Nasceu em 1894, em Ichaweri (atual Quênia), e morreu em 1978, em Mombasa, no mesmo país. Foi o primeiro presidente do Quênia. Sua trajetória influenciou os demais líderes africanos durante a luta contra o colonialismo na África. Na juventude, trabalhou como funcionário público em Nairóbi. Nessa época, integrou-se à Associação Central Kikuyu (KCA), que deu origem à União Africana do Quênia (KAU), através da qual Kenyatta foi eleito presidente, em 1947. Por meio dessa associação, e também devido à rebelião dos guerrilheiros **Mau Mau**, o colonialismo no Quênia entrou em crise. Nos anos 1960, Kenyatta negociou os termos da independência do Quênia com os ingleses e, em 1963, foi eleito primeiro-ministro do país. Como o Quênia tornou-se oficialmente uma república, Kenyatta candidatou-se a presidente e governou até sua morte, em 1978.
- **Léopold Sédar Senghor:** Nasceu em 1906, em Ndiztor, no Senegal. Foi poeta, filósofo e fundador do movimento cultural e político conhecido como Negritude. Foi eleito presidente do Senegal

e governou o país de 1960 a 1980. Na juventude, destacou-se pelo brilho intelectual na École Normale Supérieure de Paris e conviveu com importantes intelectuais negros dos anos 1930, como **du Bois** e **Aimé Césaire**. Após a Segunda Guerra Mundial, Senghor engajou-se na luta anticolonial, através de sua militância e do movimento Negritude. Destacou-se também pelas obras que publicou, com muito sucesso. Morreu na França, em 2001.

- **Kwame Nkrumah**: Nasceu em 1909, em Nkroful, antiga Costa do Ouro, atual Gana, e morreu em 1972, de câncer em Bucareste, na Romênia. Líder nacionalista, foi primeiro-ministro da Costa do Ouro de 1952 até a independência, em 1957. Depois, foi primeiro-ministro da Gana independente de 1957 a 1960, e por fim presidente, de 1960 a 1966. Nkrumah era ligado ao Pan-Africanismo e advogava a busca de um caminho africano para o socialismo. Além disso, teve uma grande atuação na ONU e na campanha contra a Guerra do Vietnã
- **Alioune Diop**: Nasceu em Saint Louis, Senegal, em 1910, e morreu em 1980, em Paris, na França. Foi editor e escritor e destacou-se como a figura central do Movimento da Negritude. Educado em Saint Louis, na Argélia e em Paris, tornou-se professor de literatura clássica na capital francesa e foi representante do Senegal no Senado francês. Diop fundou a *Présence africaine*, importante periódico que contribuiu para a luta anticolonial.
- **Aimé Césaire**: Nascido em 1913, na Martinica, Césaire foi um grande poeta e um dos ideólogos, juntamente com **Léopold Senghor**, da filosofia da negritude. Destacou-se por sua atuação política como deputado pela Martinica, em 1945, no parlamento francês, filiado ao Partido Comunista. Em 1956, fundou o Partido Progressista da Martinica (PPM) e distinguiu-se pela produção intelectual em relação à situação colonial. Na juventude, nos anos 1930, Césaire escreveu o *Cahier d'un Retour au Pays Natal*, uma das maiores obras da francofonia. São importantes também seus poemas revolucionários, influenciados pela negritude.
- **Nelson Rolihlahla Mandela**: Nasceu em 1918, em Mvego, África do Sul. Foi um dos mais importantes militantes contra o *apartheid* em seu país. Em 1964, foi condenado à prisão, tendo sido solto so-

mente em 1990. Após sua libertação, juntamente com os membros do Congresso Nacional Africano, iniciou campanha pela presidência da África do Sul, vindo a ser eleito em 1994. Nesse período, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em função de sua luta pelo fim do *apartheid* e pela transição de governo marcada pela busca da paz e não do confronto racial. Devido à sua trajetória, Mandela tornou-se símbolo internacional da luta contra o racismo.

- **Agostinho Neto:** Nasceu em Catete, Angola, em 1922, e morreu em 1979, de câncer, em Moscou, antiga União Soviética. Foi poeta, líder nacionalista e presidente da República Popular de Angola. Ao longo de sua vida, destacou-se na luta pela independência de Angola, tendo sido membro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Através desse movimento, foi eleito presidente em 1962, quando estava exilado no Congo, devido às suas atividades políticas. No retorno, assume a presidência e enfrenta grandes desafios, como a Guerra Civil, cujo fim não pôde presenciar em vida.
- **Amílcar Cabral:** Nasceu em 1924, em Bafatá, na antiga Guiné, e morreu em 1973, em Conacri, Guiné. Importante intelectual, contribuiu para a independência da Guiné e de Cabo Verde, a partir da fundação do Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC), em 1956. No período de 1963 a 1973, Cabral foi a principal liderança do processo de independência, como secretário-geral do PAIGC. Em 1973, políticos de oposição assassinaram-no em Conacri, na Guiné. Seu irmão, Luís Cabral, tornou-se presidente da Guiné-Bissau, em 1974.
- **Franz Fanon:** Nasceu em 1925, em Fort de France, Martinica, e morreu em 1961, em Washington, D.C., EUA. Ensaísta, psicólogo e líder revolucionário na Argélia, desenvolveu reflexões políticas importantes a respeito da descolonização. Foi introduzido no movimento Negritude por **Aimé Césaire**. Fanon contribuiu para o processo de independência dos países africanos através de duas obras, entre as quais *Os Condenados da Terra*, de 1961. Também foram importantes sua militância política no processo de libertação da Argélia e a solidariedade que prestou a outros líderes africanos dos anos 1950.

- **Patrice Lumumba:** Nasceu em 1925, em Onalua, no antigo Congo Belga, e morreu em 1965, em Katanga, na República do Congo. Foi líder da independência congoleza e primeiro-ministro da República Democrática do Congo. Durante a luta pela independência, fundou o Movimento Nacional Congolês (MNC). Ligado aos pan-africanistas, nacionalistas africanos como Nkrumah, foi profundamente influenciado por suas idéias nacionalistas e anticolonialistas. Em 1960, o coronel do exército congolês Mobuto Sese Seko deu um golpe de Estado e prendeu Lumumba, que foi logo assassinado.
- **Malcolm X:** Ao se converter ao islamismo, passou a se chamar El-Hajj Malik El-Shabbazz. Durante a militância religiosa e política, ficou conhecido como Malcolm X. Nasceu em 1925, em Omaha, Nebraska, e morreu em 1965, em Nova York.

Foi uma das figuras mais importantes do século XX na luta contra o racismo nos Estados Unidos. Converteu-se ao islamismo na prisão e se tornou uma das maiores lideranças da Nação do Islã, movimento fundado e liderado por Elijah Muhammad. Ao sair da prisão, confiaram-lhe um templo no Harlem, onde começou, com o apoio de Elijah, uma campanha forte contra o racismo, a partir da interpretação do Corão feita pela Nação do Islã.

Com o tempo, Malcolm X desenvolveu suas próprias interpretações, que conflitavam com as da Nação do Islã, o que o levou a deixá-la para fundar uma mesquita orientada pelo princípio de cooperação com a luta pelos direitos civis. Em 1964, após peregrinação a Meca, fundou a Organização da Unidade Afro-Americana. Esse projeto, no entanto, foi interrompido pelo seu assassinato, em 1965, pouco depois de planejar a apresentação de um documento em que denunciaria à ONU a violação dos direitos humanos dos afro-americanos.

- **Samora Machel:** Nasceu em 1933, em Chilembene, atual Moçambique, e morreu em 1986, em Mbuzini, na África do Sul. Foi líder revolucionário e primeiro presidente de Moçambique. Na juventude, integrou a Frente pela Libertação de Moçambique (Frelimo), liderada por Eduardo Mondlane, em 1962. Após trei-

namento militar na Argélia, retornou para a organização na luta armada. Em 1966, tornou-se secretário de Defesa da Frelimo e, em 1968, comandante-chefe. Com o assassinato de Mondlane, em 1969, Machel tornou-se presidente da Frelimo. Durante o seu governo como presidente de Moçambique independente, iniciado em 1975, Machel teve de lidar com a guerra civil contra a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), que não aceitava a Frelimo no poder. Machel morreu em 1986, em desastre aéreo na África do Sul.

- **Wole Soyinka:** Nasceu em 1934, em Abeokuta, Nigéria. Foi um dos escritores nigerianos mais aclamados internacionalmente e também o primeiro escritor africano a receber o Prêmio Nobel, no ano de 1986. Soyinka, através de suas obras e peças de teatro, retratava as injustiças e as dificuldades vividas pelas diferentes populações da Nigéria em face do domínio colonial e do racismo, no contexto da independência nigeriana. Em suas obras, percebe-se a presença da herança iorubá e também de sua formação cristã ocidental. Essa dualidade foi matéria-prima explorada em suas obras.
- **Steve Biko:** Nasceu em 1946, em Tarkastad, África do Sul, e morreu em 1977, em Porth Elizabeth, África do Sul. Foi fundador da organização dos estudantes sul-africanos e líder do movimento da Consciência Negra. Sua morte, nas dependências da polícia sul-africana, em 1977, suscitou uma série de manifestações que, somadas ao sucesso do filme *Um Grito de Liberdade (Cry Freedom)*, de 1987, baseado na obra de Daniel Woods, transformaram a figura de Biko num símbolo internacional da violência do *apartheid*.
- **Desmond Mpilo Tutu:** Nasceu em 1931, em Klerksdorp, África do Sul, e destacou-se pela luta contra o *apartheid*, tendo por isso recebido o Prêmio Nobel da Paz em 1984. Liderou a Comissão da Verdade e Reconciliação, que desempenhou papel importante na transição do governo de minoria branca para o de Nelson Mandela.
- **Mariama Bâ:** Nasceu em 1929, em Dakar, no Senegal, e morreu na mesma cidade, em 1981. Foi escritora e destacou-se pela luta em favor dos direitos das mulheres. Teve educação esmerada, uma vez que seu pai era ministro da Saúde e tinha boa situação

econômica. Autora de importantes romances que retrataram a situação da mulher. A partir de um drama pessoal, escreveu *Une si Longue Lettre* (1980), romance em que mostrou a inquietude feminina ante a poligamia.

BRASIL

■ FATOS

- Canudos: Movimento liderado por Antônio Conselheiro, a partir de 1890, em Canudos, no Arraial de Bom Jesus, Bahia. Os adeptos questionavam a República e os impostos que incidiam sobre a população sertaneja, além de serem contrários ao casamento civil, em função da forte religiosidade católica. O governo da Bahia, com auxílio das tropas vindas da capital federal, reprimiu duramente Conselheiro e seus liderados. Euclides da Cunha imortalizou os relatos sobre Canudos em sua obra *Os Sertões*, de 1902.
- Revolta da Vacina: Foram promovidas no Rio de Janeiro duas intervenções governamentais, em 1904 e 1905, que causaram a revolta da população mais empobrecida ante o processo de urbanização empreendido por Pereira Passos e em função também da campanha da vacina obrigatória. Eclodiu o conflito popular contra as tropas do governo, especialmente no Centro da cidade. As tropas, depois de uma semana, conseguiram retomar o controle da situação.
- Revolta da Chibata: Em 1910, marinheiros liderados pelo negro João Cândido se rebelaram contra o retorno da utilização da chibata como instrumento de castigo, tomando conta dos navios da esquadra brasileira, ancorados na Baía de Guanabara. O governo federal acatou as reivindicações, mas puniu duramente João Cândido e seus companheiros. Embora tendo sobrevivido à prisão, Cândido nunca foi reabilitado ou anistiado pela Marinha, vindo a morrer pobre, em 1969.
- Guerra do Contestado: Movimento liderado pelo monge João Maria na região limítrofe entre os Estados de Paraná e Santa Catarina, a partir de 1910. Os participantes desse movimento questionavam o regime republicano e o controle social da terra e da política pe-

los grandes proprietários da região. A repressão governamental foi dura, custando muitas vidas, como no caso de Canudos.

- República Velha (1889-1930).
- Frente Negra Brasileira: Fundada em 1932, em São Paulo, a FNB tinha como objetivo a união política e social dos negros em todo o Brasil para a afirmação dos direitos políticos e para o reconhecimento histórico da participação do negro na construção da sociedade brasileira. Foi extinta por Vargas, em 1937.
- Revolução de 1930.
- Primeiro Congresso Afro-Brasileiro (1934): Organizado em Recife, por Gilberto Freyre.
- FNB se torna um partido político em 1935 e 1936.
- Fechamento da Frente Negra por Vargas, em 1937.
- Estado Novo (1937-1945).
- Segundo Congresso Afro-Brasileiro: Organizado em Salvador (BA), por **Edson Carneiro**.
- União dos Homens de Cor: Formada por intelectuais, profissionais liberais e militares no final dos anos 1940, no Rio Grande do Sul, essa organização tinha como objetivo a conquista de direitos políticos e de ascensão social para seus engajados. A União dos Homens de Cor se espalha por várias cidades, de diferentes Estados brasileiros.
- Constituição de 1946.
- Construção de Brasília.
- Teatro Experimental do Negro: Companhia formada por atores, atrizes e dramaturgos, criada no Rio de Janeiro em 1944, a fim de redefinir o papel dos atores afro-brasileiros e do próprio teatro, a partir da iniciativa de Abdias do Nascimento. O grupo formou uma geração importante de atores negros, como José Maria Monteiro, Arinda Serafim e Marina Gonçalves. O Teatro Experimental foi encerrado em 1968, com o exílio de Abdias do Nascimento para os Estados Unidos. No entanto, a experiência dessa iniciativa fez frutificar diversos projetos que tiveram impacto importante no meio artístico brasileiro.

- Golpe de 1964 e instauração da ditadura militar (1964-1984).
- Criação do Movimento Negro Unificado (MNU): Organização criada em São Paulo, em 1970, para lutar contra a discriminação racial no Brasil. Durante sua trajetória, o movimento enfrentou duras dificuldades, em face da ditadura militar. Dentre suas lideranças nesse período, destacam-se Flavio Carranca, Hamilton Cardoso, Vanderlei José Maria e Abdias do Nascimento. Ao longo da história, o MNU integrou grupos de ação, comitês municipais da entidade e a executiva nacional. Tem como preocupação contemporânea a denúncia da violência policial, das dificuldades de oportunidades de emprego para jovens negros, além de defender ações afirmativas no campo da educação e melhorias na área da saúde e habitação dos afro-descendentes.
- Criação do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN): Fundado em 1975, no Rio de Janeiro, o IPCN foi fruto das lutas dos movimentos negros no Brasil. As lideranças das entidades negras do período receberam auxílio de organizações negras norte-americanas para a aquisição do prédio e o início das atividades. No espaço do IPCN eram organizados eventos voltados para o desenvolvimento cultural e político da juventude negra.
- Diretas Já, fim da ditadura e eleições: Em 1983, organizou-se em São Paulo o comício que reuniu cerca de um milhão de pessoas, além de diversos partidos políticos, que impulsionaram a campanha em favor das eleições diretas para a Presidência da República. Em 1984, a chapa de Tancredo Neves e José Sarney venceu as eleições, por via indireta. Em 1985, com a morte de Tancredo, Sarney assume a Presidência até 1989.
- Centenário da Abolição (1988).
- Criação da Lei nº 10.639/2003: Estabelece as diretrizes para o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira, dentro do contexto mais amplo das políticas de ação afirmativa. Destacam-se também a discussão e as iniciativas nacionais para o acesso às universidades através do sistema de cotas para candidatos afro-descendentes.

■ PERSONAGENS

- **Chiquinha Gonzaga:** Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de outubro de 1847, filha de uma mulata solteira com o marechal José Basileu Neves Gonzaga, na época primeiro-tenente. Pioneira da música popular brasileira, enfrentando preconceitos machistas, compôs músicas para 77 peças teatrais e assinou cerca de 2 mil composições. Chiquinha é autora de *Ó, Abre Alas*, a primeira marchinha de carnaval do país. Mais tarde, seu maxixe *Corta-Jaca* foi tocado pela primeira-dama Nair de Teffé, numa recepção no Palácio do Catete, para espanto geral.

Defensora dos direitos autorais, de que ela própria fora vítima, foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a Sbat, que existe até hoje, sempre em defesa dos direitos autorais dos músicos. Lutou pelo fim da escravidão e apoiou vivamente a causa republicana. Chiquinha viveu até os 87 anos, compondo até os 85, e faleceu no dia 28 de fevereiro de 1935, no Rio de Janeiro.

- **Dragão do Mar/Francisco José do Nascimento:** Nasceu em 15 de abril de 1839, em Canoa Quebrada, Ceará. De família de pescadores, foi criado pela mãe, Matilde, rendeira, sendo conhecido por muitos anos como Chico da Matilde. Seu pai morreu tentando a vida em um seringal na Amazônia, quando ele ainda era menino. Na fase adulta, tornou-se jangadeiro e foi herói da abolição da escravatura no Ceará. Sua bravura no bloqueio do porto de Fortaleza, impedindo o embarque de escravos, rendeu-lhe o apelido de “Dragão do Mar”. Em 25 de março de 1884, os abolicionistas da Corte levaram-no ao Rio de Janeiro para uma visita de 15 dias, com direito a desfile ao longo da cidade e festas em sua homenagem.

Com o advento da República, João Cordeiro assumiu brevemente a Presidência do Estado. Nessa ocasião, entregou ao Dragão do Mar a patente de major e ajudante-de-ordens do secretário-geral do Comando Superior da Guarda Nacional do Estado do Ceará, em reconhecimento à sua bravura. A Guarda Nacional era uma das corporações mais importantes do Estado brasileiro, com grande visibilidade social. O Dragão do Mar faleceu em 1914, em Fortaleza.

- **Tia Ciata/Hilária Batista de Almeida:** Nasceu na Bahia, em 1854. Aos 22 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, no êxodo que ficou conhecido como “diáspora baiana”. No Rio, casou-se com João Baptista da Silva, funcionário público, com quem teve 14 filhos. Mãe-de-santo respeitada, Hilária foi confirmada no santo como Ciata de Oxum, no terreiro de João Alabá, na Rua Barão de São Félix, onde também ficava a casa de **Dom Obá II** e o famoso cortiço Cabeça de Porco. Em sua casa, as festas eram famosas.

A Praça Onze ganhou o apelido de Pequena África porque era o ponto de encontro dos negros baianos e dos ex-escravos radicados nos morros próximos ao Centro da cidade. Lá se reuniam músicos amadores e compositores anônimos. A casa de Tia Ciata, na rua Visconde de Itaúna, 117, era a capital da Pequena África. Além disso, na sua casa, como nas das demais tias baianas, nasceu o samba no Rio de Janeiro. Ciata morreu em 1924, consagrando-se como símbolo da resistência cultural afro-brasileira.

- **Teodoro Sampaio:** Nasceu em 1855, na cidade de Santo Amaro, na Bahia. Era filho de uma escrava do engenho Canabrava e, supostamente, do sacerdote Manoel Fernandes Sampaio, que o alforriou no batismo. Há quem registre, no entanto, que seu pai foi o senhor de engenho Francisco Antônio da Costa Pinto. Um dos maiores engenheiros do país, além de geógrafo e historiador, Teodoro foi o primeiro a mapear a região da Chapada Diamantina. Suas anotações ajudaram Euclides da Cunha a escrever *Os Sertões*.

Foi um dos homens públicos de maior importância nos debates e projetos urbanísticos do país no final do século XIX e início do XX. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se ao livro *História da Fundação da Cidade da Bahia*, obra póstuma, publicada em 1949. Teodoro morreu antes de completar o último capítulo, em 15 de outubro de 1937, no Rio de Janeiro, onde residia.

- **Mãe Aninha:** Filha de africanos, Eugênia Ana dos Santos, ialorixá Obá Biyi, mais conhecida como Mãe Aninha, nasceu em Salvador, em 1869. Foi “feita” no candomblé do Engenho Velho, a casa de Mãe Nassô, fundado por volta de 1830 e o primeiro a funcionar regularmente na Bahia. Saiu de lá para formar uma nova

casa, o Ilê Axé Opô Afonjá, hoje patrimônio histórico nacional. Mãe Aninha sempre lutou para fortalecer o culto e garantir condições para o seu livre exercício. Segundo consta, por intermédio do ministro Oswaldo Aranha, que era seu filho-de-santo, provocou a promulgação do Decreto Presidencial nº 1.202, no primeiro governo de Getúlio Vargas, pondo fim à proibição aos cultos afro-brasileiros em 1934. Falecida em 1938, Mãe Aninha foi sucedida por Mãe Bada de Oxalá e, depois, por Maria Bibiana do Espírito Santo, Oxum Muiuíá, popularmente conhecida como Mãe Senhora de Oxum.

- **Benjamim de Oliveira:** Benjamin de Oliveira nasceu Benjamin Chaves em Pará de Minas, Minas Gerais, no dia 11 de junho de 1870. Foi o quarto filho do casal Malaquias e Leandra, escrava da fazenda onde nasceu. Até 1938, foi o principal nome do circo brasileiro, atuando no Circo Spinelli como “Tony” ou “Clown” e como ator teatral em diversas peças, promovidas como complemento da sessão circense. O circo-teatro teve o seu apogeu entre 1918 e 1938. Foi introduzido no Rio de Janeiro por Benjamim, que o iniciou com paródias de operetas e contos de fadas teatralizados, chegando à apresentação de peças de Shakespeare. Essa versatilidade fez com que a obra de Benjamim de Oliveira marcasse uma revolução no circo brasileiro. Foi aclamado Rei dos Palhaços Brasileiros, e respeitado por homens de teatro como Procópio Ferreira. Benjamin encerrou sua carreira no circo na década de 1940 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 3 de maio de 1954.
- **Juliano Moreira:** Nasceu em 6 de janeiro de 1873, em Salvador. De família pobre, entrou para a Faculdade de Medicina muito jovem, em 1886. Formou-se aos 18 anos, antes da Abolição. Em 1891, tornou-se professor de sua faculdade. Nessa época, já tinha trabalhos publicados em várias revistas científicas na Europa. De 1895 a 1902, freqüentou cursos sobre doenças mentais e visitou muitos asilos na Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia). De 1903 a 1930, no Rio de Janeiro, dirigiu o Hospício Nacional de Alienados. Juliano Moreira foi o primeiro psiquiatra brasileiro a receber reconhecimento internacional. Participou de muitos congressos médicos e por várias vezes representou o Brasil no

exterior. Foi membro de diversas sociedades médicas e antropológicas internacionais e destacou-se pelo trabalho desenvolvido como diretor do Hospital Nacional de Alienados, no período de 1903 a 1930. Faleceu em 1933, no Rio de Janeiro.

- **João Cândido:** João Cândido Felisberto nasceu no Rio Grande do Sul, em 1880. Filho de ex-escravos, aos 14 anos ingressou na Marinha. Entrou para a História como líder da Revolta da Chibata, em 1910, contra os castigos físicos impostos aos marinheiros. Por conta desse evento, foi apelidado de “Almirante Negro”. Banido da Marinha, chegou a ser internado em um hospício. Foi absolvido, mas nunca deixou de ser vigiado pela polícia. Morreu em 1969, aos 89 anos, no anonimato.
- **Lima Barreto:** Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro, filho de um tipógrafo e de uma professora, ambos mestiços. Perdeu a mãe aos 7 anos. Em 1902, teve de abandonar o curso de Engenharia para assumir a chefia e o sustento da família, uma vez que seu pai sofria de doença mental. A família mudou-se para o subúrbio do Engenho de Dentro. Funcionário público, cronista e romancista, Lima Barreto sofreu com o preconceito da sociedade carioca, pois era pobre e mestiço. Alcoólatra, foi aposentado em dezembro de 1918. Mudou-se com a família para Todos os Santos, onde morou até morrer, de colapso cardíaco, em 1º de novembro de 1922.
- **Mário de Andrade:** Mário Raul Moraes de Andrade nasceu em 9 de outubro de 1893, em São Paulo, filho de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luisa Leite de Moraes. De família abastada, era afro-descendente por parte de mãe e pai. Mário foi poeta, romancista, folclorista, crítico de arte, músico e pesquisador musical. Durante três décadas, foi o maior símbolo da vanguarda brasileira e um dos maiores renovadores da vida cultural e intelectual de nosso país. Morreu em sua casa, em 1945, de enfarte.
- **Mãe Menininha do Gantois:** Escolástica Maria da Conceição Nazaré, nome de batismo de Mãe Menininha do Gantois, nasceu em 10 de fevereiro de 1894, na cidade de Salvador, e era neta de escravos. O Terreiro do Gantois foi fundado por sua bisavó, Maria Júlia da Conceição Nazaré, em 1849. Nos mais de 60 anos em

que liderou o Terreiro do Gantois como relações-públicas de sua religião, Mãe Menininha sempre se mostrou disponível para explicar o candomblé a quem se interessasse. Além disso, sempre teve um ótimo relacionamento com governantes, artistas e intelectuais e também conquistou o respeito de líderes de outros terreiros e até de sacerdotes católicos. Morreu em 13 de agosto de 1986, aos 92 anos, na cidade de Salvador.

- **Pixinguinha:** Alfredo da Rocha Vianna Filho nasceu em 23 de abril de 1897, no bairro de Piedade, subúrbio do Rio de Janeiro. De família numerosa e amante da música, aprendeu cedo a tocar vários instrumentos: aos 11 anos, Pixinguinha já tocava cavaquinho. Depois disso, apresentou-se em cassinos, cabarés e bares, tornando-se rapidamente bastante conhecido nas noites da Lapa, reduto da boemia carioca. Sua genialidade musical foi reconhecida em vida: a rua onde morava em Ramos ganhou o seu nome. A convite do presidente Juscelino Kubitschek, almoçou com Louis Armstrong. Em 17 de fevereiro de 1973, aos 74 anos, Pixinguinha teve um segundo enfarte, durante um batizado em que seria padrinho. Apesar de ter sido socorrido às pressas, faleceu.

- **José Correia Leite:** Nasceu no dia 23 de agosto de 1900, em São Paulo. De família muito pobre, cedo teve de trabalhar. Foi entregador de marmitas, lenheiro e cocheiro. Autodidata, teve o incentivo de uma antiga patroa, professora, para que estudasse sozinho.

Tornou-se um dos expoentes do movimento negro brasileiro. Aos 24 anos, junto com Jayme de Aguiar, fundou o jornal *O Clarim*, rebatizado posteriormente de *O Clarim d'Alvorada*. Um dos mais ativos nomes do movimento negro brasileiro, em 1931, ajudou a criar a Frente Negra Brasileira. Em 1956, foi fundada a Associação Cultural do Negro, na qual Correia Leite assumiu a função de presidente do Conselho Deliberativo, até 1965. Em 1960, participou da fundação da revista *Níger*. Além da militância, na qual foi uma referência, preocupou-se em construir um diálogo com os pesquisadores que se debruçavam sobre a questão racial. Faleceu em 27 de fevereiro de 1989, em São Paulo, aos 88 anos de idade.

- **Paulo da Portela:** Paulo Benjamin de Oliveira nasceu em 17 de junho de 1901, no bairro da Saúde. Viveu muitos anos na Pra-

ça Onze. Contribuiu para que o samba, como era cultivado nos morros e na Praça Onze, ganhasse visibilidade, se tornasse popular e bem aceito. Aproximou artistas, intelectuais e políticos do universo do samba. Mudou-se para Oswaldo Cruz, subúrbio carioca, no início da década de 1920. Muito festeiro, fundou o primeiro bloco de Oswaldo Cruz: o Ouro Sobre Azul.

Em 1922, ao lado de Antônio Rufino dos Reis e Antônio da Silva Caetano, fundou o Bloco Baianinhas de Oswaldo Cruz. Foi nessa época que surgiu seu nome artístico, referência à Estrada do Portela, que servia para diferenciá-lo de outro Paulo, sambista de Bento Ribeiro. Em 11 de abril de 1926, foi fundado o Conjunto Carnavalesco Escola de Samba de Oswaldo Cruz, embrião da Portela. Antes de se estabelecer na Estrada do Portela, a futura agremiação teve várias sedes provisórias. A mais curiosa foi a utilização de um vagão do trem que saía da Central do Brasil em direção ao subúrbio, onde os sambistas se reuniam diariamente para ensaiar.

A Portela apresentou-se pela primeira vez com o nome Quem nos Faz É o Capricho, no carnaval de 1930. A partir de 1931, passou a usar o nome de Vai Como Pode, para finalmente, em 1935, assumir o nome G.R.E.S. Portela. Paulo morreu em 31 de janeiro de 1949, de ataque cardíaco. Seu cortejo fúnebre foi acompanhado por mais de 10 mil pessoas.

- **Antonieta de Barros:** Nasceu em Florianópolis, em 11 de julho de 1901. De família muito pobre, ainda criança ficou órfã de pai, sendo criada pela mãe. Aos 17 anos, ingressou na Escola Normal Catarinense, concluindo o curso em 1921. Em 1922, fundou o Curso Particular Antonieta de Barros, dedicado à alfabetização da população carente. Dirigido por ela até a sua morte, foi fechado em 1964. Professora de Português e Literatura, Antonieta exerceu o magistério durante toda a vida, inclusive em cargos de direção. Notabilizou-se por ter sido a primeira deputada estadual negra do país e a primeira mulher eleita deputada no Estado de Santa Catarina. Faleceu no dia 18 de março de 1952.
- **Cartola:** Agenor de Oliveira, imortalizado como Cartola, nasceu em 1908, no Rio de Janeiro, e morreu em 1980, na mesma cidade. Importante compositor, foi um dos fundadores da Escola

de Samba Estação Primeira de Mangueira, juntamente com Carlos Cachça. Na trajetória da Escola, Cartola pôde contar com o apoio de sua esposa, Zica. Seus sucessos foram recuperados pela Bossa Nova e continuam a ser muito admirados.

- **Edson Carneiro:** Importante antropólogo de origem mestiça, contribuiu para o estudo das religiões afro-brasileiras e organizou o Segundo Congresso Afro-Brasileiro, em 1937, dando oportunidade a lideranças do candomblé de participarem de um evento acadêmico. Ao longo da vida, publicou diversas obras, entre as quais se destaca *Candomblés da Bahia*, de 1948.
- **Leônidas da Silva:** Nasceu em 6 de setembro de 1913, na cidade do Rio de Janeiro, filho de uma cozinheira e de um marinheiro português. Começou sua carreira no Bonsucesso, em 1931.

Os dirigentes cariocas, impressionados com seu talento, convocaram o jogador para disputar o Campeonato Brasileiro de Seleções. Já famoso, Leônidas mudou-se para Vila Isabel, onde se tornou vizinho e amigo de Noel Rosa. Em 1932, foi a grande estrela da Seleção Brasileira na conquista da Copa Rio Branco, no Uruguai. Em 1933, o sucesso na Seleção levou o clube uruguaio Peñarol a contratá-lo. Mas, em pouco tempo, Leônidas voltou, assinando com o Vasco da Gama. Em 1935, foi campeão carioca pelo Botafogo. Em 1936, quando se transferiu para o Flamengo, tornou-se o maior ídolo da torcida rubro-negra. Disputou pelo clube 179 jogos, com 142 gols, e foi campeão carioca em 1939. Leônidas da Silva foi o primeiro negro a assumir a condição de astro do futebol brasileiro. Conhecido como “Diamante Negro”, inventou uma das jogadas mais extraordinárias do futebol: a bicicleta. Faleceu em 24 de janeiro de 2004, em São Paulo, aos 90 anos.

- **Carolina Maria de Jesus:** Nascida em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 14 de março de 1914, Carolina veio de uma família de oito irmãos, extremamente pobre. Cedo teve de trabalhar e cursou apenas até o segundo ano primário.

Na década de 1930, mudou-se para São Paulo, indo morar na favela do Canindé. Ganhava seu sustento e de seus três filhos cantando papel. No meio do lixo, Carolina encontrou uma caderneta. Transformou-a em diário e passou a registrar seu cotidiano de

favelada. Em 1960, descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, repórter da *Folha da Noite*, suas anotações foram transformadas no livro *Quarto de Despejo*, que vendeu mais de 100 mil exemplares. Carolina foi uma das duas únicas brasileiras incluídas na antologia de escritoras negras, publicada em 1980 pela Random House, em Nova York. *O Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*, publicado em Lisboa por Lello & Irmão, também dedica a ela um verbete. Faleceu em 1977.

- **Jackson do Pandeiro:** José Gomes Filho nasceu em Alagoa Grande, na Paraíba, em 31 de agosto de 1919. Conhecido como Jackson do Pandeiro, foi considerado um dos maiores ritmistas da história da MPB. Em 54 anos de carreira, ao lado de Luiz Gonzaga, popularizou as canções nordestinas pelo país inteiro. Jackson do Pandeiro faleceu no Rio de Janeiro, em 1982, em decorrência de complicações de uma embolia pulmonar e cerebral.
- **Elizeth Cardoso:** Nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1920. Sua família estava intimamente ligada à vida cultural da Praça Onze. Com ela, costumava freqüentar a Casa de Tia Ciata, mesmo morando em Jacarepaguá. Cantora de voz exuberante, ficou conhecida como “A Divina”, “A Magnífica”, “Enluarda” e “Lady do Samba”. Na década de 1960, Elizeth foi responsável pela consagração de vários sambistas. Gravou mais de 50 discos, entre eles o LP *Elizeth Sobe o Morro*, um destaque da discografia brasileira, que marcou a estréia de Nelson Cavaquinho em gravações e trouxe a primeira composição gravada de Paulinho da Viola. A cantora faleceu no dia 7 de maio de 1990, no Rio de Janeiro.
- **Milton Santos:** Nasceu em Brotas de Macaúbas, na Bahia, em 1926. É considerado o maior geógrafo brasileiro. Recebeu mais de 20 títulos de *doutor honoris causa*, escreveu mais de 40 livros e cerca de 300 artigos científicos. Lecionou nas mais conceituadas universidades da Europa e das Américas e foi o único estudioso fora do mundo anglo-saxão a ser distinguido com o mais alto prêmio internacional em Geografia, o Prêmio Vautrin Lud (1994), considerado o Nobel da Geografia. Foi o primeiro negro a obter o título de professor emérito da USP. Morreu aos 75 anos, no dia 24 de junho de 2001, na cidade de São Paulo.

- **Adhemar Ferreira da Silva:** Nasceu em 29 de setembro de 1927, na cidade de São Paulo. De família pobre, começou a trabalhar muito cedo. Trabalhando de dia e estudando à noite, o jovem Adhemar só conheceu o atletismo aos 18 anos, quando aproveitava a hora de almoço para treinar. Em seu primeiro salto, considerado excepcional para um iniciante, conseguiu a incrível marca de 12,90m. Entre a Olimpíada de 1948, em Londres e a de Helsínque, em 1952, além de bater o recorde sul-americano, que já perdurava por 25 anos, Adhemar bateu o recorde mundial, que até então pertencera a Nauto Tajima. Em 1951, foi campeão pan-americano em Buenos Aires, na Argentina. A Olimpíada de Helsínque o consagrou definitivamente. Faleceu em 2001, aos 73 anos, de parada cardíaca.
- **Lélia Gonzalez:** Nasceu em Belo Horizonte, em 1935, filha de ferroviário e mãe de origem indígena. Veio para o Rio na década de 1940. Lélia Almeida González foi uma militante constante da causa da mulher e do negro. Graduiu-se em História e Filosofia, fez mestrado em Comunicação e doutorado em Antropologia. Foi professora de várias universidades e escolas importantes. Seu último cargo acadêmico foi o de diretora do Departamento de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Dedicou sua carreira acadêmica ao estudo das relações raciais no Brasil, sendo a responsável pela introdução do debate sobre o racismo nas universidades brasileiras. Lélia participou da criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN-RJ), do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras-RJ e do Olodum-BA. Candidatou-se a deputada federal nas eleições de 1982 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), no Rio de Janeiro. Militou no PT entre 1981 e 1986. Nesse ano, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), disputando a eleição para deputada estadual. Faleceu no Rio de Janeiro, de enfarte, em 1994.

Como trabalhar a Roda do Tempo

O desejável é que o professor e a turma criem formas de trabalhar com a Roda do Tempo, inclusive ampliando-a. Contudo, sugerimos duas maneiras de fazê-lo:

- Você pode reproduzir e montar uma espécie de jogo. Monte sua roda com os círculos que se apresentam e rode com eles, brinque com eles, cirandeie... Invente!
- Pode ser feita outra montagem, a partir dos dados da roda.
- Monte cartões com os dados/base: período, fatos e personagens. Quatro cartões de cores diferentes e textura comum. Por exemplo, emborrachado, camurça...

1 cor para os séculos XVI e XVII

1 cor para o século XVIII

1 cor para o século XIX

1 cor para os séculos XX e XXI

Cartões

fatos do mundo

fatos do Brasil

Cartões

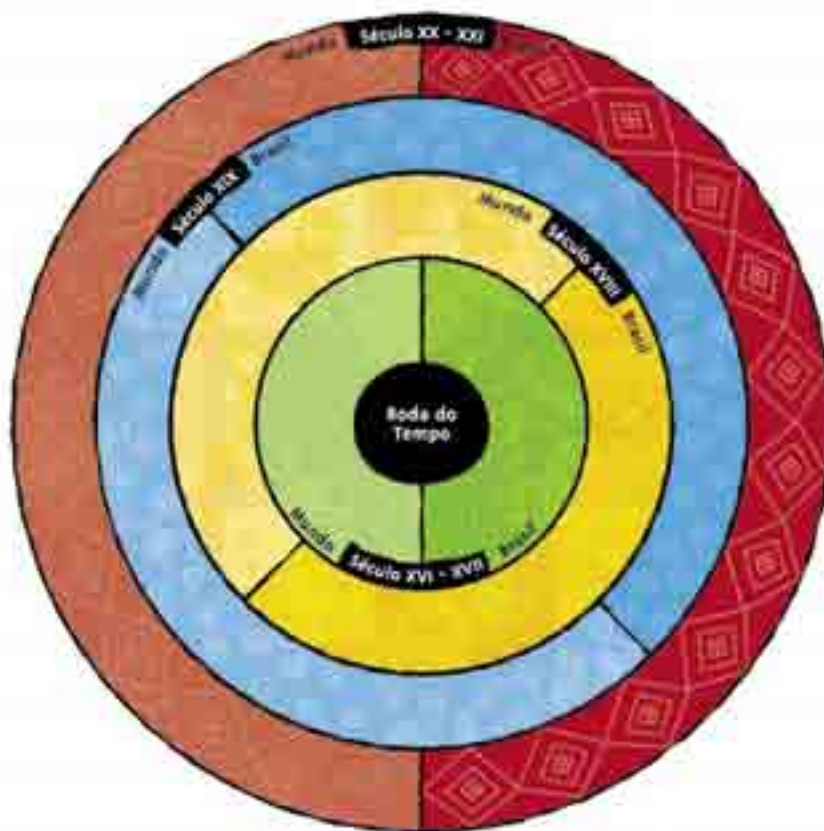
personagens fora do Brasil

personagens do Brasil

- O professor prepara os cartões. Pode ser como um jogo. Alguém retira o cartão para saber que período será trabalhado. Depois, vários colegas retiram outros cartões, que poderão ser referentes a fatos ou personagens do Brasil ou de fora do Brasil.
- Os jogadores terão um tempo para escolher um tópico dentro do tema do cartão sorteado. Depois, respeitando o tempo e o tema, todos deverão dar uma lida no material da roda.

- Cada aluno que retirou um tema deverá falar dele, sem no entanto identificá-lo. Os colegas que não pegaram cartões deverão dizer de que tema os expositores falam.
- Cada grupo sorteia um tema dentro de um período e deverá montar um trabalho sobre ele (mural, maquete etc.). Nesse caso, o professor deverá fazer, ou propor que os alunos façam, fichas sobre os temas (reproduzir em fichas o conteúdo da roda).
- Para os pequenos, o professor pode sortear um personagem e, no próximo encontro/aula, contar uma história sobre o personagem sorteado.

Apresentamos, a seguir, um exemplo de Roda do Tempo para você iniciar o trabalho em sala de aula. Pesquise outros, traga personagens de sua localidade, trabalhe com outras datas, enfim, construa em sala de aula a sua Roda do Tempo.



Referências Bibliográficas

OBRAS DE REFERÊNCIA

APPIAH, Kwame Anthony & GATES, Henry Louis (org). **Africana: the Encyclopedia of the African and African American Experience**. Nova York: Basic Civitas Book, 1999.

FLUEHR-LOBBAN, Carolyn & VOLL, John Obert. **Historical Dictionary of the Sudan**. Londres: The Scarecrow Press, 1992.

SILVA, Maria Beatriz. **Dicionário da História da Colonização Portuguesa**. Lisboa: Verbo, 1994.

SOURDEL, Dominique et Janine. **Dictionaire Historique del'islam**. Paris: PUF, 1998.

OBRAS

BARRY, Boubacar. **Senegâmbia: o Desafio da História Regional**. Rio de Janeiro: SEPHIS/UCAM, 2002.

FAGE, J.D. **Evolução da Historiografia da África**, in: KI-ZERBO, J. *História Geral da África, v. 1 – Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1998.

FURTADO, Junia Ferreira. **Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOMES, Flávio. **Negros e Política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GRIFFITHS, Graham. **José Maurício Nunes Garcia – Officium 1816**. São Paulo: Paulus, 1998.

MOTT, Luiz. **Rosa Egípcia: uma Santa Africana no Brasil**. São Paulo: Bertrand, 1993.

NEVES, José Maria. **Calíope – Conjunto de Música Antiga**. S/d.

SALLES, Ricardo Henrique & SOARES, Mariza de Carvalho. **Episódios da História Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: DP&A/Fase, 2005.

SERBIN, Sylvia. **Reines d'Afrique et Héroïnes de La Diáspora Noire**. Saint-Maur-des-Fossés: Ed. Sépia, 2004.

SITES CONSULTADOS

www.lexikon.mynetcologne.de (sobre Agotime)

www.pe-az.com.br/biografias/henrique-dias.htm (sobre Henrique Dias)

www.ikuska.com/Africa/Etnologia/mujer_historia.htm
(sobre Dona Beatriz Kimpa Vita)

<http://geocities.yahoo.com.br/luizmottbr/bibliog2.html> (sobre Rosa Egipcíaca)

www.multirio.rj.gov.br (sobre a Insurreição Pernambucana e as revoltas do período regencial)

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aos professores Mônica Lima e Souza (UFRJ/UFF), Sergio Fernandes Alois Schermann (Feuduc/Uniabeu), Odemir Capistrano (Feuduc) e Sandra Godin (USS/Feuduc).



Anotações



Lançar mundos no mundo

Há um trecho da música *Livros*, de Caetano Veloso, que diz: "Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso. (E, sem dúvida, sobretudo o verso). É o que pode lançar mundos no mundo." É esse o objetivo do projeto A Cor da Cultura, lançar mundos no mundo, ou seja, ser uma possibilidade para população lançar seus mundos, mostrar a sua Voz, Cor e Identidade, por meio do reconhecimento e do respeito aos saberes e fazeres da população afro-brasileira.

Existem vários modos de se ver e dizer algo. A Cor da Cultura lhe apresenta agora alguns dos Modos de Ver, Sentir e Interagir com a cultura afro-brasileira.

Secretaria Especial de
Políticas de Promoção da
Igualdade Racial



APOIO:
Ministério
da Educação

www.acordacultura.org.br